

Universidade Federal Fluminense
Instituto de Arte e Comunicação Social

Natália Nunes Andrade

**Ética e jornalismo esportivo: reflexões sobre a atuação
do repórter na cobertura de seu time de coração**

Niterói

2016

Natália Nunes Andrade

**Ética e jornalismo esportivo: reflexões sobre a atuação
do repórter na cobertura de seu time de coração**

Trabalho de conclusão de curso para obtenção do
diploma de graduação em Comunicação Social
(habilitação Jornalismo).

Orientador: Prof João Batista de Abreu

Niterói

2016

FICHA CATALOGRÁFICA

A568E Andrade, Natália Nunes.

Ética e jornalismo esportivo: reflexões sobre a atuação do repórter na cobertura de seu time de coração. / Natália Nunes Andrade. Niterói: UFF, 2016.

112 f.: il.

Orientador: João Batista de Abreu

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em Comunicação Social (hab. Jornalismo) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social, Niterói, 2016.

Bibliografia: 47 - 48

1. Ética jornalística 2. Jornalismo esportivo 3. Jornalistas esportivos – Atitudes 4. Futebol – Aspectos sociais. I. Abreu, João Batista. II. Universidade Federal Fluminense, Instituto de Artes e Comunicação Social. III. Título.

CDD 174.907

Natália Nunes Andrade

Ética e jornalismo esportivo: reflexões sobre a atuação do repórter na cobertura de seu time de coração

Trabalho de conclusão de curso para obtenção do diploma de graduação de Comunicação (habilitação Jornalismo), da Universidade Federal Fluminense.

Aprovada em _____

Banca examinadora:

Prof João Batista de Abreu (Orientador)
Universidade Federal Fluminense - UFF

Prof Dante Gastaldoni
Universidade Federal Fluminense – UFF

Prof Roberto Falcão
Faculdade Hélio Alonso e mestrando da UFF

Niterói

2016

AGRADECIMENTOS

São muitas as pessoas que merecem agradecimentos e aplausos.

Primeiramente, agradeço a minha família. Sempre ficarão faltando palavras que possam exprimir a eterna ajuda, paciência e apoio durante a realização da monografia e ao longo de toda a faculdade. À minha mãe Rosane, pela revisão do trabalho, ao meu pai Nelson, que se dedicou à formatação da monografia, ao meu irmão Daniel, minha cunhada Letícia e meu sobrinho Lucas, que mesmo longe sempre estiveram comigo nessa caminhada.

Aos meus amigos que aguentaram o nervosismo, a ansiedade e a falta de paciência. Obrigada pelas palavras de incentivo e pelos encontros de descontração.

À turma da UFF, que são também amigos, mas que merecem um agradecimento especial. Sem vocês, os quatros anos de faculdade não teriam sido os mesmos. Obrigada pela amizade, em cada conselho, cada conversa e cada cerveja. Meu eterno carinho a Mayara, Geovani, Nathália, Jackeline, Priscylla e Natasha, que me acompanharam em todo o percurso e que enfrentaram comigo todos os obstáculos.

Agradeço aos meus professores pelo conhecimento compartilhado, pelo crescimento como jornalista e, principalmente, como cidadã.

Ao meu orientador prof^o João Batista, dedico com carinho estas palavras pela competência, paciência e apoio durante a realização desta monografia.

A amiga Teresa Carvalho, com quem tenho compartilhado meus anseios e medos e pela colaboração na realização das entrevistas.

Agradeço aos que me indicaram os jornalistas para as entrevistas, como Fernandão, Renata Amaral e, especialmente, Danilo Santos, que foram de suma importância para que esta monografia se concretizasse.

Por último, mas não menos importante, agradeço a todos os entrevistados. Sem vocês nada disso seria possível. Obrigada pela enorme ajuda, tempo e paciência. Com vocês pude compreender o dia-a-dia da profissão e ter a certeza de que vocês serão um exemplo a seguir na minha atuação como jornalista. Muito obrigada!

O futebol é muito mais que um esporte, ou mesmo um modo de vida: é uma metáfora da nova ordem mundial, com toda a sua complexidade. Os clubes de futebol espelham classes sociais e ideologias políticas, e frequentemente inspiram uma devoção mais intensa que as religiões. É um esporte com interesses reais – capaz de arruinar regimes políticos e deflagrar movimentos de libertação.

Franklin Foer

RESUMO

O presente trabalho busca refletir como se configura a relação do repórter esportivo com seu clube de coração nas coberturas futebolísticas e verificar em que momentos o lado “torcedor” do jornalista aparece em detrimento da profissão. Foram realizadas entrevistas com setoristas para observar suas posturas durante a cobertura dos times de suas preferências e a demanda de informações que exigiam imparcialidade e objetividade. Procurou-se compreender a dualidade entre “paixão futebolística”, sentimento tão enraizado entre os torcedores e os profissionais da área, e a ética jornalística, de acordo com as normas estabelecidas pelo *Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros*.

Palavras-chaves: Ética jornalística; Jornalismo esportivo; Jornalistas esportivos – Atitudes; Futebol – Aspectos Sociais.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	08
1 ÉTICA NO JORNALISMO.....	11
1.1 Objetividade.....	14
1.2 Paixão x informação.....	19
2 PAIXÃO NO FUTEBOL.....	21
2.1 A popularização do futebol.....	21
2.2 Imprensa esportiva no Brasil.....	24
2.3 Paixão pelo futebol.....	27
3 REPÓRTER ESPORTIVO X CLUBE DE CORAÇÃO.....	31
3.1 Cobertura do time de coração.....	31
3.2 Fontes de Informação.....	35
3.3 Setorista fixo.....	41
3.4 Diferenças na cobertura.....	42
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	47
ANEXOS.....	49
ANEXO A - ENTREVISTAS.....	49
Entrevista 1 - Alceste Pinheiro.....	49
Entrevista 2 - Caio Barbosa.....	55
Entrevista 3 - Diego Rodrigues.....	63

Entrevista 4 - Janir Júnior.....	67
Entrevista 5 – Marcos Malafaia.....	74
Entrevista 6 - Marcos Penido.....	76
Entrevista 7 - Mário Jorge Guimarães.....	79
Entrevista 8 - Marluci Martins.....	81
Entrevista 9 - Maurício Loro.....	86
Entrevista 10 - Milton Costa Carvalho.....	90
Entrevista 11 - Ricardo Napolitano.....	94
Entrevista 12 - Sérgio Du Bocage.....	96
Entrevista 13 - Vinícius Perazzini.....	100
Entrevista 14 - Vitor Machado.....	103
ANEXO B - REPORTAGENS.....	106

Considerações iniciais

O futebol surgiu no Brasil, nos primeiros anos, restrito em sua prática aos círculos da elite brasileira. Com o passar dos anos, o futebol se tornou um esporte popular, apropriado pelas camadas menos favorecidas, que improvisavam nos campinhos de terra, traves com pedaços de madeiras, bolas de meia, etc. Era um esporte que possibilitava a qualquer um participar, barato e sem regras de exclusão.

Sousa, Rito e Leitão (1998, p. 46) escrevem que “Os excluídos (...) perceberam que as regras eram fáceis e que qualquer lugar e qualquer bola serviam. Viram naquele esporte um lazer barato e um meio de driblar o *apartheid* social.”

A popularização do futebol propiciou a criação dos primeiros diários esportivos que começaram a fazer sucesso na esteira da profissionalização do esporte. Surge a imprensa interessada no novo produto jornalístico: o futebol. Este se consolidaria como o esporte das massas.

Essa aproximação estreita do futebol com o “povão” tem gerado ao longo dos anos várias interpretações. Para muitos, futebol é coisa séria, mesmo que alguns digam o contrário. Da mesma forma que não é apenas um jogo. Futebol é mais que isso, é mais que entretenimento, é paixão, loucura, tristeza e alegria. É um esporte que leva multidões a lotarem estádios, dispostas a passar pelo menos 90 minutos de sofrimento a espera da felicidade de um gol. O torcedor é aquele que sofre, fala mal, fica triste com cada derrota, mas que apesar de tudo, continua amando seu time.

Acompanhar o futebol é um prazer para a maioria das pessoas, que vão aos estádios em seus horários de folga e depois do trabalho. Mas também há aqueles que unem paixão e trabalho, como os jornalistas esportivos, principalmente os setoristas. Vivem o clube como poucos. Estão presentes no dia-a-dia, acompanham o time, conhecem suas histórias. Continuam torcedores com suas preferências, mas também como profissionais da área. Diante de algumas coberturas deparam-se com emoções difíceis de administrar: “Como deixar a paixão de lado, como não soltar o grito na garganta que surge na vitória contra o maior rival, ou como não deixar escapar aquela lágrima quando perde o campeonato? Como se manter neutro, imparcial e objetivo?”.

Por causa dessas questões, a escolha do tema recai sobre a objetividade e a ética jornalística adotada pelos jornalistas esportivos no decorrer das atividades profissionais. O trabalho visa colocar em pauta essa análise.

O primeiro capítulo, *Ética no jornalismo*, busca entender e explicar o que é a ética jornalística e como ela guia o profissional. No exercício cotidiano da cobertura esportiva, a conduta ética se mistura com os valores morais que o jornalista adquire na formação pessoal. A ética no jornalismo seria a procura incessante de uma narrativa que contenha discursos que remetem a conceitos de verdade.

Também tratada no primeiro capítulo, a objetividade pode ser entendida como uma busca e aproximação do real através do jornalismo. Na apreciação da realidade, mesclam-se fatos e valores, que devem ser levados em conta pelo jornalista, como um exercício de dissociação, para alcançar o distanciamento entre o profissional e a notícia.

Ainda neste capítulo, procura-se compreender até que ponto a objetividade pode ser alcançada nos discursos jornalísticos e como os valores ideológicos estão presentes na produção da narrativa.

O segundo capítulo, *Paixão no futebol*, mostra como este esporte se tornou o mais popular do país. Nos primeiros anos, o futebol restringia-se à elite da sociedade, mas rapidamente transformou-se em um esporte popular, praticado por todos, inclusive negros e pobres, antes marginalizados.

Ao mesmo tempo em que o futebol se popularizava, a imprensa esportiva também se desenvolvia. O jornalismo esportivo era visto inicialmente com preconceito por parte da sociedade e dos próprios jornalistas, que acreditavam que o futebol não teria lugar dentro do jornal. A evolução do esporte bretão propiciou a criação de publicações esportivas. Surge em 1931 o *Jornal dos Sports*, o primeiro diário voltado para a cobertura esportiva. A popularização do futebol, o desenvolvimento dos jornais dedicados à cobertura de esportes, a realização da Copa do Mundo de 1950 no Brasil e o título de campeão mundial em 1958 ajudaram a transformar o futebol em paixão nacional.

O terceiro capítulo, *Repórter esportivo x Clube de coração*, responde algumas questões que os jornalistas esportivos, apaixonados pelo seu time, enfrentam no dia a dia da profissão.

Segundo Coelho (2015, p. 56) “não existe jornalista de esportes, especialmente os que trabalham com futebol, que não tenham um time de infância”. Assim, quem escolhe trabalhar com futebol tem a missão de jogar este amor para escanteio e lidar com a paixão dos outros torcedores. No entanto, quando o jornalista lida diretamente com seu time de coração, é difícil não se envolver.

Como se ater aos fatos sem que o lado torcedor fale mais alto? Baseado nisso, decidi abordar a dualidade vivida pelos setoristas de futebol. São eles que alimentam o cotidiano das pessoas com informações dos clubes. Para isso, entrevistei jornalistas que já trabalharam ou trabalham na cobertura do seu time de coração.

Nas entrevistas procurei levantar questões como os furos, as vantagens e desvantagens de ser um setorista fixo, relação com atletas e dirigentes, histórias curiosas e problemas enfrentados e a declaração ou não do seu time de coração.

A escolha dos entrevistados teve como parâmetro as diferentes épocas dos setoristas do jornalismo impresso. Foram divididos por experiência profissional: a) os que têm mais de 30 anos de carreira: Alceste Pinheiro, Marcos Penido, Mário Jorge Guimarães, Milton Costa Carvalho e Sergio Du Bocage; b) os que têm entre 10 e 30 anos de experiência: Caio Barbosa, Janir Júnior, Marcos Malafaia, Marlucci Martins e Maurício Loro; c) os mais novos na profissão, com menos de 10 de carreira: Diego Rodrigues, Ricardo Napolitano, Vinícius Perazzini e Vitor Machado.

Capítulo 1 Ética no jornalismo

O jornalismo é uma ética – antes de ser uma técnica ou um ofício de mercado – e é instaurado pela idéia de que o poder emana do povo e de que o público, como conjunto de cidadãos, tem o direito de saber. (...) É por isso que existe o jornalismo como função pública. (BUCCI, 2004, p.134).

A função social justifica por si só a existência do jornalismo, espelho e portavoz da sociedade, reflexo das coisas que acontecem dentro dela. Eugênio Bucci, no livro *Videologias: ensaios sobre televisão*, afirma que o jornal - impresso, audiovisual, *online* ou radiofônico - tende a ser, através das notícias vinculadas por ele, um instrumento que pode promover melhorias no país. Outra função destacada pelo autor (2004, p. 134) é que o jornalismo tem o poder de reafirmar normas sociais, ao dizer que “o jornalismo põe, assim, uma comunicação voltada para a informação, para a formação e educação do povo para a cidadania”.

Ao compreender suas funções, percebe-se que a prática jornalística exerce um grande poder e responsabilidade dentro da sociedade. Embora o impresso esteja em declínio, o jornal ainda consegue atingir um grande número de leitores e, portanto, as informações ali publicadas são capazes de influenciar a opinião pública. Segundo Karam (1997, p. 53), “a preocupação com a questão ética no jornalismo surge com a complexidade social e a complexidade crescente da mediação que os meios de comunicação exercem na sociedade”. Dessa forma, a questão ética no jornalismo deve direcionar o profissional da área, buscando garantir o direito social da informação.

O acesso à informação é condição para que ocorra a ação social, já que os meios de comunicação podem fomentar o debate público sobre questões relevantes à qualidade de vida, além de funcionarem como formadores de opinião e fiscalizadores dos atos políticos. Fidalgo (2006, p. 392) afirma que é “direito do público ser informado, e informado de modo livre, completo e rigoroso”. Cabe ao jornalista adotar uma postura profissional imbuída de responsabilidades e exigências que propiciam a participação dos cidadãos nas questões sociais.

O compromisso ético do jornalista, alinhado à moral inerente a esta profissão, também é ressaltado por Karam:

Esta apropriação [do mundo] que precisa ser globalizada e imediatizada, também está relacionada ao compromisso ético do jornalista no sentido de permitir às pessoas participarem do mundo, escolherem e o influenciarem também a partir das informações. (KARAM, 1997, p. 42).

No entanto, a ética não está ligada somente à questão profissional, mas também à vida em sociedade, como afirma Fidalgo (2006, p. 295), ao dizer que o comportamento ético “[...] coloca-se relativamente ao jornalismo mas, antes disso, coloca-se em relação a todas as pessoas e, genericamente, a toda atividade humana.” Ou, como afirma Christofolletti (2008, p. 23) “não existe ação humana sem implicações éticas”.

Na Grécia Antiga, a partir do século V a.c., o questionamento sobre a ética no mundo ocidental tem seu início quando as interpretações mitológicas do mundo e da realidade foram sendo desacreditadas e substituídas por teorias que privilegiavam as explicações naturais:

A resposta às perguntas "o que devo fazer?" ou "como devo viver?" mobiliza, desde há séculos, a reflexão de filósofos, preocupados com a natureza da pessoa humana e o seu ser e estar no mundo, ao lado de outros seres humanos (e de outros não humanos, mas também vivos). No caso da nossa mais conhecida tradição ocidental, mobilizou desde logo os grandes filósofos gregos - Sócrates, Platão, Aristóteles - [...] as reflexões daqueles grandes pensadores em matéria de ética permanecem, no essencial, muito actuais, informando e enformando os complexos debates contemporâneos. (FILDAGO, 2006, p. 295).

Para compreender melhor como a ética guia o jornalismo, faz-se necessário entender a origem da palavra “ética”¹. Fidalgo utiliza a terminologia de J. Santos (2001 apud FIDALGO, 2006, p. 296) que explica que a “ética se associa ao termo *êthos* que significa “hábito” ou “costume”, [...] aponta para algo que a pessoa “faz” ou “deve fazer”.” Em outras palavras, a ética estuda as atitudes e atos humanos.

Pode-se dizer que a ética no jornalismo seria a missão de sempre buscar uma narrativa pautada por discursos que remetem a conceitos de verdade. De acordo com Christofolletti (2008, p. 21) “o jornalismo [é] como uma prática de busca da verdade,

¹ Moral, do latim *morales*, é o costume dentro de um contexto social, algo que se tornou habitual, um consenso que transformou-se em norma. Já a ética é o costume de um indivíduo frente às suas escolhas individuais realizadas no exercício de sua liberdade.

um conjunto de esforços para a transmissão de relatos que se aproximam de como os fatos aconteceram”.

Segundo o professor espanhol de ética jornalística Carlos Soria, citado por Eugênio Bucci no livro *Sobre ética e imprensa*, “ética é igual à qualidade de informação. Se tem qualidade, ela necessariamente foi apurada e editada com ética”. (2000, p. 50).

Qualquer profissional no exercício das suas funções deve estar consciente do lugar em que se insere e de suas limitações. Exige-se dos jornalistas uma conduta ética, para que não ofendam os princípios, valores e comportamentos que regem a sociedade onde vivem.

No entanto, é importante perceber que a ética possui duas dimensões: a individual, na qual são mobilizados os valores pessoais e as convicções morais do indivíduo. E a social, na qual se operam os valores que se absorvem dos grupos sociais.

Como guia profissional, o jornalista tem ao seu dispor vários códigos que lhe permite conhecer seus direitos e deveres. Um deles é o chamado *Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros*, idealizado pela Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), e que é constituído de artigos para que os jornalistas não ignorem os valores socialmente protegidos e defendidos:

Artigo 4º - O compromisso fundamental do jornalista é com a verdade no relato dos fatos, razão pela qual ele deve pautar seu trabalho pela precisa apuração e pela sua correta divulgação.

Artigo 2º II - A produção e a divulgação da informação devem se pautar pela veracidade dos fatos e ter por finalidade o interesse público.

Fidalgo destaca a importância de um corpo de normas que direcionem a atuação profissional:

A própria elaboração e sistematização de um conjunto de normas de actuação emanadas de uma postura de princípio eticamente preocupada constitui, em si, um inestimável processo de reflexão sobre a actividade profissional (no caso, dos jornalistas), sobre seus objectivos mais nobres e a sua incontornável função social, sobre os seus constrangimentos e desafios, sobre as condições consideradas essenciais a um desempenho moralmente adequado em face de situações concretas, e um desempenho cujas opções vão além das inclinações do momento ou da simples sensibilidade pessoal. (FIDALGO, 2006, p. 389)

Na busca pela veracidade dos fatos, a ética se defronta com uma das principais premissas do jornalismo, a objetividade. Sobre isso, afirma Bucci:

No fundo da ética jornalística dorme um problema do tamanho do mundo. A verdade dos fatos existe? Existe um relato perfeitamente neutro e isento? A objetividade perfeita é possível? Não, não e não. A verdade dos fatos é sempre uma versão dos fatos. O relato, qualquer que seja ele, é um discurso e, como tal, é inevitavelmente ideológico: mesmo quando sincera e declaradamente não opinativo, o relato jornalístico é encadeado segundo valores que obrigatoriamente definem aquilo que se escreve. A objetividade perfeita nunca é mais que uma tentativa bem-intencionada. (BUCCI, 2000, p.51).

De modo geral, a atuação profissional dos jornalistas é norteadada por um discurso repleto de valores intrínsecos, que na maioria das vezes produz narrativas ideológicas, que fogem à questão da objetividade e da ética jornalística.

1.1 Objetividade

A questão da objetividade constitui um ponto polêmico nas discussões sobre jornalismo. Tal como aconteceu com os filósofos², era natural que a noção de objetividade também colocasse os jornalistas em campos teóricos opostos, provocando uma discussão que se desdobra até hoje. A noção de objetividade está presente nos manuais de redação, é defendida por jornalistas, e em alguns casos apontada como inatingível e inexistente por alguns autores. Afinal, a objetividade é um mito jornalístico? O jornalista é capaz de ser totalmente objetivo? É possível entender e transmitir a realidade sem interpretá-la? Como compreender os fatos senão a partir de uma determinada perspectiva?

Antes de entrar no mérito das questões acima, é necessário entender como se deu a concepção da objetividade dentro do jornalismo, que só veio a ser empregada depois da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Amaral enumera quatro acontecimentos que contribuíram para adoção definitiva do princípio de objetividade: o advento das agências de notícias, as duas guerras mundiais, o desenvolvimento industrial e o advento da publicidade e das relações públicas.

² Os filósofos realistas acreditavam que a verdade deveria ser interpretada como a correspondência com a realidade (objetividade). Já para os pragmatistas, a verdade seria aquilo que é vantajoso para nós cremos (subjetividade).

Ainda no século XIX as agências de notícias romperam com o antigo jornalismo, dito de “opinião”, pois elas distribuíam as notícias de modo mais objetivo, para que cada jornal a utilizasse a seu modo. A Associated Press, agência fundada pelos próprios jornais em 1849, em Nova York, tornou-se, de acordo com Amaral, um modelo para os jornalistas americanos.

Segundo o autor, a propaganda de guerra mostrou que o fato pode ser criado, interpretado e manipulado de diversas formas, principalmente pelos jornalistas que cobrem a guerra, pois eles atendem a interesses de seus respectivos países, o que gera algumas críticas à ideia de objetividade. No entanto, o conceito não foi abandonado, mas fez surgir um espaço dentro do jornal em que o jornalista pudesse expor seu ponto de vista.

O desenvolvimento industrial trouxe a concepção de produto. Os jornais passaram a ser vendidos com o objetivo de obter grandes lucros, obtidos pela comercialização de espaço publicitário.

A publicidade e as relações públicas, atividades que lidam com formação de imagem, eram vistas, inicialmente, de forma negativa. Fidalgo ao citar Stensaas (2006, p. 236), afirma que “esta proliferação de persuasores profissionais contribuiu para gerar uma espécie de resposta defensiva da atividade jornalística, empenhada em não se confundir com as práticas daqueles”.

Fidalgo acrescenta a ascensão da ciência³ como um dos fatores que contribuíram para a adoção da objetividade dentro do jornalismo. A segunda metade do século XIX foi marcada pela valorização do método científico, que passa a explicar o mundo, as ações e os comportamentos. Como afirma o autor (2006, p. 235), “o trabalho de coligir dados factuais de modo imparcial e distanciado aproxima a objectividade noticiosa do método científico”. No entanto, na busca pela objetividade percebeu-se que a subjetividade era inevitável e impossível de ser ultrapassada, como afirma o próprio autor:

³ O positivismo teve como seu principal teórico Augusto Comte e defende a ideia de que o conhecimento científico é a única forma de conhecimento verdadeiro. De acordo com os positivistas somente pode-se afirmar que uma teoria é correta se ela foi comprovada através de métodos científicos válidos.

[...] a doutrina da objectividade não nasce de uma negação da subjectividade do jornalista, mas precisamente do oposto, da sua 'descoberta' e assunção - ou seja, da constatação de que a comunicação dos factos é plausivelmente afectada pelo ponto de vista subjectivo da pessoa que os selecciona, elabora e comunica. (FIDALGO, 2006, p. 151).

Para validar essa ideia, o autor cita *Opinião Pública* de Walter Lippman (2003 apud FIDALGO, 2006, p. 152), que afirma “à medida que as nossas mentes forem tomando consciência da sua própria subjectividade, apreciaremos as bondades do método objectivo que de contrário, não seríamos capazes de reconhecer”.

A objetividade pode ser entendida tanto como um valor ideológico, que é a relação entre realidade social e a realidade midiática, quanto como uma técnica que garanta ao leitor um melhor entendimento da informação, de forma clara e sem misturas de ideias. Para Bucci ao se falar de uma objetividade jornalística, deve-se perceber que ela não é fria nem impessoal:

O jornalismo pode ser entendido como a função humana de narrar a aventura humana para humanos, tudo isso no calor da hora, ou seja, é sempre um discurso de um sujeito sobre um segundo sujeito (sua fonte ou seu personagem) para um terceiro sujeito, o público. Nele, a objetividade se concebe não como a exata descrição do objeto, por mais que o esforço de exatidão aí esteja, sempre. (BUCCI, 2004, p. 135).

A objetividade jornalística seria a forma de abordar e descrever a realidade, com equilíbrio e distanciamento do jornalista na criação da notícia, que pode ser obtida através da apresentação de diversos pontos de vista, contraposição de argumentos, atribuição de informação a fontes e a não utilização de adjetivos e juízos de valor.

No entanto, na produção da notícia existe a seleção e hierarquização dos acontecimentos. Entre o fato e a divulgação da notícia ocorre um processo de escolha e ordenação dos elementos mais importantes - escolhidos como tais pelo jornalista -, além de um esquema narrativo que se traduz na “pirâmide invertida”. Para Amaral (1996, p. 51), “há subjectividade em todas as fases do seu trabalho [dos jornalistas] na corrida diária pela notícia, na determinação da pauta, na maneira como vê os fatos, na escolha dos testemunhos, na redação da matéria”.

Por meio desses fatores, é possível identificar a notícia como uma versão ou uma representação da realidade, e não a própria realidade, apesar de, em alguns

momentos, ser percebida como tal. Não se pode negar que a produção da notícia recebe a influência da realidade social, cultural e historicamente construída, como afirma Lage (2003, p.53) “entre o fato e a versão jornalística que se divulga, há todo um processo de percepção e interpretação que é a essência da atividade dos jornalistas”.

Palacio observa que o jornalismo é um método de interpretação, pois seleciona o que mais relevante e compreensível:

Primeiro, porque escolhe entre tudo o que se passa aquilo que considera ‘interessante’. Segundo, porque traduz a uma linguagem inteligível cada unidade que decide isolar (notícia) e, além disso, distingue nela o que é mais interessante (...) e o que é menos interessante. Terceiro, porque, além de comunicar as informações assim elaboradas, trata também de situá-las e ambientá-las para que se compreendam (reportagem, crônica), e de explicá-las e julgá-las (editorial e, em geral, comentários). (1984 apud CHAPARRO, s. d., p. 10).

Alguns teóricos defendem que em determinados casos a objetividade existe, mas depende em qual contexto o fato está inserido. Segundo Rossi (1984 apud GENRO FILHO, 1987, não paginado) “a objetividade é possível, por exemplo, na narração de um acidente de trânsito e, assim mesmo, se nele não estiver envolvido o repórter, pessoalmente, ou algum amigo ou parente”. Partindo dessa mesma premissa, Bucci (2004, p. 135) coloca que o profissional da imprensa não deve achar que a objetividade é impossível, uma vez que existe uma parcela dela nas narrativas jornalísticas, pois “se pode falar de um mínimo de relatos que unifiquem o sentido para os vários sujeitos em relação aos mesmos fatos, ideias ou ações”.

Outros autores consideram a objetividade total algo impossível de ser alcançado. Para esses, as notícias seriam resultado de escolhas, marcadas por opções subjetivas. Segundo Chaparro, não se pode separar opinião e informação, pois ambas se constituem como formação do jornalismo:

A apuração e a depuração, indispensáveis ao bom relato, são intervenções valorativas, intencionadas por pressupostos, juízos, interesses e pontos de vista estabelecidos. Como noticiar ou deixar de noticiar algum fato sem o componente opinativo??. (CHAPARRO, s. d., p. 6).

O autor (idem, p. 16 -17) também afirma que “[...] as fronteiras entre opinião e informação são destruídas pela inevitabilidade da valoração jornalística, por sua vez influenciada pela interferência interessada e legítima dos vários sujeitos do processo”.

Genro Filho afirma que, por mais que exista certa objetividade no texto jornalístico, também existe uma dose de subjetividade do próprio jornalista, que entende a realidade conforme seu próprio contexto. O autor reforça que a linguagem jornalística explora os aspectos simbólicos e culturais.

Certamente que há um "grão de verdade" na ideia de que a notícia não deve emitir juízos de valor explícitos, à medida que isso contraria a natureza da informação jornalística tal como se configurou modernamente. Mas é igualmente pacífico que esse juízo vai inevitavelmente embutido na própria forma de apreensão, hierarquização e seleção dos fatos, bem como na constituição da linguagem (seja ela escrita, oral ou visual) e no relacionamento espacial e temporal dos fenômenos através de sua difusão. (GENRO FILHO, 1987, não paginado).

Para haver objetividade em sua totalidade, o jornalista deveria ser aquele que não torce por nenhum time de futebol, que não tenha nenhuma religião, nenhuma opção política e, ainda, nem identificação cultural. É difícil imaginar um profissional sem alguma dessas características.

A questão dos valores pessoais nas narrativas jornalísticas está presente, segundo Chaparro:

Ao relatar-se, conta-se uma história, com suas complicações e seus sucessos, mas os juízos de valor lá estão, implícitos, nas intencionalidades das estratégias autorais, e explícitos, nas falas (escolhidas) dos personagens, às vezes até nos títulos. (CHAPARRO, s. d., p. 17 – 18).

O jornalista carrega consigo imensa bagagem cultural, com ideias e opiniões e, assim, observa o fato a partir de uma perspectiva, de um ponto de vista. Mas ao construir a notícia, a perceptividade, seletividade e hierarquização sempre estarão presentes, o que representa uma inevitável subjetividade.

Não é possível trafegar no mundo, no cotidiano e na atividade jornalística de reconstrução diária simbólica da realidade sem que escolhamos preliminarmente valores. Estes podem ser expressos pela adesão espontânea à reprodução da educação, do conhecimento acumulado a partir das particularidades pessoais, grupais e sociais ou pela experiência histórica da humanidade revelada na completa rede das relações e realizações humanas contemporâneas. (KARAM, 1997, p. 51-52).

O *Manual Geral da Redação da Folha de S. Paulo*, citado por Francisco J. Karam no livro *Jornalismo, ética e liberdade*, diz que “não existe objetividade em jornalismo”. O jornalista deve ser o mais profissional possível, sem deixar que aflore suas posições pessoais, hábitos e paixões, por mais que, em algumas vezes, seja difícil não opinar, não sentir e não se emocionar, como no caso dos jornalistas esportivos, que mesmo vestidos como profissionais, muitas vezes torcem por seus times.

[...] isso não o exime, porém, da obrigação de ser o mais objetivo possível. Para retratar os fatos com fidelidade, reproduzindo a forma em que ocorreram, bem como suas circunstâncias e repercussões, o jornalista deve procurar vê-los com distanciamento e frieza, o que não significa apatia nem desinteresse. (FOLHA DE SÃO PAULO, 1987 apud KARAM, 1997, p. 110).

Por mais que a objetividade possa ser considerada inatingível, o próprio Manual propõe procedimentos que fazem com que o profissional procure aproximar-se dela. Assim, na impossibilidade de retratar a realidade de forma absolutamente fiel, a principal preocupação do jornalista deve ser o compromisso com a verdade e com a ética profissional. Ou seja, no cumprimento de seus deveres, a ética deve estar presente em tudo o que o jornalista faça.

Jornalismo ético é jornalismo de qualidade. Jornalismo de qualidade é jornalismo ético. Uma apuração malfeita conduz a desvios éticos, do mesmo modo que a edição malfeita. E aí nem estamos falando de más intenções, mas apenas das exigências técnicas da profissão que, é bom saber, constituem também exigências éticas. (BUCCI, entrevista concedida a Luiz Egypto).

1.2 Paixão x informação

O jornalista esportivo é, antes de tudo, um apaixonado pelos assuntos com os quais lida todos os dias. Apaixonado desde pequeno. Talvez seja esse o maior diferencial em relação aos colegas de outras editorias. Um diferencial saudável, mas também perigoso. (COELHO, 2015, não paginado).

A relação repórter x informação x paixão alimenta questões que envolvem objetividade, ética, compromisso com a verdade e isenção. Sob uma perspectiva dual, o fator emocional faz parte do jornalismo esportivo, o que proporciona uma linha tênue entre emoção e objetividade, o que gera, assim, uma série de questionamentos: É possível uma isenção total? Se sim, ela seria desejável? A emoção na narrativa não faria parte do jornalismo esportivo?

Para Venâncio (2014), o jornalismo esportivo já deixa de ser objetivo no momento em que ocorre a escolha de qual esporte se realizará a cobertura, pois “por ter sua medida apenas no esporte que cobre, não precisa dissimular “objetividade”. Ele é partidário logo na medida em que escolhe um esporte para cobrir”.

Trabalhar com esporte exige boa memória, conhecimento de regras, leis, números, história e exige a habilidade de lidar com a paixão. Paixão não só dos torcedores e leitores que lerão a notícia, mas paixão também do jornalista. Ou será que não tem como não se envolver ao assistir, por exemplo, no Maracanã, a seu time de coração perder a final para o maior adversário e ter de colocar no papel a alegria do campeão, sem transparecer qualquer tipo de sentimento?

Portanto, ao lidar com a paixão que envolve milhares de torcedores, é cobrada do jornalista esportivo uma neutralidade ao transmitir a informação, e a necessidade de saber deixar de lado a sua preferência pessoal e ser o profissional mais ético e objetivo possível.

Quando se fala de esportes, não apenas o futebol é dominado pela paixão. Sempre haverá a emoção na cobertura esportiva, seja qual for a modalidade. O atleta estará buscando a perfeição, o aprimoramento e a superação de si próprio ou de um recorde. Haverá alegria, tristeza, frustração, euforia e idolatria. Cabe ao jornalista esportivo saber lidar com essas emoções e procurar, na medida do possível não se envolver e se emocionar, buscando transmitir sua verdade dos fatos, mostrando-se neutro e apresentando, sem distorção, a informação.

Capítulo 2 Paixão pelo futebol

É assim que o resto do mundo espera que esse esporte seja praticado no Brasil, o berço da civilização futebolística: de maneira transcendental. No Brasil, mesmo entre contadores, motoristas de táxi e tecnocratas do governo, há momentos que os fazem desejar ajoelhar-se e dar graças a Nossa Senhora das Vitórias. (Franklin Foer).

Para entender a paixão do brasileiro pelo futebol e também a evolução do jornalismo esportivo, é preciso compreender como esse esporte se tornou o mais popular do país.

O jornalismo esportivo e o futebol percorreram, juntos, o caminho rumo à afirmação no início do século XX. A imprensa esportiva buscava credibilidade e espaço, pois era vista com preconceito por parte da sociedade e dos próprios jornalistas, e com pessimismo de quem afirmava que os esportes jamais ganhariam espaço nas páginas dos jornais. O esporte bretão era amador e praticado apenas por pessoas com alto poder aquisitivo, e tentava alcançar a profissionalização e a popularização para, enfim se tornar paixão nacional.

2.1 A popularização do futebol

O futebol foi introduzido formalmente no Brasil em 1894, por Charles Miller, jovem brasileiro descendente de ingleses, que passara dez anos estudando na Inglaterra, país onde aprendeu a jogar futebol. Quando ele retornou ao Brasil, trouxe consigo duas bolas de futebol, uma bomba para enchê-las, um par de chuteiras e um livro de regras. Miller apresentou o esporte à elite paulista e organizou uma partida entre os empregados ingleses de uma ferrovia, a São Paulo Railway e de uma empresa de serviço público, a Companhia do Gás.

Outros pesquisadores, como Edson Gastaldo, garantem, no entanto, que antes de Charles Miller, há registros de trabalhadores brasileiros praticando futebol no porto de Santos durante os períodos de folga. O contato com marinheiros britânicos teria trazido o esporte para o litoral paulista antes da chegada ao planalto paulista.

Os jogadores eram formados predominantemente por ingleses radicados na cidade de São Paulo. Em 13 de maio de 1888, foi fundado o São Paulo Athletic Club (SPAC), o primeiro time de futebol do país, formado por sócios que faziam parte da

elite paulista. Esse fato demonstra que, no início, o futebol era praticado apenas por pessoas da elite, normalmente jovens das camadas altas, filhos de fazendeiros, que buscavam seus diplomas universitários. Em seus primórdios, o futebol brasileiro nasce e se desenvolve como um esporte elitizado, não existindo a remuneração aos jogadores e tampouco um local específico para a realização das partidas.

Como um esporte elitista, era vedada a participação de negros em times de futebol. André Ribeiro, em seu livro *Os donos do espetáculo: histórias da imprensa esportiva no Brasil*, ressalta o racismo presente no futebol, ao dizer que “a Liga Metropolitana⁴, composta pela elite do futebol, decidiu proibir em seus estatutos, a inscrição de “pessoas de cor” por seus clubes afiliados” (2007, p. 32).

Além de serem proibidos de praticarem o esporte, os negros e os pobres também não podiam assistir às partidas nas arquibancadas, reservadas à elite branca. Dessa forma, eles se amontoavam pelos estádios e morros que cercavam os estádios. Nada disso, no entanto, impediu que a população discriminada se apaixonasse pelo esporte e formassem, nos bairros do subúrbio, vários clubes de futebol, como o Bangu Atlético Clube, fundado em 1904, dentro da Fábrica Bangu, pertencentes a ingleses. Segundo Rodrigues Filho, o Bangu era mesclado por ingleses, e também por operários, brancos pobres, mulatos e negros. Essa era a principal diferença:

O que distinguia o Bangu do Botafogo, do Fluminense, era o operário. O Bangu, clube de fábrica, botava operários no time em pé de igualdade com os mestres ingleses. O Botafogo e o Fluminense, não, nem brincando, só gente fina. Foi a primeira distinção que se fez, entre clube grande e pequeno, um o clube dos grandes, o outro, o clube dos pequenos. (RODRIGUES FILHO, 1964, p. 21).

Com o passar do tempo, os clubes de massa começaram a surgir no Rio de Janeiro e em São Paulo, e o elitismo no futebol dava sinais de que não duraria muito tempo. Um bom exemplo foi a fundação do Sport Clube Corinthians Paulista, em 1910. Apenas operários participaram da criação do clube, que rapidamente se tornou muito popular entre as camadas simples da capital paulista e, até hoje, essa identificação com as massas se mantém.

⁴ A Liga Metropolitana foi responsável pela organização do primeiro Campeonato Carioca de Futebol, em 1906. De acordo com Ribeiro, “com a participação de apenas seis clubes formados por atletas da “nobre sociedade carioca”: Fluminense, Botafogo, Paysandu, Rio Cricket, Bangu e Athletic. Outra divisão teve de ser criada para absorver os clubes interessados de participar”. (RIBEIRO, 2007, p. 31). O Fluminense sagrou-se campeão do torneio.

Com os clubes populares, surgiam os ídolos e, curiosamente, o primeiro astro do futebol brasileiro foi um mulato: Arthur Friedenreich, que começou a brilhar no momento em que se discutia a participação de negros no futebol, proibidos de participarem pela Federação Brasileira de Sports⁵ até 1917. Um dos motivos de ter se tornado herói brasileiro foi que Friedenreich marcou o gol do título contra os uruguaios no Campeonato Sul-Americano, em 1919.

A popularidade de Friedenreich se devia, talvez, mais ao fato dele ser mulato, embora não quisesse ser mulato, do que dele ter marcado o gol da vitória dos brasileiros. O povo descobrindo, de repente, que o futebol devia ser de todas as cores, futebol sem classes, tudo misturado, bem brasileiro. (RODRIGUES FILHO, 1964, p. 54).

De acordo com Rodrigues Filho, a cor de Friedenreich o identificava com a massa do povo brasileiro e o autor se apoia em Gilberto Freyre, quando diz que a massa popular prefere um herói ou santo com “cabelo de índio ou de barba encarapinhada” do que um louro. (idem, p. 54).

Com todas essas controvérsias ocorrendo no panorama esportivo brasileiro, o futebol da elite branca estava com os dias contados. O Clube de Regatas Vasco da Gama, fundado em 1915, foi campeão carioca em 1924, com um time multirracial, em que praticamente todos os jogadores eram pobres, negros e semianalfabetos. Era a vitória da técnica dos jogadores populares sobre a imposição elitista ainda presa à tradição britânica.

Não se ganhava campeonato só com time de brancos. [...] Desaparecera a vantagem de ser de boa família, de ser estudante, de ser branco. O rapaz de boa família, o estudante, o branco, tinha de competir em igualdade de condições, com o pé-rapado, quase analfabeto, o mulato e o preto para ver quem jogava melhor. Era uma verdadeira revolução que se operava no futebol brasileiro. (idem, p. 128).

Sousa, Rito e Leitão também acreditam que o progressivo rompimento de barreiras que impediam negros, mulatos e pobres de participarem dos times da elite é um elemento indiscutível da popularização e democratização do futebol brasileiro, principalmente após o campeonato do Vasco da Gama.

⁵ A Federação Brasileira de Sports foi criada em 1914 e dois anos depois se fundiu à Federação Brasileira de Football, originando a Confederação Brasileira de Desportos (CBD). Antes de cada esporte ter a sua confederação própria, todos tinham como referência a CBD, que era a entidade com voz máxima no país. Somente após a extinção da CBD, em 1979, foi criada a Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

A queda da Bastilha do futebol brasileiro ocorreu em 1923, quando comerciantes portugueses, preocupados em promover o Vasco da Gama ao estrelato, sustentaram, na primeira divisão do Rio de Janeiro, um time formado por negros e brancos pobres. [...] As marcas registradas daqueles pés-rapados eram a habilidade e o improviso. Para asco e surpresa dos rivais, foram campeões. Assim, o jogo aristocrático transformou-se, aos poucos, em fenômeno, percorrendo o caminho que conduz da casa grande à senzala. Os excluídos reconheceram os craques vascaínos como ídolos. Perceberam que as regras eram fáceis e que qualquer lugar e qualquer bola serviam. Viram naquele esporte um lazer barato e um meio de driblar a apartheid social. (SOUSA; RITO; LEITÃO, 1998, p.46).

A profissionalização do futebol, em 1930, também contribuiu muito para o aumento do interesse do público, já que com a dedicação integral ao treinamento, os jogadores se tornaram mais habilidosos e as equipes mais atrativas. A manutenção do futebol amador era defendida pela elite como tentativa de reafirmar o esporte como uma prática dos mais abastados, não havendo espaço para a entrada dos empobrecidos, ou seja, a profissionalização, nesse sentido, significava o reconhecimento das massas no esporte.

A popularização do futebol propiciou a criação dos primeiros diários esportivos que começaram a fazer sucesso na esteira da profissionalização do esporte. Surge a imprensa interessada no novo produto jornalístico: o futebol. Este se consolidaria como o esporte das massas.

2.2 Imprensa esportiva no Brasil

Durante todo o século passado, dirigir redação esportiva queria dizer tourear a realidade. Lutar contra o preconceito de que só os de menor poder aquisitivo poderiam tornar-se leitores desse tipo de diário. O preconceito não era infundado, o que tornava a luta ainda mais inglória. De fato, menor poder aquisitivo significava também menor poder cultural e consequentemente ler não constava de nenhuma lista de prioridades. (COELHO, 2015, p. 9).

A imprensa esportiva no Brasil era vista com discriminação, porque se partia do princípio de que qualquer pessoa tinha condições de escrever para um jornal e existia também, um preconceito em relação às pessoas que desempenhavam esse papel. Coelho salienta que as pessoas que viveram o início do jornalismo esportivo não acreditavam que o futebol poderia estampar as manchetes de grandes jornais e acreditavam em outras modalidades, como o remo e o hipismo, muito populares na época. O escritor alagoano Graciliano Ramos afirmava que “futebol não pega, tenho

certeza; estrangeirices não entram facilmente na terra do espinho.” (2015, p. 7). Até mesmo João Saldanha duvidou, nos anos 60, que uma revista (Placar) voltada exclusivamente para o futebol iria emplacar.

Nos primeiros anos de cobertura esportiva era assim. Pouca gente acreditava que o futebol fosse assunto para estampar manchetes. A rigor, imaginava-se que até mesmo o remo, o esporte mais popular do país na época, jamais estamparia as primeiras páginas de jornal. Assunto menor. Como poderia uma vitória nas raias – ou nos campos, nos ginásios, nas quadras – valer mais do que uma importante decisão política do país? [...]. (idem, p. 7-8).

Rodrigues Filho pondera que apenas o remo detinha certo prestígio, expresso pela presença de fotógrafos nos dias de competições e no fato dos jogos de futebol não serem marcados para acontecer no mesmo dia e horário de uma disputa no então esporte mais popular do Rio de Janeiro.

O futebol só interessou às folhas depois de se tornar uma paixão do povo. Enquanto não encheu os campos, não dividiu a cidade em grupos, em verdadeiros *clans*, o futebol quase não existia para os jornais. Por isso a consulta de jornais até 10 pode servir, quando muito, para estatísticas de resultados de jogos. Somente depois de 10 é que o futebol, transformado em assunto jornalístico, permitiu que apaixonados do chamado esporte bretão cada um com o seu clube, escrevessem crônicas, às vezes assinadas com iniciais. (RODRIGUES FILHO, 1964, não paginado).

Para Ribeiro (2007, p. 32), “noticiar futebol não era mais acaso, mas obrigação, afinal figuras ilustres da sociedade carioca era vistas constantemente nas arquibancadas.” A princípio, os diários cariocas preocupavam-se mais com o evento social que girava em torno das partidas de futebol do que com o jogo propriamente dito e costumavam destacar a presença de grandes personalidades da sociedade fluminense nas partidas.

A imprensa esportiva no Brasil já existia desde 1856, com *O Atleta*, que passava receitas para o aprimoramento físico dos moradores do Rio de Janeiro. Depois surgiram outros jornais, como *O Sport*, *O Sportsman* e *Gazeta Sportiva*, no entanto, em nenhuma dessas publicações o futebol tinha grande importância e as notícias eram, basicamente, sobre turfe, regatas e ciclismo. O futebol começou a ganhar certo espaço

– mesmo que pequeno – em 1910, com o jornal *Fanfulla*⁶, que trazia divulgação esportiva, voltada para os italianos que viviam em São Paulo.

O verdadeiro nascimento do jornalismo esportivo se deu com a criação do *Jornal dos Sports*, o primeiro diário do Brasil a se dedicar exclusivamente aos esportes, fundado em 1931 por Mário Filho, um jornalista e entusiasta do futebol. Em 1947, a *Gazeta Esportiva* deixou de ser um suplemento do *A Gazeta* e se tornou um jornal esportivo.

Durante a década de 1950, o jornalismo esportivo tinha contornos de romance, dramaturgia e poesia, características que aproximavam a sociedade dos conteúdos esportivos publicados. Com estilo de texto apaixonado e criativo, Nelson Rodrigues e Mário Filho trouxeram para a cobertura esportiva uma nova forma de retratar o futebol – a formalidade da escrita deu espaço para o linguajar presente nos campos – e os clássicos do Rio de Janeiro ganharam denominações (Fla-Flu, Clássico Vovô e Clássico dos Milhões), os jornais adotaram as crônicas, e os jogadores eram endeusados e se transformavam em ídolos.

Como afirma Coelho (2015, p. 18): “a dramaticidade servia para aumentar a idolatria em relação a este ou àquele jogador. Seres mortais alçados da noite para o dia à condição de semideuses”. As crônicas motivavam a população a irem aos estádios de futebol e a comprarem os jornais para lerem a parte esportiva, o que fez com que o futebol ganhasse, cada vez mais, espaço dentro das publicações.

No entanto, foi somente na década de 1960, que o país começou a viver seus primeiros anos de afirmação das publicações esportivas. Nesta época, os grandes jornais do Brasil passaram a incluir cadernos voltados para o esporte, mesmo que ainda reinasse a ótica do preconceito nas redações, e a cobertura esportiva tornara-se mais objetiva e menos carregada de sentimentalismo e criatividade. O melhor exemplo desse tipo de publicação foi o *Caderno de Esportes*, que originou o tradicional *Jornal da Tarde*, lançado em 1967, e que também tratou de assuntos extracampo, como escândalos do esporte e a administração dos clubes.

⁶ A *Fanfulla*, voltada para a comunidade italiana na cidade de São Paulo, divulgava algumas notícias sobre esportes e ajudava os imigrantes italianos a manterem os seus laços com a Itália, veiculando notícias do país na língua dos seus leitores. Em um aviso publicado na *Fanfulla*, em 1914, foi convocada uma reunião com o intuito de criar uma equipe de futebol, o que deu origem ao Palestra Itália, atual Sociedade Esportiva Palmeiras.

Houve um tempo, no passado do homem, em que o fato tinha, sempre, um Camões, um Homero, um Dante à mão. Por outras palavras: o poeta era o repórter que dava ao fato seu encanto específico. Hoje, nós temos tudo: jornal, rádio e tevê. O que nos falta é, justamente a capacidade de admirar, de cobrir o acontecimento com o nosso espanto. (RODRIGUES apud RIBEIRO, 2007, não paginado).

2.3 Paixão pelo futebol

Poucos escolhem para que time vão torcer, simplesmente são apresentados a esse time; e, portanto, se o clube cai da segunda pra terceira divisão, ou se vende os melhores jogadores, ou se compra outros que a gente sabe que não jogam nada, ou se insiste com uns setecentos chuveirinhos na área para um centroavante de três metros de altura, simplesmente praguejamos, vamos para casa, esquentamos a cabeça por uns quinze dias e lá estamos nós de volta, sofrendo tudo de novo. (HORNBY, 2013, p. 192).

Para algumas pessoas, o futebol não passa de um esporte comum, um entretenimento, no entanto, para outros se trata de um estilo de vida e até um conceito de cultura e representação de identidade perante os demais, seja por meio de seus hábitos, linguagens e vestimentas. Como afirma Hornby (2013, p. 238), “[...] explicar sobre futebol – que não se trata de escapismo nem de uma forma de entretenimento, mas de uma versão diferente do mundo.” O futebol é uma das paixões do brasileiro. É um esporte que desde a sua chegada ao Brasil, no final do século XIX, encantou distintas classes sociais. A sua prática foi disseminada nas classes elitizadas e proliferou entre as mais pobres, tornando-se, com o passar do tempo, significado de identidade para toda uma nação. Ao investigar as origens dos clubes brasileiros, oriundos das classes menos favorecidas e da relação do torcedor que se reconhece na história do próprio time, o futebol se apresenta como fenômeno de cultura popular.

O futebol teria numa sociedade como a brasileira, em grande parte formada de elementos primitivos em sua cultura, uma importância toda especial. E era natural que tomasse aqui o caráter particularmente brasileiro que tomou. O desenvolvimento do futebol, não num esporte igual aos outros, mas numa verdadeira instituição brasileira, tornou possível a sublimação de vários daqueles elementos irracionais de nossa formação social e de cultura. (FREYRE apud RODRIGUES FILHO, 1964, não paginado).

As palavras de Gilberto Freyre, no prefácio do livro “*O Negro no Futebol Brasileiro*”, de Mário Rodrigues Filho, descreve a importância do futebol para a história do Brasil. O esporte trazido da Inglaterra pela elite em 1842 se infiltrou na

população mais humilde e tornou-se um elo em comum de toda a sociedade. Além disso, o futebol ajudou a quebrar barreiras sociais e raciais, nas arquibancadas e nos campos.

O futebol nacional viveu sua grande expansão e popularização a partir da década de 1930, quando se deu a profissionalização do esporte, e quando as notícias esportivas passaram a fazer parte do cotidiano das pessoas. A rádio transmitia a informação para as pessoas que estavam mais distantes, a imprensa escrita se desenvolvia e, assim, os torcedores eram incitados a torcer por determinado time, com um envolvimento cada vez maior. Ao mesmo tempo, surgiam os primeiros estádios de multidões, como São Januário, em 1927, e o Pacaembu, em 1940.

Alguns anos foram marcantes na história do futebol brasileiro, pois transformaram este num dos principais elementos de identificação nacional, propiciando que o esporte se tornasse uma paixão nacional. O primeiro é 1938, ano da Copa do Mundo sediada na França, em que pela primeira vez, os jogos foram transmitidos pelo rádio diretamente da Europa para o Brasil. Durante o campeonato, o Brasil, que ficou na terceira colocação, apresentou o seu futebol ao resto do mundo e transformou em ídolos os negros Leônidas da Silva e Domingos da Guia, que tiveram uma identificação imediata com a parcela da população até então marginalizada. Na época, o Brasil vivia o período do Estado Novo⁷ e o governo, com o apoio da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) e da imprensa, exaltou um discurso de caráter nacionalista que contribuiu para reafirmar a ideia de uma delegação forte e disciplinada, com a função de mostrar o Brasil e o seu povo para o mundo.

O fato de o Brasil ser o país sede da Copa do Mundo de 1950⁸ contribuiu fortemente para associar o futebol à construção de uma identidade nacional. O campeonato foi conquistado pelo Uruguai, em uma final contra a equipe brasileira, no recém-construído Maracanã, em um jogo em que o Brasil precisava apenas do empate. Nesse ano, já era possível perceber a imensa popularidade do futebol, pois esse jogo levou cerca de 200 mil torcedores ao estádio. O dia 16 de julho de 1950 ficou

⁷ O Estado Novo é o período em que Getúlio Vargas governou o Brasil de 1937 a 1945. Essa época foi caracterizada pela centralização do poder e pelo sentimento de nacionalidade.

⁸ O Brasil pleiteava, assim como a Alemanha, ser sede do Mundial desde 1938. Ocorreu a Segunda Guerra e duas Copas não foram realizadas (1942 e 1946). No Congresso pós-Guerra da Fifa, em 1946, os alemães, destruídos, retiraram sua candidatura e o Brasil virou o país sede da Copa do Mundo, antes marcada para 1949, mas que foi adiada por um ano.

conhecido como *Maracanazo* e era considerado - pelo menos até a goleada por 7 a 1 para a Alemanha, no Mineirão, na Copa do Mundo de 2014 - a pior tragédia do futebol brasileiro. A derrota inesperada na final de 1950 trouxe algumas atitudes autodepreciativas - a “inferioridade dos jogadores” refletiria a “inferioridade do povo brasileiro” – o que levou Nelson Rodrigues a cunhar a expressão “complexo de vira-latas”.

Por "complexo de vira-latas" entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Dizer que nós nos julgamos "os maiores" é uma cínica inverdade. [...] Na já citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: - e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: - porque Obdulio nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos. Eu vos digo: - o problema do escrete não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo. O brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-latas e que tem futebol para dar e vender, lá na Suécia. (RODRIGUES, 1993, p. 51-52).

O Brasil só deixaria de lado sua inferioridade e seu “complexo de vira-latas” em 1958, quando a seleção brasileira chegou ao primeiro título de campeão mundial, na Copa do Mundo disputada na Suécia. Uma vitória que marcou o surgimento de excelentes jogadores que, em pouco tempo, se transformaram em heróis, destacando-se, principalmente, Pelé, negro filho de ex-jogador, e Garrincha, operário mestiço de origem indígena.

Para Rodrigues Filho, Pelé foi o maior exemplo da ascensão do negro no Brasil, fundamental para a transformação do futebol em paixão nacional.

Faltava alguém assim como Pelé para completar a obra da Princesa Isabel. O preto era livre, mas sentia a maldição da cor. A escravidão da cor. Onde tanto preto não querendo ser preto. [...] Em Pelé se sentia toda a grandeza do futebol como paixão do povo, como drama, como destino. Pelé era o próprio destino. Era o destino que vestia a camisa amarela de escrete brasileiro. O Deus é brasileiro do dito popular”. (RODRIGUES FILHO, 1964, p. 385 - 400).

O futebol tornou-se uma prática nacional, que representava os marginalizados – o que, de certa forma, perdura até hoje -, e se faz presente na cultura e nas relações sociais. Este esporte ultrapassou as barreiras do entretenimento e recreação, e se apresenta como fenômeno cultural e identidade nacional, principalmente quando o

Brasil é citado e conhecido por expressões populares como “país da bola”, “país do futebol” e “pátria de chuteiras”.

Capítulo 3 Repórter esportivo x clube de coração

Escrever sobre esportes, principalmente sobre futebol, é lidar com algo que talvez outras editorias dispensem: a paixão. Aliás, essa editoria não lida só com o sentimento vindo do público e dos torcedores, mas também com o sentimento do próprio jornalista. Afinal, muitas vezes, o profissional escolhe essa área justamente por ser torcedor e gostar de esporte. Marluci Martins, uma das entrevistadas, afirma que “já me falaram: ‘jornalista não deve ter time’, eu falo que é impossível, porque o jornalista esportivo gosta de futebol, não importa qual é o seu time”. Jornalista esportiva e cronista do jornal *Extra*, atuando há 27 anos na área, já trabalhou no *O Dia*, como setorista de todos os clubes do Rio.

No entanto, na cobertura diária do time de coração, será que a paixão não influencia o jornalista? Como deixar essa paixão de lado no exercício da profissão? Essas são apenas algumas das perguntas que se pretende responder a seguir.

3.1 O clube do coração

“Dizer ou não dizer”, eis a questão. Muitos jornalistas esportivos ainda relutam em revelar seu clube de coração. Outros, entretanto, fazem questão de mostrar por quais equipes seus corações batem mais forte. Há ainda os jornalistas que, após certo tempo de profissão, revelam para quem vão as suas torcidas. Segundo Coelho, o jornalista esportivo não deve se constranger por ser torcedor de algum clube, mas acredita que o jornalista só deve dizer seu time quando perguntado.

Não é preciso reforçar que se torce por determinado time. Nem é preciso negar. Reforçar poderá dar a impressão de que o comentário não é isento. [...] Não reforçar pode significar não dizer no ar, mas dar explicações fora da telinha. Bobagem tão grande quanto o jornalista que insiste em esconder o time pelo qual torce. Ele pode perder credibilidade por não divulgar aquilo que sabe desde criança: seu time de coração. [...] Jornalista esportivo não deve nunca se envergonhar de torcer por essa ou por aquela equipe. [...] Minha opinião: não dizer o time nunca, a não ser quando perguntado. Nesse caso, dar a informação certa, verdadeira. Dever, afinal, de todo jornalista. (COELHO, 2015, p. 58-59).

O tema de se declarar ou não torcedor de determinado time divide opiniões entre os jornalistas entrevistados. Alguns preferem ser discretos, tanto nas redes

sociais, quanto nos jogos. Outros, no entanto, vibram durante as partidas e dizem abertamente o time que torcem, como Caio Barbosa, que fala tranquilamente que é torcedor do Fluminense, inclusive nas redes sociais, e torce quando está no estádio assistindo um jogo. “Demonstro [emoção], sem nenhum constrangimento. O pessoal antigamente proibia de comemorar gol, mas como vai me proibir? Se sair gol eu vou comemorar, levantar o braço, gritar gol. Eu não estou comemorando no texto”. Caio Barbosa não atua mais na área de esportes, mas já trabalhou no *Lance*, *Globoesporte.com*, *O Dia* e *Extra*, cobrindo Botafogo, Flamengo e Fluminense.

Já outros companheiros de profissão preferem a discrição, como Vitor Machado e Ricardo Napolitano. Ambos cobrem os times de coração, Flamengo e Vasco, respectivamente, pelo jornal *O Dia*, e acreditam que o jornalista deve preservar-se. Nenhum dos dois expõe fotos com a camisa do time nas redes sociais, onde também evitam emitir opiniões como torcedores. Eles também não torcem quando estão cobrindo seus times, pois entendem que ali é um local de trabalho e que o jornalista precisa adotar uma postura profissional.

Janir Júnior conta que, quando era setorista e cobria os times do Vasco, Flamengo e Fluminense, não declarava sua preferência, mas atualmente como chefe de reportagem do *Globoesporte.com*, não vê problemas. O jornalista percebe que existem diferentes situações e que, dependendo do *status* profissional do jornalista, ele pode declarar abertamente seu time.

O cara que está em um determinado patamar, ele pode falar sim, só que eu acho muito válido se reservar. O cara que está começando, o cara que está cobrindo um clube não pode ter foto no *Facebook* com a camisa do outro [time].

Mesmo com opiniões conflitantes, os jornalistas admitem que em determinados momentos é difícil controlar a emoção e em certas ocasiões o lado torcedor sai involuntariamente. Diego Rodrigues fez a cobertura esportiva do Vasco e Fluminense, time do qual é torcedor, e conta que já vibrou no meio de um jogo que estava cobrindo, assim como Marcos Penido, que lembra do Campeonato Brasileiro conquistado pelo Botafogo em 1995, ano em que cobria o clube de coração pelo *Globo*. Segundo o jornalista, foi uma das poucas vezes em que o lado torcedor falou mais alto: “nos minutos finais [do jogo decisivo], eu pensei: ‘eu não vou ver, vou ficar

de costas'. Naquele final já estava falando o coração. Foi uma das poucas vezes em 36 anos de profissão que eu perdi a cabeça”.

Assim como Marcos Penido, outros jornalistas entrevistados vivenciaram momentos marcantes enquanto cobriam seus times de coração. Marluci Martins estava presente quando o Vasco perdeu a final do Mundial de Clubes para o Real Madri (ESP) em 1998; Maurício Loro presenciou a derrota do Botafogo para o Juventude na final da Copa do Brasil em 1999; Caio Barbosa cobriu a campanha do Fluminense na Copa Libertadores de 2008, quando perdeu a final para a LDU do Equador. Nessas horas, o lado torcedor fala mais alto?

Tinha sim [o lado torcedor], mas tinha o lado jornalístico bacana de estar acompanhando aquele momento. Eu estava muito feliz. Foi uma cobertura que eu estava muito entusiasmado, porque realmente foram jogos incríveis, foram viagens muito legais, que eu nunca vou me esquecer. Eu nem sei se influenciava, tanto que logo depois da final da Libertadores, eu postei uma foto com o Guerrón⁹ no Maracanã me dando um beijo.

Janir Júnior viveu momentos de um verdadeiro duelo de sentimentos. Em 2006, na final da Copa do Brasil, o Flamengo, time do qual é torcedor, venceu o Vasco, clube que o jornalista cobria.

Quando eu fui fazer o vestiário, teve um conflito de sentimentos. Porque o meu time de coração ganhou do maior rival, mas que era o time que eu cobria. Na época, os vestiários no Maracanã eram um de frente para o outro, eu lembro como se fosse hoje. Eu desço para fazer a entrevista coletiva do Renato Gaúcho [técnico do Vasco] e vi a festa do Flamengo a cinco metros, o vestiário festivo, todo mundo gritando, e o do Vasco em um silêncio sepulcral. Então, foi diferente cobrir o maior rival em uma final contra o Flamengo.

Para Ricardo Napolitano, que acompanhou de perto o rebaixamento do Vasco em 2013, cobrir o time que torce é uma lição.

⁹ Joffre Guerrón foi campeão pela LDU (QUE) na Copa Libertadores de 2008 e foi eleito como o melhor jogador do torneio, em eleição realizada pela FIFA.

A lição que a gente aprende quando cobre o clube que torce é que você se fiscaliza muito mais do que se estivesse cobrindo outro clube. Você sente, como qualquer torcedor, mas quando você escreve, procura ter um cuidado muito maior, para não deixar entrar o sentimento. Em 2013, eu cobri o rebaixamento do Vasco. Estava lá em Joinville fazendo o jogo. É uma hora que você está destruído como torcedor, mas no papel tenta ser o mais profissional possível.

Tendo como base as situações descritas acima, fica difícil compreender como separar o lado torcedor do lado jornalista durante o exercício da profissão. Marcos Penido admite que é complicado, mas que é necessário fazer essa separação.

“É difícil, mas você tem que separar. Tem coisas que você precisa racionalizar, senão você vai se entregar a paixão e uma hora ela vai te cegar. [...] O que não impede de você ficar feliz ou triste com o resultado do seu time”.

Diego Rodrigues também acha complicado deixar o lado torcedor de fora na cobertura, ao mesmo tempo em que acredita que ninguém consegue fazer isso completamente. Aliás, por esse motivo, ele observa que ao cobrir o Fluminense, seu time de coração, foi mais crítico do em relação aos outros clubes.

Os outros jornalistas entrevistados compartilham dessa percepção, como Caio Barbosa, que cobria o Fluminense, time de coração.

A gente espera e quer que o time seja campeão sempre. Então tudo que você vê errado, você quer corrigir, quer denunciar. Além de ser um dever da profissão, você como torcedor quer mostrar que está errado, para vê se as coisas dão certo.

Alceste Pinheiro acredita que o jornalista que cobre o clube pelo qual torce tende a ser mais crítico por dois motivos: “primeiro para deixar claro para os outros a sua isenção e por outro lado, como ele é torcedor, ele acaba se envolvendo com as demandas da torcida”. Alceste cobriu o Fluminense e o Vasco, seu time de coração, e reconhece que ser torcedor do clube facilitou a cobertura.

“É muito mais fácil [fazer] a cobertura daquele clube que você acompanha, porque o dirigente sabe, você tem toda uma relação diante da cobertura, e assim acaba ficando mais fácil. Pelo próprio interesse que você tem. Aparentemente, para mim, foi muito mais fácil cobrir o Vasco.”

Vinícius Perazzini entende que ser torcedor do time traz algumas facilidades à cobertura: “você sendo setorista do seu time, você sabe alguns feitos históricos, dados, referências, que só o torcedor sabe. Isso é uma grande vantagem, você estar habituado com aquilo que a torcida acredita”. O jornalista é torcedor do Botafogo e cobriu o clube pelo jornal *Lance* entre 2010 e 2013. Para ele é importante ter sensibilidade e conseguir dialogar com a torcida, o que o ajudou na cobertura do time de General Severiano: “principalmente a torcida do Botafogo, que é supersticiosa, tradicional, cultua os ídolos do passado. Esse tipo de coisa você tem que saber identificar”.

Vitor Machado é da mesma opinião: “o que eu acho que facilita você ser torcedor é porque você tem uma memória muito melhor do clube e você sente muito mais o que o torcedor pensa, isso te ajuda a criar diferentes tipos de pauta”.

Durante as entrevistas, alguns jornalistas disseram que passaram a ter outra postura como torcedores depois de se tornarem setoristas de seus times, como é o caso de Ricardo Napolitano: “torcedor normal não tem ideia do que acontece nos bastidores. Os jogadores não tem preocupação com a torcida. O seu ânimo acaba esfriando”. Já Diego Rodrigues vai além ao dizer que se tornou não apenas um tricolor diferente, mas também um amante do futebol diferente.

Antes eu assistia futebol com paixão. Qualquer jogo do Fluminense tinha nervosismo envolvido. Até para sear os rivais era mais intenso. O problema é que ver o lado obscuro do futebol bem perto mexe com sua paixão.

3.2 Fontes de informação

Parte importante da rotina profissional e na produção da notícia é o estabelecimento e manutenção da relação entre os jornalistas e suas fontes de informação. Lage (2003, p. 49) atribui às fontes a maior parte das informações jornalísticas. Segundo o autor, “é tarefa comum dos repórteres selecionar e questionar essas fontes, colher dados e depoimentos, situá-los em algum contexto e processá-los segundo as técnicas jornalísticas”.

Para Coelho, o relacionamento entre os jornalistas esportivos e as fontes deve manter-se apenas no campo profissional. Ele diz que, ao estabelecer vínculos de amizade, o profissional põe em risco a credibilidade de seu trabalho sempre que

abordar áreas de interesse de suas fontes. No entanto, o estreitamento das relações serve como um meio de obter informações exclusivas.

Amizade não combina com jornalismo. Por outro lado, ajuda muito a conseguir informações de coheira antes dos demais colegas. Duro é separar as duas coisas. Muitos jornalistas não conseguem separar amizade de relacionamento profissional. Não é raro ouvi-los elogiar jogadores por conta apenas da amizade. (...) Não tem nada a ver com jornalismo. Nada a ver com opinião isenta. Mas isso acontece. E com frequência maior do que se imagina. É o dilema a que chega o jornalista depois de certo tempo. Manter fontes boas, seguras e confiáveis requer relacionamento intenso com elas. (COELHO, 2015, p. 75).

Além disso, PVC entende que é um desafio na vida do jornalista esportivo manter o caráter profissional numa relação tão próxima com a fonte, e também acredita que existem regras básicas a serem seguidas a fim de garantir a qualidade do trabalho do jornalista esportivo.

O melhor a fazer é trabalhar. Manter o contato com a fonte sempre que houver oportunidade. Questionar, perguntar, indagar sobre o que for possível. Tentar sempre conseguir informações em primeira mão. Mas sempre deixando claro que não se trata de troca de favores. Que as vantagens não serão oferecidas no relacionamento profissional. Que nunca uma notícia será paga com um favor que use as páginas do jornal ou microfones. (idem, p. 75).

Quando indagados sobre a relação com suas fontes, os jornalistas ouvidos asseguram que nunca tiveram nenhum tipo de amizade, seja com atletas, dirigentes ou técnicos. Maurício Loro, que acompanhou Botafogo, Fluminense e Flamengo, afirma que o jornalista esportivo não deve manter uma relação de amizade com as pessoas do clube, pois isso “compromete o resultado”. Alceste Pinheiro entende que no convívio diário é normal a aproximação das pessoas, mas diz que não é necessário fazer amizade para obter informações privilegiadas.

A pessoa tem que te dar esse tipo de informação porque você tem uma trajetória de trabalho, não porque ele é seu amigo. Senão, depois ele está pedindo para você dar tal nota, porque o ajuda. Por isso que tem que evitar ao máximo [a amizade]. [...] Como você vai criticar uma pessoa se ela te recebe em casa?

Com 28 anos de carreira e passagens por todos os clubes do Rio, Marcos Malafaia admite que uma amizade entre repórter e fonte possa existir, desde que não haja omissão de informação.

Eu não vejo nenhum problema em ser amigo das pessoas, desde que as verdades sejam colocadas. Eu sempre fui amigo do Romário. [...] Mas eu sempre dei notícias positivas e negativas sobre o Romário. Nunca tive problemas com ele em relação a isso. Eu já dei coisas muito negativas. [...] É aquilo se você está falando a verdade, não está inventando história, é difícil demais o cara ficar sustentando uma briga com você.

Por meio de uma boa rede de fontes e contatos, o repórter pode conseguir diversos furos. A palavra “furo” designa a notícia dada com exclusividade, em primeira mão. Coelho (2015, p. 77) afirma que “nenhum repórter pode viver sem procurar informação exclusiva. É próprio da profissão procurar o que ninguém conseguiu”. A notícia exclusiva deve ser o principal objetivo dos veículos de comunicação, mas os jornalistas devem ter a preocupação com a apuração e a exatidão da informação. Para que isso ocorra, é necessário obter fontes fidedignas, estabelecer contatos com pessoas de várias áreas e estar atento aos acontecimentos.

Lage conta que a busca pelo furo tem origem na concorrência entre os jornais e outros veículos de comunicação.

Descobriu-se a importância [...] dos furos, ou notícias em primeira mão: o jornal que publicasse primeiro o relato de um fato de interesse público seria lido em lugar dos concorrentes e ganharia pontos na preferência dos leitores em geral para as próximas edições. (LAGE, 2003, p.15).

Sobre notícias de grande relevância que divulgaram, os entrevistados revelam histórias interessantes. Temos como exemplo o furo dado por Vinícius Perazzini no jornal *Lance*, na contratação de Seedorf pelo Botafogo em 2012. Segundo o jornalista, esse furo teve uma repercussão internacional e foi sua grande cobertura.

Desde que ele [Seedorf] começou a negociar com o Botafogo, a gente deu todos os passos na frente dos concorrentes. Demos o acerto salarial, demos a contratação em primeira mão, inclusive na frente do Botafogo.

Ricardo Napolitano narra que ele e um fotógrafo do jornal *O Dia* flagraram, em 2012¹⁰, Carlos Alberto urinando na estátua do Romário no dia que São Januário fazia 85 anos. A foto foi capa do *Marca*, caderno de esportes do jornal, com a manchete “O Caldeirão exige respeito, fala sério!”. A matéria causou problemas para os profissionais que tiveram a entrada barrada pelo clube: “Eu fiquei proibido de entrar no clube por três dias, teve nota oficial no site do Vasco falando que aquilo era um absurdo”.

Vitor Machado destaca a matéria exclusiva do jornal *O Dia* feita com o jogador Léo Moura, na época em que era atuante no Flamengo, na qual o atleta fala da sua religiosidade: “Ele disse que ia se batizar e nós fomos os únicos que fizemos. Foi uma matéria exclusiva, bem legal”.

Outros entrevistados também já tiveram situações de conflitos em suas coberturas esportivas. Milton Costa Carvalho, setorista dos times cariocas, quando fez a cobertura do Fluminense, do qual é torcedor, em 1969 pelo *Jornal do Brasil*, foi considerado *persona non grata* dentro do clube.

Teve uma notícia que eu dei no Fluminense e a diretoria não gostou, então tentaram forçar uma situação em que eu desmentisse. Como eu me recusei a desmentir, porque tinha absoluta confiança na minha fonte, eles me ameaçaram, dizendo que eu seria proibido de cobrir o clube, de frequentar o clube. Eu mantive minha posição. Eles mandaram uma carta para o *Jornal do Brasil*, onde eu trabalhava, falando que eu não poderia entrar no clube, que eu era *persona non grata*. Então, o jornal me apoiou e retirou a cobertura diária do Fluminense, deixando só notícias sobre as partidas do time, como o pré e o pós jogo, porque envolvia outro clube. O jornal ficou um tempão sem a cobertura do Fluminense, que depois recuou e reabriram a porta para o jornal e eu fiz questão de voltar.

Mário Jorge Guimarães viveu uma relação conflituosa com o Fluminense, nos anos 90, quando cobria o clube pelo *Globo* (Anexo B). A matéria “No supermercado Laranjeiras, a especialidade é o mau negócio”, escrita pelo jornalista, trazia acusações de má administração e desvios de dinheiro em contratações de jogadores, o que fez com que o clube barrasse sua a entrada e o suspendesse como sócio.

¹⁰ Matéria editada no jornal *O Dia*, no dia 21/04/2012. Disponível em:

<http://www.agenciaodia.ig.com.br/ataque/2012-04-20/Xixi-no-lugar-errado-2104Durante-treino-de-ontem-Carlos-Alberto-fez-um-pit-stop-prximo--esttua-de-RomrioCarlos-Alberto-t-878947> Acesso em: 21 março 2016.

(Anexo B).

O Fluminense proibiu a minha entrada como jornalista e me suspendeu como sócio, por cerca de seis meses. *O Globo* respeitou a decisão do clube, mas fez editoriais pedindo que o Fluminense respondesse às denúncias que eu fiz, sob pena de considerar uma diretoria inidônea. Depois o clube reconheceu, tanto que as pessoas que foram acusadas não fazem mais parte do Fluminense, foram banidos.

Marcos Malafaia conta que seu principal furo e também maior “barriga¹¹” foi uma reportagem feita em 1994, quando cobria o Vasco pelo *Globo*, com denúncias sobre Eurico Miranda, em que ele noticiava que o mesmo não pagava imposto de renda há cinco anos (Anexo B). No entanto, a informação era falsa e como o jornal não quis dar o desmentido, o jornalista pediu demissão.

Foi no Vasco, quando eu dei, de acordo com uma denúncia do Sérgio Cabral [deputado estadual] de que o Eurico Miranda não pagava imposto de renda há cinco anos. O jornal *O Globo* chegou a dar na primeira página a possibilidade da prisão dele. Eu estava no comando do processo dessa reportagem. Mas eu descobri que era uma barriga, uma informação errada no dossiê do Sérgio Cabral, e o Eurico tinha pagado sim o imposto de renda, estava comprovado. Infelizmente o jornal não quis publicar o desmentido, a nova versão, com o mesmo peso da notícia. Eu pedi demissão do jornal.

Alguns furos chamam mais atenção pelo fato de serem sobre jogadores de grande destaque e de identificação com a torcida. Enquanto cobria o Fluminense, Caio Barbosa é categórico em dizer que seu principal furo é sobre a história do Fred e os 60 “caipisquês”, em 2011¹², quando noticiou com exclusividade que o jogador fora flagrado no bar Astor, localizado no Arpoador, bairro da cidade do Rio de Janeiro, por integrantes da Young Flu (principal torcida organizada do clube). Torcedores foram ao bar para protestar e cobrar do jogador. Caio Barbosa noticiou tudo em primeira mão no jornal *Extra* e, inclusive, teve acesso à conta de consumação do jogador, com quem teve uma relação conturbada, apesar de continuar torcendo por ele dentro de campo.

¹¹ Barriga é um jargão jornalístico que se refere à matéria com informações falsas ou erradas.

¹² Matéria editada no jornal *Extra*, no dia 04/08/2011. Disponível em:

<http://extra.globo.com/esporte/fluminense/torcida-organizada-do-fluminense-coloca-fred-para-correr-de-bar-no-arpoador-2379023.html> Acesso em: 21 março 2016. (Anexo B).

Ele inventou que eu tinha mandado os caras irem lá [no bar]. Um sobrinho meu estava no meio, ele juntou e achou que eu tinha mandado os caras para fazer alguma coisa. Tem o nome do meu sobrinho no jornal, inclusive, como vândalo, até arrumei um problema familiar. A verdade é o seguinte: ele não ficou enlouquecido com a matéria, porque todo mundo já sabia que ele era cachaceiro. O problema é que não foi uma matéria, foram cinco dias de matéria, foram 15 páginas de matéria, mostrando todo o porquê daquela situação. [...] O cara acabou sendo campeão brasileiro no ano seguinte [em 2012]. Foi ótimo, eu torci, gritei o nome dele na arquibancada. Tomara que ele faça 500 milhões de gols, mas é um cara que não vale nada.

Outro episódio de destaque é o divulgado por Janir Júnior quando cobria o Flamengo, em 2009¹³, pelo jornal *O Dia*. Ele noticiou sozinho que a queimadura do pé do atacante Adriano teria sido por causa de uma moto. Mesmo com o assessor do clube dizendo que Adriano queimou o pé em uma lâmpada de jardim, o jornalista foi atrás de mais informações e, por meio de contatos, conseguiu o furo exclusivo.

Eu notei que tinha alguma coisa errada [com a história da queimadura] e liguei para o cara que tinha sido segurança dele na época do São Paulo, que eu conhecia de uma barraca na praia do Leme. Perguntei sobre a queimadura e ele disse que era queimadura de moto. Só que o assessor do Adriano era muito meu amigo e estava do meu lado, então eu disse: “mas cara, foi uma moto”. Ele só fez o gesto de silêncio para eu ficar quieto, mas eu já tinha o furo. No dia seguinte foi manchete do jornal e já falando que ele poderia ficar fora do jogo. [...] Ele nunca confirmou que a queimadura foi por causa da moto, mas é verdade. [...] Todo mundo comprou a ideia da moto, por causa da minha credibilidade.

A internet deu mais velocidade à apuração. Os leitores podem acompanhar os fatos quase em tempo real. Outro aspecto é a instantaneidade, pois, com ela, as informações são repassadas com mais rapidez. Com esse imediatismo que a internet proporciona, fica a dúvida: conseguir o furo ficou mais difícil? Dois jornalistas que trabalharam no impresso e hoje atuam no *online* têm opiniões distintas.

De acordo com Diego Rodrigues, o furo se tornou mais difícil e a própria concepção de furo mudou. Para ele, o que antes era um furo, como a contratação de um jogador, atualmente não é mais tão importante. “O furo hoje em dia é uma boa

¹³ Matéria editada no jornal *O Dia*, no dia 27/11/2009. Disponível em:

<http://esportes.terra.com.br/futebol/brasileiro-serie-a/queimadura-em-moto-pode-tirar-adriano-de-jogo-decisivo.97e0b7a6b1ced310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html> Acesso em 21 março 2016. (Anexo B).

história, uma entrevista em que o entrevistado conte coisas jamais reveladas; aquilo torna-se exclusivo”.

Janir Júnior não vê o imediatismo da internet como uma dificuldade, mas sim um facilitador. Segundo o jornalista do *Globoesporte.com*, a dificuldade do furo jornalístico independe do veículo. “O que vai determinar uma informação em primeira mão é o faro do repórter, a manutenção das fontes. [...] Jornalista apura 24 horas por dia. Apuração independe do veículo”.

3.3 Setorista fixo

Alguns jornais e emissoras de rádio e televisão optam pelo sistema de rodízio dos setoristas nas redações, depois que os repórteres passam longo tempo em determinado clube. Geralmente, o prazo varia de um a dois anos. Em alguns casos, pode-se manter o repórter na cobertura do mesmo time por período mais longo.

Os jornalistas entrevistados têm opiniões divididas sobre a questão. Os que preferem ser setoristas fixos creem que dessa forma é mais fácil apurar. Entre os defensores deste ponto de vista está Sérgio Du Bocage, jornalista há 34 anos. Ele acha que dessa maneira o repórter tem acesso a todas as fontes e informações. Essa também é a opinião de Vinícius Perazzini, para quem ser setorista de um time é um ciclo e que cabe ao repórter perceber o desgaste e o momento de sair. “Beneficia ser setorista fixo, porque você acaba conhecendo de tudo no clube. [...] mas é um ciclo. Eu cumpri esse ciclo, já fui novato, fiquei no alto, senti o desgaste e por opção minha eu sai”.

No entanto, quem prefere o rodízio afirma que a possibilidade de fazer fonte é muito maior, além de sempre existir a chance de trabalhar novamente com algum técnico, diretor executivo ou jogador, pois eles mudam de clubes, argumenta Janir Júnior: “eu trabalhei com o Isaías Tinoco¹⁴ no Vasco e no Flamengo. Rodrigo Caetano¹⁵ no Vasco, Fluminense e Flamengo. Então, muda muito, é muito cíclico”.

Outra razão apontada por esse grupo é que o rodízio evita certos inconvenientes, como a amizade com profissionais do clube. Milton Costa Carvalho

¹⁴ Isaías Tinoco foi gerente de futebol no Vasco entre 1994 a 2005, e no Flamengo entre 2005 e 2011. Ele voltou ao Vasco no final de 2015.

¹⁵ Rodrigo Caetano foi diretor executivo de futebol do Vasco entre 2009 e 2011, no Fluminense entre 2012 e 2013, e no Flamengo a partir do final de 2014.

observa que o rodízio existe para o repórter não criar um vínculo dentro do clube, “Ele não deve criar laços muito duradouros. Você muda de clube, tem uma visão nova”.

Marcos Penido enxerga pontos positivos e negativos no rodízio.

Eu gosto que mude, porque, às vezes, você pode ficar muito amigo e confundir. O cara pode chegar e falar: “vou te falar, mas não dá isso porque pode me prejudicar”. Então, é uma maneira de evitar esse tipo de coisa. Mas por outro ângulo, se você parar para pensar, se você roda, você não cria raiz no clube a ponto da galera te conhecer, do porteiro ao grande dirigente. E você tem que conhecer do presidente ao porteiro. Então, nesse sentido, se você ficar um período maior, você tem mais chance de arrumar fontes.

No entanto, os defensores do rodízio consideram um ano de cobertura muito pouco para fazer fontes. Para isso, alguns sugerem período de pelo menos dois anos, pois, nas palavras de Janir Júnior, “no primeiro ano você se ambienta e no segundo você brilha”. No entanto, ele reconhece que existem variantes.

O cara cobre a segunda divisão, [...] o time sobe para a primeira e consegue vaga na Libertadores, como se tira o repórter? Não tem como. Então, é uma exceção, quando o time vai para a Libertadores, o repórter que está cobrindo fica.

3.4 Diferenças na cobertura

Os jornalistas entrevistados são de gerações e épocas diferentes, o que torna inevitável perguntar aos mais experientes sobre as principais mudanças registradas na cobertura diária de um clube de futebol, com relação ao trabalho da imprensa e a facilidade de acesso a jogadores, técnicos e dirigentes. Eles são unânimes em afirmar que este acesso diminuiu bastante.

Os repórteres que cobriram clubes até a década de 1990 mantinham contato maior com atletas e funcionários do clube, tendo permissão de entrar nos vestiários e ficar à beira do campo aos treinos. Atualmente, não se tem mais a liberdade e a facilidade de buscar informações e trocar ideias. Os repórteres atuam junto às assessorias de imprensa de clubes e jogadores. Segundo eles, falta o contato direto com os atletas.

O veterano Milton Costa Carvalho começou a carreira esportiva na década de 60 e atuou no *Jornal do Brasil* e no *Globo*. Para ele, os repórteres hoje ficam restritos

à sala de imprensa e não podem transitar pelas dependências do clube, como antigamente.

Na época em que eu cobria, a gente tinha mais notícias, a gente tinha acesso ao vestiário, ao campo de treinamento. Você tinha acesso ao telefone dos jogadores, do técnico. [...] o repórter hoje não tem acesso às fontes de informação que nós tínhamos, tem que ficar restrito a sala de imprensa, escolhem um jogador para falar. O técnico só fala quando quer. Na minha época, se falava com eles todos os dias.

Alceste Pinheiro recorre ao adjetivo “inóspito” para qualificar o ambiente atual na relação entre repórter e jogador, diferente dos tempos em que era repórter esportivo do *Globo*, na década de 70. Mas ressalta que, apesar da facilidade do acesso na época, havia momentos constrangedores.

Na minha época tinham algumas coisas que eram muito desagradáveis. Por exemplo, você invadia vestiário de jogador. Então o jogador está no vestiário tomando banho depois do jogo e você ia lá e invadia. Eu sempre achei aquilo algo constrangedor, mas acabava invadindo porque aquilo se tornou coisa do ofício.

Com 36 anos de experiência, Marcos Penido considera a cobertura jornalística hoje mais difícil do que quando começou a trabalhar. A diferença estaria nas novas tecnologias e diferentes meios de comunicação.

Eu não tenho muito problema em relação ao velho e ao novo. Cada tempo tem uma dificuldade e uma maneira diferente de você cobrir. Então, hoje em dia, eu acho que é até muito mais difícil, em minha opinião, do que antes. Uma coisa é você ter um contato com o cara, no dia a dia, outra coisa é você cobrir e precisar ficar atento à internet, ao *Facebook* e ao *Twitter* do cara, acompanhar o que está acontecendo, porque está todo mundo se falando. Você tem que ficar ali, ao mesmo tempo em que precisa criar uma ponte em que você entre nessa comunicação.

Na comparação entre a cobertura esportiva para *online* ou impresso, Diego Rodrigues, setorista do jornal *Lance* e *Globoesporte.com*, lembra que cada veículo tem necessidades e demandas distintas. Ele cita as diferenças.

No impresso, você tem mais tempo para aprontar o material. Digo no dia-a-dia de cobertura, pois em dia de jogo é diferente. [...] A internet é velocidade. É publicação imediata do que está acontecendo, é interação entre texto, vídeo, rede social, mais dinâmico e trabalhoso. [...] Cada um tem sua complexidade.

Janir Júnior vê o *online* mais trabalhoso. Ele se recorda de um episódio escatológico que aconteceu no Flamengo quando cobria o futebol do clube da Gávea.

Jornal não tem um imediatismo, tem como apurar mais um pouco, tem horário de fechamento. A internet não fecha, você trabalha 24 horas por dia. [...] Eu nunca vou me esquecer do dia que um “peido” que um jogador do Flamengo deu na preleção virou notícia. Eu fiz essa matéria, Vanderlei soltando nota que isso era falta de respeito, Patrícia Amorim se pronunciando sobre um “peido”. Eu lembro muito bem, era um domingo, soube disso às 22h e fiquei até às 3h trabalhando. Em um jornal, não faria isso. É completamente diferente, é um ritmo alucinante.

As inovações tecnológicas trouxeram modificações nos ambientes de trabalho e a demanda por um novo profissional capacitado a atuar mediante essas transformações. O jornalismo passa por essas mudanças e cabe ao jornalista se adaptar a elas. Apesar das diferenças entre o *online* e o impresso, ambos demandam do profissional a qualidade da informação, a pluralidade de fontes, a imparcialidade, a busca pelo furo e pela matéria exclusiva.

4 Considerações finais

O desenvolvimento do assunto proporcionou reflexões acerca da atuação profissional do jornalista esportivo na cobertura futebolística. Trata-se de um tema que não se esgota e traz algumas interpretações divergentes com relação à objetividade e à ética jornalística.

Num primeiro momento, coloca-se o questionamento da ética dentro do jornalismo, buscando traçar um paralelo entre a ética, vista como algo característico dos costumes, e o exercício da profissão.

Mesmo existindo a ética profissional legislada pelos códigos e normas, o jornalista vê-se diante de uma consciência moral, de juízos e valores inerentes a pessoa humana. Essa dualidade acaba por perpassar nas atividades profissionais e gera diferentes interpretações e discursos. Pode-se perceber nas opiniões dadas pelos entrevistados.

Outra questão levantada foi a existência ou não da objetividade jornalística. A produção da notícia recebe a influência da realidade social, cultural e historicamente construída. Nós somos prisioneiros de um sistema de valores adquiridos. Nossos atos são influenciados pela maneira de sentir e reagir aos fatos. Reagimos segundo nossa educação, idade, sexo, classe social, preferência política e crença religiosa.

A popularização do futebol ocorreu a partir dos anos 1920. Alguns fatos foram importantes para afirmar a paixão dos brasileiros pelo futebol: a Copa do Mundo de 1938; a de 1950, no Brasil; e a conquista em 1958, elevando ao *status* de ídolo Garrincha e Pelé.

Outro aspecto diz respeito à evolução do jornalismo esportivo. Apesar de no início ser visto com preconceito dentro das redações, a imprensa dedicada à cobertura de esportes ampliou seus horizontes e conquistou espaço. Pode-se aferir com a criação do primeiro jornal esportivo do Brasil, o *Jornal dos Sports*, em 1931. Definitivamente, os repórteres esportivos passam a ser destaque com seus furos e notícias exclusivas.

Os depoimentos dos entrevistados evidenciam a relação destes profissionais com seus times de coração. O fato de declarar ou ao o time pelo qual torce é um dos pontos de discordância. Alguns se manifestam nas redes sociais, torcem e comemoram nos estádios; outros preferem se manter neutros.

Outro aspecto percebido é quanto a não deixar o lado torcedor influenciar o exercício da profissão. Os jornalistas entendem que essa separação é necessária, mesmo que em algumas situações alguns tenham deixado, num jogo decisivo, a paixão dominar seu lado profissional. Muitos afirmam que nunca tiveram amizade com jogadores, técnicos e dirigentes. Percebe-se que deve existir uma distância entre o jornalista e as fontes de informação para que a relação mantenha-se no campo profissional. Por outro lado, é interessante ao jornalista ter uma boa rede de contatos, que possam servir de pontes para “furos” e informações em primeira mão. Seria uma maneira de assegurar a objetividade.

Procurou-se ouvir profissionais de distintas gerações para compreender as mudanças ocorridas no jornalismo esportivo no que se refere à cobertura futebolística. Deu-se preferência aos mais antigos, pois se acredita que estiveram presentes nessas transformações.

Finalizando, percebe-se que a relação dos repórteres esportivos na cobertura do seu time de coração é bastante complexa. São imensas as dificuldades que precisam ser ultrapassadas nas suas atuações profissionais, como exemplos: separar o lado torcedor do lado jornalistas; lidar com a própria paixão e com a paixão dos torcedores dos times; manter as fontes de informação, sem ultrapassar a barreira da amizade; buscar incessantemente o furo; e compreender e se adaptar as mudanças da profissão e da cobertura jornalística.

No entanto, existem jornalistas esportivos que mesmo diante dessa complexidade, procuram desenvolver suas atuações com profissionalismo e valorizar o papel dos setoristas no jornalismo esportivo. Cabe aos entrevistados esse mérito.

Referências bibliográficas

AMARAL, Luiz. *A objetividade no jornalismo*. Porto Alegre: Luzatto, 1996.

BUCCI, Eugênio. *Sobre ética e imprensa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. *A armadilha do consenso*. Observatório da Imprensa. Entrevista concedida a Luiz Egypto. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/al051120002.htm> Acesso em 28 dez. 2015.

_____. Na TV, os cânones do jornalismo são anacrônicos. In: BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. *Videologias: ensaios sobre televisão*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2004. p. 127 - 140.

CHAPARRO, Manuel Carlos. *Jornalismo não se divide em Opinião e Informação*. [S.l.: s.n., 19--]. Disponível em: http://www.oxisdaquestao.com.br/admin/arquivos/artigos/2012_7_31_14_34_6_09719.pdf Acesso em: 29 dez. 2015.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. *Ética no jornalismo*. São Paulo: Contexto, 2008.

COELHO, Paulo Vinícius. *Jornalismo esportivo*. São Paulo: Contexto, 2015.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. Código de ética dos jornalistas brasileiros. Disponível em: http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf Acesso em: 2 jan. 2015.

FIDALGO, Joaquim Manoel Martins. *O lugar da ética e da auto-regulação na identidade profissional dos Jornalistas*. 2006. Tese (Doutorado)- Ciências da Comunicação, Universidade do Minho, Portugal, 2006, p. 66 – 172 /295 – 414. Disponível em: https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6011/3/JFIDALGO_2006_Tese_Doutoramento.pdf Acesso em: 29 dez. 2015.

GASTALDO, Edson. *Pátria, chuteiras e propaganda*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2002.

GENRO FILHO, Adelmo. *O segredo da pirâmide - para uma teoria marxista do jornalismo*. Porto Alegre: Tchê, 1987, p. 39 - 51. Disponível em: <http://www.adelmo.com.br/bibt/t196.htm> Acesso em 26 dez. 2015.

HORNBY, Nick. *Febre de bola*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

KARAM, Francisco José. *Jornalismo, ética e liberdade*. São Paulo: Summus, 1997.

LAGE, Nilson. *A reportagem: teoria e técnica da entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

RIBEIRO, André. *Os donos do espetáculo: histórias da imprensa esportiva do Brasil*. 1. ed. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

RODRIGUES FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

RODRIGUES, Nelson. *À sombra das chuteiras imortais*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993, p.51-52. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cdrom/rodrigues03/rodrigues3.pdf>
Acesso em: 20 jan. 2016.

SOUSA, Jair de, RITO, Lúcia, LEITÃO, Sérgio Sá. *Futebol-Arte*. São Paulo: Empresa das Artes, 1998.

VENANCIO, Rafael Duarte Oliveira. *Nós somos diferentes*. Observatório da Imprensa, n 788. Disponível em: http://observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitas/ed788_nos_somos_diferentes/ Acesso em: 27 dez. 2015.

ANEXOS

Anexo A - Entrevistas

Entrevista 1 - Alceste Pinheiro

Início da carreira: década de 1970

Veículos que trabalhou: Jornal dos Sports, O Dia, O Globo e Revista Placar

Times que cobriu: Vasco e Fluminense

Alceste também fez cobertura de outros esportes, como automobilismo, basquete e vôlei e foi professor de jornalismo da Universidade Federal Fluminense (UFF).

P: O senhor cobriu quais times?

R: O Fluminense eu cobri pelo O Dia e pelo Jornal dos Sports, acho que por uns dois anos. Cobri o Vasco pelo O Globo, por cerca de um ano.

P: O senhor achou mais fácil cobrir o Vasco do que o Fluminense?

R: Eu nunca encontrei essa dificuldade. Em função desse meu desprezo pelo Fluminense e o fato de eu ser torcedor do Vasco eu nunca encontrei dificuldade. Porque isso pode ocasionar uma relação para o bem e para o mal, digamos assim. Porque uma pessoa que torce pelo clube tal e cobre aquele clube, ele é muito mais crítico. Primeiro para deixar claro para os outros a sua isenção e por outro lado, como ele é torcedor, ele acaba se envolvendo com as demandas da torcida. Isso acontecia muito. Agora, eu reconheço que é muito mais fácil a cobertura daquele clube que você acompanha, porque você tem toda uma relação diante da cobertura e assim acaba ficando mais fácil. Pelo próprio interesse que você tem. Aparentemente, para mim, foi muito mais fácil cobrir o Vasco.

Apesar de o Vasco ter uma série de dificuldades na cobertura normal. É um clube muito fechado. Hoje ainda é, mas na minha época era mais. É fechado em torno de si mesmo. Um clube que sempre se considerou, desde a sua fundação, um pouco discriminado pelos outros. Isso entrava no âmbito não só dos torcedores, mas também dos dirigentes. A localização para a cobertura não é o lugar mais agradável do mundo para você ir... Tem uma favela em frente. Não é como o Flamengo na Gávea, o Fluminense nas Laranjeiras. É difícil nesse sentido. Provavelmente, para os outros, talvez em outra situação, podia ser mais fácil. Mas eu sentia, entre os que cobriam, que eles acham muito ruim. Era muito grande por dentro, cheio de contornos. Tinha uns que cobriam o Vasco por muitos anos e, assim, conheciam tudo do Vasco. Mas para os outros não foi muito fácil.

P: Durante o tempo que o senhor cobriu o Vasco, qual foi o momento mais marcante?

R: Eu não lembro, mas deve ter tido várias. No Vasco, eu recebi o maior elogio da minha carreira. Eu cobria o Vasco, e como sempre o Eurico [Miranda] cobrando a imprensa, ele apontou para mim e falou: “esse aí é Flamengo, esse aí não é vascaíno. Vive falando mal do Vasco, criticando o Vasco”. Um colega, o Paulo César Vasconcellos [hoje chefe de redação do Globo Esporte], falou: “Eurico você tá maluco, o Alceste é vascaíno.” O Eurico disse que não parecia. Nunca ouvi um elogio

maior do que esse. O Eurico na época era vice-presidente de futebol.

P: Como separar o lado torcedor no exercício da profissão?

R: Eu acho que como eu, a maioria dos jornalistas abstrai isso, porque é o trabalho dele. Eu via muito mais uma reação impertinente, digamos assim, fora do espaço da cobertura, como nos momentos que ou você está esperando alguém, ou esperando um jogo, ou algo assim. Claro que eu via na tribuna de imprensa, os jornalistas que cobrem o clube não tinham como não controlar. Mas eu via muito mais manifestação de torcedor daqueles que não cobriam futebol e que frequentavam a tribuna. Aqueles que tinham carteira para ir à tribuna de imprensa, mas que não cobriam futebol. A gente ficava muito irritado, porque a gente tentava se controlar e eles torciam. Ali virava um espaço do torcedor, mas era um espaço do nosso trabalho. Com relação a quem cobria, eu não me lembro de nenhuma situação muito explícita, mas claro, festejam o título. Mas era uma coisa muito rara. Natural também, você fica na tribuna, o cara faz o gol, você se levanta e depois senta. É algo que eu presenciava muito. Essa nova geração eu não sei como é, porque eu não vou ao Maracanã tem muitos anos.

P: De forma geral, os dirigentes ou os atletas que o senhor mantinha relação, eles sabiam que o senhor era vascaíno?

R: Não me lembro de ter nenhuma manifestação desse tipo. Eles também não são torcedores, só os dirigentes.

P: O senhor acredita que antigamente era mais próxima a relação do jornalista com o atleta?

R: Muito mais. Na minha época tinham algumas coisas que eram muito desagradáveis. Por exemplo, você invadia vestiário de jogador. Então o jogador está no vestiário tomando banho depois do jogo e você ia lá e invadia. Eu sempre achei aquilo algo constrangedor, mas acabava invadindo porque aquilo se tornou coisa do ofício. Chegou ao momento que algumas mulheres que começaram a cobrir o futebol também entravam. A Marluci [Martins, colunista do Extra] dizia: “olha, não tem problema porque tudo que está aí eu já vi”. Com o tempo, isso foi controlado. Os jogadores vão à entrevista, passam na zona neutra e você entrevista, quando já está arrumado. Ou ele vai para o lugar em que ele vai ser entrevistado. Antes, você invadia o vestiário, o jogador tomando banho e você entrevistando. Uma coisa desagradável, tanto para você como para o atleta.

P: Como era sua relação com o pessoal dos clubes que trabalhou, teve uma relação mais próxima com algum jogador ou dirigente?

R: Eu nunca fui amigo de nenhum jogador ou dirigente. Eu evitava. Também nunca fui amigo de fonte alguma.

P: O senhor acredita que ser amigo de uma fonte ou de um atleta acaba prejudicando?

R: Você acaba se aproximando das pessoas. Conheço vários jornalistas que ficaram amigos. Eu nunca na minha vida pensei nisso. Tinha o Januário de Oliveira [ex-locutor da Rádio Educativa] que hospedava jogador em casa. Um amigo meu foi fazer uma entrevista com um ponta esquerda do Fluminense, chegou lá e viu o Januário de Oliveira na casa do jogador. Isso eu nunca fiz, de criar intimidade. A maioria dos que eu conheço também não. Tem alguns que acabam amigos pelo tempo. Antônio Maria

[cobriu o Flamengo por 20 anos] viu nascer uma geração, como o Zico, com quem tem uma relação afetuosa, mas intimidade eu nunca soube. Eu, por exemplo, cobria basquete e viajei com eles para cobertura, você acaba ficando próximo, fica no mesmo hotel, às vezes almoça junto, é convidado para assistir a palestra do técnico antes da partida. Então você cria uma intimidade. Todas as vezes que encontrava esses jogadores, nos abraçávamos, mas eu nunca fui à casa de nenhum deles, nunca encontrei fora do espaço de trabalho. Eu nunca me dei ao desfrute de visitar ou oferecer minha casa. Na minha geração acho que ninguém fazia.

P: Essa amizade acaba prejudicando, por exemplo, na hora de fazer uma crítica mais forte...

R: Primeiro como você vai criticar uma pessoa se ela te recebe em casa? Então você não pode deixar de chegar a esse nível. Hoje o Antônio Maria não trabalha mais, nem o Zico é mais jogador, embora ele seja dirigente... Mas é outra situação. Então não vejo nenhum problema, não vejo nenhuma razão para impedir que as pessoas sejam amigas. Mas no período em que você está atuando, você não pode se dar a esse desfrute.

P: Nessa questão, o senhor não acredita que ao mesmo tempo, uma amizade mais forte ou uma relação mais próxima, facilite na hora de obter informações?

R: Isso também não é algo que eu ache eticamente correto. A pessoa fazer amizade, ou se dar ao deleite disso, para obter informações privilegiadas. A pessoa tem que te dar esse tipo de informação porque você tem uma trajetória de trabalho, não porque ele é seu amigo. Senão, depois ele está pedindo para você dar tal nota, porque o ajuda. Por isso que tem que evitar ao máximo.

P: O senhor já teve algum problema com dirigentes ou jogadores?

R: Nunca tive. O jogador de futebol é preparado a lidar com isso. Claro, de vez em quando ele fica com cara amarrada com você, mas é do jogo. Os dirigentes são sempre os piores, porque estão em jogo muitas coisas que para o jogador não existe ou existe menos. Ele vai ficar ligado com aquele clube à vida inteira, com o jogador não é assim, que daqui a pouco está de saída. Agora, eu também nunca me meti na vida particular de ninguém, saber se o jogador saiu de noite para beber ou para namorar, ou se está traindo a mulher, eu nunca me dei esse luxo, de ficar me metendo na vida do outro. Tem um caso, um caso específico de um jornalista, que é tricolor, mas não trabalhava mais com esporte, que quando o clube estava mal, ele começa a perseguir os jogadores até de madrugada, para saber aonde o jogador foi, se foi para tal bar, depois ele ia contar quantas cervejas o cara tomou.

P: O senhor conseguiria destacar um furo de reportagem que conseguiu durante seu trabalho de setorista?

R: No Fluminense, como eu era muito novato eu me esforçava muito mais. Eu não me lembro exatamente de qual, mas eu me lembro que teve um furo que foi importante. Esse é o grande dilema do jornalista. Tanto que essa mentalidade do furo que tem hoje não existe mais. Porque hoje com as redes sociais tudo é muito rápido, então não existe mais isso. Tanto que foi uma mudança radical no jornalismo. Se eu fosse começar a cobrir alguma coisa hoje, eu teria que reaprender tudo, porque hoje é um jornalismo de precisão, um jornalismo de estatística, isso não tinha no meu tempo. No futebol era sempre mais difícil, porque estava todo mundo muito em cima um do

outro, e eu me lembro de algumas situações... Eu não sabia que tinha um *pull* de reportagem. Se um cara chegava mais tarde, todo mundo passava o que tinha acontecido para o outro e eu não sabia disso. Como eu cobria há menos tempo que os outros, eu ficava até mais tarde, tentava entender mais a coisa. Mas eu não me recordo de nenhum furo, infelizmente.

P: O senhor sempre foi setorista fixo?

R: Eu cobri o Vasco por um ano, entre 1977 e 1978, e dois anos o Fluminense... Depois trabalhei um bom tempo na Revista Placar, aonde eu cobria todos. Éramos uma redação com três jornalistas e cobríamos o que rolasse. Tipo: hoje tem que fazer automobilismo, hoje tem que fazer basquete, futebol. Então você não tinha uma cobertura permanente de clube. Eu também cobri outros esporte, como Fórmula 1, basquete, vôlei. Cobri Olimpíadas, esportes olímpicos.

P: O senhor deixou de ser menos Vasco, depois de cobrir o clube?

R: Eu deixei de ser muito. Depois a gente sempre acaba voltando, mas por um período eu deixei de ser muito. Eu tinha um problema inverso com o Fluminense, porque eu sou de uma família de tricolores e eu sou o único vascaíno. Então só na cobertura do Fluminense que eu me tornei um pouco mais amistoso, mas na época eu não gostava do time. Mas eu passei a gostar um pouco do time, porque você convive com as pessoas. Na minha época a cobertura era um pouco promíscua, digamos assim. Hoje ficou tudo mais profissional. Tem uma sala que fica os jornalistas e os atletas só vão nessas salas se convidados. Eu cobria treino do Vasco, com o técnico do meu lado, fazendo comentários do treinamento. Então era uma coisa promíscua. Hoje a convivência com o jogador é inóspita, você vê poucas vezes. Você fala para o assessor de imprensa que quer entrevistar tal jogador e eles vão lá, chamam o cara para entrevistar. Na minha época você tinha telefones dos jogadores, você sabia onde ele morava, ligava para saber onde ele estava. Hoje é muito mais profissional, porque também tem muito dinheiro correndo, muito mais do que na minha época. Hoje um jogador de futebol mediano fica rico em alguns anos de carreira.

P: O senhor já trabalhou no clube?

R: Não, nunca. Recebi convites, mas eu sempre falei que não queria. Eu nunca gostei de fazer assessoria de imprensa, eu teria que me relacionar com colegas que foram colegas de trabalho, eu não conseguiria interagir corretamente. Eu tenho amigos que fizeram isso, que foram felizes, que se deram muito bem. Eu sempre digo, mais importante do que qualquer coisa é você se sustentar e sustentar sua família. Então, eu não tenho nenhum problema em relação a isso. Meu problema maior nesse caso, por uma questão particular, é como eu me relacionaria com colegas que já tinham trabalhado comigo.

P: Como o senhor vê a isenção? Por exemplo, o senhor acredita que exista a FlaPress?

R: Eu acho que sofre duas influências. Um pouco da europeização do futebol, de você começar a trabalhar com dois clubes, isso é uma questão que já está influenciando na cultura... Praticamente vai se acabar com times regionais, são só os nacionais e isso acaba influenciando também. Se você pegar um jornal qualquer, que faça cobertura de televisão, ele vai acabar fazendo cobertura da TV Globo, que tem 60%, 70% da audiência, isso vai acabar influenciando também. É claro que, além desse contorno,

digamos profissional objetivo, há a questão da subjetividade do cara. O cara é Flamengo, está irritado e é impossível pela subjetividade da profissão que isso não influencie na escolha. É claro que isso influencia na escolha e influencia muito. Jornalismo é uma escolha, uma opção, uma seleção que você faz. Utiliza-se de uma série de crivos técnicos para fazer essa seleção, objetivamente balizada, mas a subjetividade funciona. Você que escolhe a fonte que você vai ouvir, isso é subjetivo. É você que escolhe aonde você vai, é você que escolhe a abertura da matéria. É sempre a subjetividade. Ainda tem que lidar com a subjetividade no outro. E esse outro pode ter poder para dizer que determinada abertura não está boa, é a subjetividade dele. Ele pode achar que objetivamente e tecnicamente essa que ele quer é melhor, mas essa vai ser influenciada pela subjetividade dele também. A notícia é um produto cultural e subjetivo. Então, eu sempre digo: “o melhor é relaxar, deixa a sua subjetividade falar, construir as escolhas”.

P: Como ter essa objetividade se boa parte da matéria é subjetivo?

R: A objetividade é uma construção. A objetividade você estabelece qual é. Você constrói essa objetividade. Você constrói aquilo que chamamos de aparência de objetividade. Eu posso escrever um *lead* absolutamente convencional, que é absolutamente objetivo, mas é falso. A objetividade vai vir sempre na forma, no conteúdo vai prevalecer sempre a subjetividade. Então o ideal vai ser sempre você reduzir a subjetividade e aumentar aquilo que a gente chama de objetividade. Mas, a objetividade também está norteadada, também sofre influência da sua subjetividade. O que você procura, o que você escolhe, para onde você vai. Tem que entender que a sensibilidade aflorou com as redes sociais, que é o exercício da sua subjetividade. Então a subjetividade aflora muito. Isso de certa forma vai influenciar também na produção jornalística. Tanto que uma das razões, eu acho, pelas quais o jornalista passa por uma crise, é mais uma crise de como trabalhar a subjetividade e a objetividade a partir das redes sociais. Hoje garoto de 15, 16 anos não lê jornal, você não vê ninguém no ônibus lendo jornal... Então os profissionais que estão hoje construindo e produzindo esse jornalismo, eles ainda não conseguiram entender como fazer. Talvez vá ser necessário o fim jornalismo, tal como a gente conheça, para surgir outro, que eu também não sei como é. Eu, por exemplo, sempre li muito jornal, agora não sei quanto tempo não leio jornal de papel. Eu me sinto muito mais informado do que na época que eu lia só o jornal. Acho que tem muito mais informação disponibilizada para mim, porque você sabe o motivo que a pessoa escolheu aquela informação para postar e qual é o crivo que ele tem para postar aquilo. Que são as mesmas pessoas que não postam outras coisas, desde que não seja aquilo que lhe seja agradável. É a própria subjetividade aguçando.

P: Existe uma diferença entre a forma de cobertura de antes e a de agora?

R: Hoje é um pouco mais suave. Na minha época tinha quase que um protocolo de que você deveria ter o máximo de distanciamento possível. No espaço da redação você sabia quem torcia para quem. Mas esse protocolo era muitas vezes subvertido. Quando as televisões começaram a entrar no futebol na década de 60, existia uma dificuldade técnica, mas você tinha as mesas de debates esportivos e todos eram muito evidentes nos clubes que torciam. Hoje o que eu noto é que isso perdeu importância, tanto para o jornalista, quanto para o leitor. Acho que por anos e anos, os leitores começaram a ser educados e acho que isso não tem mais importância como tinha antigamente, por exemplo, há 30 anos. Tanto que as pessoas não ficam preocupadas em saber quem

torce para quem. Acho que também pelos cursos da universidade, todas as indicações da isenção, da objetividade, que de certa forma penetrou na profissão. Isso tem ocasionado um comportamento bastante *low-profile*, digamos assim, do jornalista, como também do próprio leitor, do consumidor, da recepção que aceita isso como um fato normal e não tem discussão.

P: O senhor disse que antigamente se guardava mais qual era o time, não ser tão aberto quanto hoje em dia. Em sua opinião, é melhor se proteger?

R: Eu não posso dizer se é melhor, eu posso dizer que isso era uma cultura do meu tempo. Como eu falei, havia subversões a essa cultura muito evidentes. Hoje, as pessoas que conhecem o jornalista sabem para que time ele torce, a gente percebe isso. Mas eu acho que é muito mais sutil do que era na minha época. Na minha época ainda estava se formando essa mentalidade, mas era muito corrompida. Talvez não se refletisse tanto na cobertura... Vou te dar um exemplo. Eu sou de uma geração, as pessoas que sabiam que eu era Vasco, perguntavam como eu podia ser vascaíno. Na redação, na época, tinha muito botafoguense. Então, isso de certa forma refletia na edição. O vascaíno achava que era colocado em segundo plano. Hoje os botafoguenses têm essa impressão. Mas eu sempre digo, isso pode ser a minha sensibilidade de torcedor, pode não ser a minha sensibilidade técnica. Para perceber que aquilo é de fato, o correto. Às vezes, a sensibilidade do torcedor se sobressai à sensibilidade técnica, quando você vê que a opção foi correta, tecnicamente falando, isso que está certo. Mas a tendência também, das coberturas no mundo, em função de toda a mídia eletrônica, então, isso vai sempre acabar influenciando na cobertura. Vai sempre influenciar os clubes de maior torcida. Hoje existe uma ideia de que o Flamengo e o Corinthians são os mais beneficiados na cobertura. É uma coisa da audiência. O futebol se insere na área do *showbiz*, mas do que na área da informação. Então, as pessoas vão buscar informação sobre que horas o time joga, qual televisão que vai fazer a cobertura, qual a estatística do clube... Porque uma geração de leitores, de receptores também já foi formada assim.

P: Por que o senhor decidiu ser jornalista esportivo?

R: Foi tudo uma coincidência na minha vida. Eu nunca pensei em ser jornalista. Eu estudava na UFF e fazia cinema, sou formado em cinema. Um dia o Diário de Notícias me chamou, perguntando se não queria um estágio. Fiquei lá, depois sai e fui para o Jornal dos Sports, fui para o O Globo e pronto, não tinha mais jeito de largar isso. Terminei o curso de cinema, mas nunca trabalhei com isso.

P: Como o senhor virou vascaíno? Sempre frequentou estádio?

R: Porque eu sou de 1952. Eu tinha dois primos que eram vascaínos, e eu tinha seis anos quando o Vasco foi campeão em 1958. Depois amarguei toda uma adolescência sem títulos. Acho que foi isso e também para brigar com meus irmãos.

Entrevista 2 – Caio Barbosa

Início da carreira: 2000

Veículos que trabalhou: O Fluminense, Lance, Globoesporte.com, Extra e O Dia

Times que cobriu: Botafogo, Flamengo e Fluminense

Atualmente, trabalha no O Dia, na editoria de cidades.

P: Como você começou no jornalismo esportivo?

R: Comecei em 2000 e a primeira matéria que fiz foi sobre Fluminense e São Caetano, que estavam disputando a Copa João Havelange. Eu estava no Jornal O Fluminense ainda e nem foi tanto uma matéria como jornalista esportivo. Eu estudava na UFF, morava em Niterói e na cidade tem muito torcedor do Fluminense. O time estava voltando à primeira divisão naquele ano e a torcida estava muito empolgada com o time, que tinha acabado de sair da terceira divisão. A cidade de Niterói tinha muita gente com a camisa do Fluminense na rua e virou uma pauta muito ligada ao futebol e à cidade também, o resgate do orgulho tricolor. Mas eu não cobria futebol pelo jornal. Cobria algumas vezes, mas era uma coisa rápida, nem era uma cobertura diária. Depois, eu vim para o Rio em 2001, para o Lance e fiquei até julho de 2007. Eu fiz todos os clubes, muitos anos o Fluminense e Flamengo, e eu sou tricolor. Depois fui para o Globoesporte.com, para cobrir o Fluminense também, e fiquei de 2007 a 2008, até o final da Libertadores. Saí do esporte e voltei no final de 2009, para o Extra até 2011, com Flamengo e Fluminense.

P: Como era a sensação de cobrir o Fluminense, o time que você torcia?

R: Na verdade, eu nunca quis fazer jornalismo esportivo, minha carreira que acabou apontando para isso. Eu nunca pensei em fazer isso, porque eu gosto muito da arquibancada, gosto muito de futebol, gosto muito de ir aos jogos. Assim, trabalhar com o futebol me impedia da minha grande paixão que é ir aos jogos, estar na arquibancada. Mas a gente vai aprendendo. Eu lembro que teve um jogo muito difícil, logo no início da carreira. Eu tinha uma promessa de criança que eu ia ficar 50 anos sem faltar um Fla-Flu e acabei ficando 12 anos sem faltar nenhum. No Jornal O Fluminense, eu conseguia ajeitar com os editores que sempre em um Fla-Flu eu estivesse de folga. Mas no Lance não tinha como. Teve um clássico que eu tive que trabalhar. Cheguei 9h na redação, porque eu pensei “se chegar mais tarde e vê o pessoal indo para o jogo, eu vou também”. Fui tenso para redação, lembro que suava, na expectativa de querer ir para o jogo, desesperado. O jogo do Fluminense estava passando na televisão e eu não conseguia fazer nada, não estava concentrado. Naquela época, na redação do Lance tinha muita gente que torcia pelo Fluminense, a maioria naquele dia era tricolor. O Flamengo começou ganhando, 1x0. Eu desesperado, pensando “se estivesse lá o Fluminense ia ganhar”. Mas o time empatou, gol do Roger e aos 33 do segundo tempo, virou com um golaço do Paulo César. A gente pulou por cima das mesas, um pulou por cima do outro, começamos a chorar, a gritar. O Fluminense estava muito mal, dois anos antes estava na terceira divisão. A minha prova de fogo já tinha passado, no próximo Fla-Flu ia estar mais tranquilo. Depois disso, foi bem tranquilo, acho que naquele dia exorcizei meu lado torcedor. Porque depois que você vai cobrir clube, é muita coisa que tem que fazer, não dá tempo de torcer direito. No Lance era muito volume de trabalho, uma cobertura muito grande, três ou quatro páginas do clube por dia, sempre aquela busca de material exclusivo, de querer dar furo, então não dava muito tempo para torcer. Claro, a gente acompanha,

está sempre torcendo, mas aquela paixão de torcedor, aquela emoção, a gente acaba deixando um pouco de lado, senão não conseguimos fazer o trabalho. Flui naturalmente, não tem muito mistério.

P: Cobrir o Fluminense era uma sensação diferente do que a de cobrir o Flamengo?

R: O Flamengo eu já tinha cobrido algumas vezes, como folguista, mas eu lembro que na primeira vez, quando virei o setorista do time, em 2006, foi uma época em que o Flamengo tinha contratado vários jogadores do Fluminense: Toró, Diego Souza, Leonardo Moura, Juan [lateral-esquerdo], uns quatro ou cinco do Fluminense. A molecada de Xerém, como o Diego e o Toró, que eu conhecia há muitos anos, ficaram rindo de mim, brincando que eu estava cobrindo o Flamengo. Eles perguntaram “e a tatuagem?”. Eu tenho uma tatuagem do escudo no braço esquerdo, e eu disse “vocês que sabem, querem falar para todo mundo, pode falar. Depois vocês vão ver a nota que terão no jornal”. Mas sempre foi tranquilo. O pessoal da torcida organizada ficou botando uma pilha, mas quando você se dá ao respeito, ninguém mexe contigo. Tanto que em 2004, no Flamengo e Santo André, na Copa do Brasil, eu fui cobrir o jogo em São Paulo e viajei no ônibus junto com a Raça Rubro Negra, com a tatuagem do Fluminense. No jornal, nem os flamenguistas quiseram fazer essa cobertura, mas eu disse que ia e ninguém acreditou. Mas é aquilo, se você se dá ao respeito, está tranquilo. Me perguntaram se eu tinha escondido minha tatuagem, eu disse que não escondi, mas não mostrei. Só que eu já tinha dito que era Fluminense, porque já acostumado com o que acontece em viagem de torcida, eu pensei “vai que no meio da estrada, tem uma blitz da polícia e todo mundo tem que tirar a camisa, aí eles vão ver a tatuagem”. É melhor não ter a surpresa de ter um tricolor dentro do ônibus. Mas foi tranquilo, diferente do que todo mundo imaginava, inclusive eu. Não houve confusão, briga, não teve nada, foi uma cobertura tranquila.

P: Os torcedores e os jogadores, eles sabiam que você era tricolor?

R: Eles sabem. Eles acompanham redes sociais e eu também nunca fiz questão de esconder. Eu falo abertamente sobre qual é o meu time. Como tricolor, eu sempre fui muito rigoroso nas minhas avaliações e sempre meti muito “pau” na diretoria do Fluminense. Hoje em dias as pessoas acham que eu defendia o Horcades e o Fischel [ex-presidentes do Fluminense]. Mas o Horcades sabe que eu fui o repórter que mais bati na gestão dele. Hoje ele brinca comigo, fala comigo no *Facebook*, mas ele sabe que ninguém encheu mais o saco dele durante seis anos de gestão do que eu. As pessoas falam que eu era Flamengo e eu brincava que era. Mas quem estava ali, quem acompanha mesmo o futebol sabe que eu sou Fluminense, postava foto, a família toda é tricolor.

P: Você acha que o público esportivo no Brasil sabe diferenciar o lado pessoal do profissional ou declarar o time continua sendo um “problema”?

R: Eu acho que melhorou. Eu tenho muitos seguidores nas redes sociais, principalmente no *Facebook*, que hoje em dia eu uso mais. Eu falo muito de futebol e fica claro que eu sou Fluminense. Eu brinco muito com o Flamengo e até pouco tempo tinha gente que achava que eu era rubro-negro. Elas misturavam as coisas, mas acho que isso está mudando. No início as pessoas cobravam mais, xingavam mais, ofendiam mais, mandavam muitas mensagens ofendendo. Mas acho que hoje em dia diminuiu muito. Acho que ainda tem bastante, porque é quase uma marca do torcedor

brasileiro, mas acho que já foi muito pior. No início da internet era muito complicado, mas as pessoas vão aprendendo também. Os próprios repórteres não gostavam de dizer o time, agora é quase impossível não dizer. O torcedor que acompanha todo dia não só o clube, mas também o repórter, ele acaba descobrindo. Eu lembro que ninguém sabia o time do Galvão Bueno, o time do Renato Maurício Prado, agora todos sabem que eles são flamenguistas, por causa da superexposição. Antigamente você só via o Galvão Bueno no domingo à tarde, agora está toda hora na TV. As pessoas acabam entendendo, inclusive avaliando melhor o trabalho de cada jornalista. Se o jornalista consegue separar a paixão da profissão ou não. Tem uns que conseguem mais, outros que conseguem menos, outros que nem conseguem e os que conseguem totalmente, depende da competência e do interesse de cada um.

P: Como era sua relação com dirigentes, funcionários, atletas e torcedores? Já teve algum tipo de problema?

R: Eu já tive muito problema. Na verdade, eles que tem problemas comigo, eu não tenho nenhum problemas com eles. No Fluminense eu te dou vários exemplos, mas o caso mais célebre é o do Fred, do capisaquê, que foi um dos de mais destaque e mais recente. Mas isso vem de muito tempo. Especificamente do Fluminense, eu me lembro de um, logo no início da gestão Horcades, terceiro mês. Eles venderam o Diego Souza, na véspera de um Fla-Flu decisivo. Eu sabia da informação, porque o próprio jogador tinha me passado, eu fui cobrar da diretoria e eles quase me bateram, me chamaram de maluco e de mentiroso. Eu disse “não estou mentindo e para provar eu coloco no jornal a cópia do contrato”. Eles perceberam, confirmaram e pediram para botar a notícia só depois do jogo. Eu combinei e pedi para eles não desmentirem a informação que eu tinha. Eles até desmentiram, de uma forma escorregadia, mas o jogador já estava vendido. Logo depois, eu fiz uma matéria em Xerém, mostrando que o nível das instalações era um negócio deplorável. Eu lembro que teve uma foto de uma montanha de cocô de cavalo no meio do campo de treinamento. Fiz essa matéria, o Horcades me espinafrou, fechou Xerém para a imprensa, falou besteiras sobre mim, mas depois reconheceu, pediu desculpas. Também tive problemas com o assessor de imprensa, que na época era o Alexandre Bittencourt, em relação às matérias contrárias ao Fluminense. Tivemos muitos problemas, mas já me pediu desculpas e hoje somos amigos. São inúmeros os casos.

P: Como eles sabiam que você era tricolor, você acredita que eles esperavam que você pegasse mais leve com o time?

R: Acho não, com certeza esperavam e esperam que o cara pegue mais leve, que puxe mais o saco. Mas eu nunca fiz isso nem vou fazer, não estou aqui para isso. Quem tem que puxar saco é o assessor de imprensa, não o repórter. O repórter fala o que acontece e hoje inclusive tem mais gente puxando saco do que contando o que acontece nos bastidores.

P: Você acredita que por torcer pelo time que torce, acaba se tornando mais crítico?

R: Muito mais, isso com certeza. A gente espera e quer que o time seja campeão sempre. Então tudo que você vê errado, você quer corrigir, quer denunciar. Além de ser um dever da profissão, você como torcedor quer mostrar que está errado, para vê se as coisas dão certo. Mas as pessoas não veem isso, elas acham que estamos ali para falar mal por falar.

P: Comparando não só com o Flamengo, mas com os outros times que você tenha feito a cobertura. Foi mais fácil cobrir o Fluminense, por exemplo, por você já conhecer a história, por já estar envolvido com o clube?

R: Foi mais fácil por já conhecer as pessoas, ter mais fontes lá dentro. No Flamengo eu conhecia muito menos gente, foi muito mais difícil. Até porque a cobertura do Flamengo, acho que é consenso, é mais difícil. É um clube de maior expressão, de maior torcida, de mais exposição na mídia. Não é fácil, mas é muito legal cobrir também, muito prazeroso. Todas às vezes eu adorei cobrir. No Fluminense era muito mais fácil, eu conhecia muita gente lá dentro, então era muito tranquilo. Eu lembro que em 2003/2004, o Fluminense contratou 14 jogadores e eu dei o furo dos 14. No Lance, eu e o Daniel Costa e Silva, que trabalhava comigo, demos todas as informações em primeira mão. Porque eu tinha muita gente conhecida, tinha amigos de infância que estavam lá dentro, que eram diretores e são diretores até hoje. As pessoas mais bacanas, mais sérias, elas sabiam que podia confiar em mim. Não só por eu ser Fluminense, mas também porque o meu trabalho é sério. As pessoas confiavam e a gente fazia uma dobradinha legal. Mas isso foi em todo clube. No Fluminense foi mais fácil de entrar, mas em todos os outros clubes eu construí uma relação profissional com as fontes que dava essa possibilidade.

P: Você tinha amigos de infância, essa relação muito próxima atrapalhou?

R: Um caso curioso é que o cara que era meu principal amigo de infância é o Marcelo Teixeira, ele está lá até hoje. Ele foi Diretor de Futebol, mas não estava mandando muito bem na função, ele meio que tinha sido rebaixado para Xerém. Eu já estava cobrindo o Fluminense e ele entrou para ser Diretor Geral de Xerém. Eu conversei com ele e falei “que bom que você está aqui agora, nessa diretoria eu estou com pouco contato, você me passa as informações”, ele disse que não ia ser assim, comentei que o conhecia desde os 15 anos de idade. Mas ele disse para eu ficar tranquilo, que ele não ia passar para mim, mas também não ia passar para ninguém. Mas eu nunca precisei, nunca busquei com ele nenhum tipo de informação, porque ali eu achei que ia misturar muito as coisas. Ele é um cara sério, posso ter várias críticas como gestor, mas ele é um profissional sério.

P: É uma linha muito tênue...

R: É sim e por isso não queria misturar as coisas. Como ele era meu amigo, frequentava minha casa, íamos ao Maracanã juntos, eu preferir deixar um pouco de lado, conversar só quando não tivesse outro jeito. As outras pessoas que eu conhecia no Fluminense eram aqueles amigos de arquibancada, que eu conhecia a muito tempo de Maracanã, mas não de conhecer família. Era mais fácil, mas quando a amizade era mais forte, eu achava melhor deixar um pouco de lado, para não causar problema, inclusive para ele. É um cara super do bem e deve estar até chateado com as coisas que eu falei dele.

P: Nesse tempo que cobriu o Fluminense, com tantos contatos, qual foi o principal furo?

R: Acho que foi o do Fred, bebendo 60 caipirinhas.

P: E o da carreira, foi esse também?

R: Não sei, porque nós denunciemos um caso de pedofilia dentro do Flamengo. Era um diretor financeiro, um cara importante, que tinha ligações das mais imundas

possíveis, que tinha uma rede de pedofilia espalhada pelo país. A gente foi à Bahia mostrar a forma como ele recrutava crianças para entrar no Flamengo, que é um negócio que só de lembrar já me dá um desespero. A Patrícia Amorim o exonerou e nunca mais botou os pés no Flamengo. Isso foi muito importante, muito mais do que contratar um jogado, mandar outro embora. Então essa dentro do jornalismo esportivo foi a melhor. Tem a do Fred, da caipirinha. Também tem a cobertura dos quatro meses insanos em que o Zico ficou à frente do futebol do Flamengo, que a gente denunciou todas as cagadas que ele fez, inclusive a saída dele por SMS. Ele falou que ia me processar, que ia processar o jornal, mas nunca processou porque ele sabia que a gente estava com a razão desde o início. Ele trocou os pés pelas mãos, em todo o momento, desde que chegou, que foi logo depois da confusão do Bruno e ele conduziu tudo da pior maneira possível. Fez contratações mais esdrúxulas possíveis, gastou um dinheiro surreal e a gente denunciou. Porque o Zico, talvez seja o personagem mais querido do futebol brasileiro... O Romário sempre apanhou muito, o Pelé também, mas o Zico nunca ninguém bateu. Então eu acho que o primeiro que bateu no Zico fui eu. A gente ainda deu o furo dele saindo do Flamengo e isso para mim foi inesquecível, pelo modo que a gente deu a notícia, foi muito curioso.

Foi assim: eu sabia que estava acontecendo alguma coisa no Flamengo e eu não conseguia dormir. Até que uma pessoa do Flamengo me liga, por volta de meia-noite, falando “o Zico vai meter o pé do Flamengo agora, por SMS para a Patrícia Amorim”. Eu não acreditei e ele me jurou que era verdade, mas eu ficava pensando “o Zico deve estar doido para me ver mal, jogou uma casca de banana para eu escorregar e falar que tudo que eu tinha escrito até então era um erro”. Eu estava no Extra na época, liguei para o Otávio Guedes, que era o diretor, contei para ele e pedi para parar o jornal por uns 20 minutos. Uns 20 minutos depois eu ainda não tinha nada e já achava que era blefe. Ele nervoso porque o jornal estava parado, o prejuízo que ia dá, eu pedi mais cinco minutos. O cara me ligou dizendo que a Patrícia tinha recebido o SMS, confirmei com ela e liguei para o Otávio. Acabou virando capa do Extra. Então foi algo que pela forma como aconteceu, eu nunca vou esquecer.

P: A do Fred gerou problemas?

R: Ele é um mentiroso, o maior mentiroso do futebol brasileiro. Nada do que ele fala é verdade, tudo que sai da boca dele é mentira, ele não fala uma verdade. Ele inventou que eu tinha mandando os caras irem lá. Um sobrinho meu estava no meio, ele juntou e achou que eu tinha mandado os caras para fazer alguma coisa. Tem o nome do meu sobrinho no jornal, inclusive, como vândalo, até arrumei um problema familiar. A verdade é o seguinte: ele não ficou enlouquecido com a matéria, porque todo mundo já sabia que ele era cachaceiro. O problema é que não foi uma matéria, foram cinco dias de matéria, foram quinze páginas de matéria, mostrando todo o porquê daquela situação. Porque ele mentiu para todo mundo, ele mentiu para a comissão técnica, mentiu para os jogadores, mentiu para os torcedores, mentiu para o Mano Menezes, que era o técnico da seleção. Aquela matéria poderia prejudicá-lo de duas maneiras. Na Copa América, teve um episódio que ele e o Neymar saíram para beber, o Mano ficou irritado, chamou os dois e falou: “Com o Neymar, que tem 18 anos eu ainda posso falar. Mas não dá para chegar para você, com 30 anos e dizer que tem que parar de beber. Tem que segurar a onda, porque vem Copa do Mundo, a sua última e você vai continuar bebendo?”. Ele prometeu ao Mano que ia parar de beber. Então esse caso poderia custar e custou a vaga dele na seleção, porque o Mano nunca mais o chamou. A outra questão que poderia prejudicá-lo imensamente é que era 2011 e ele tinha

contrato até 2016. Como ele não estava ligando para o Fluminense naquela época, a matéria permitiria a Unimed romper o contrato por justa causa. Assim, ele deixaria de receber 60 milhões de reais. Imagina na cabeça de um cara, ficar sem a vaga na Copa do Mundo e sem 60 milhões de reais. Ele enlouqueceu. Porque depois que teve a situação do bar, em que os torcedores foram atrás deles, ele não foi à delegacia. Ele foi à delegacia dois dias depois que saiu a matéria no jornal. Se alguém te ameaça, vai ao bar te ameaçar, querendo te matar, você vai à delegacia na mesma hora e não dois dias depois que a matéria saiu no jornal. Era uma sucessão de batons na cueca, que mostrava que ele não estava com a razão e mostra até hoje, apesar de parte da torcida achar que estava. Faz parte do jogo. O cara acabou sendo campeão brasileiro no ano seguinte, foi ótimo, eu torci, grito o nome dele na arquibancada, tomara que ele faça 500 milhões de gols, mas é um cara que não vale nada. Uma coisa importante desse fato foi o dia seguinte à confusão. Teve um jogo do Fluminense x Internacional no Engenhão, que tava um inferno, um caos na terra, todo mundo em cima de mim, todo mundo em cima do Fred, que sumiu, falou que não tinha condições psicológicas de jogar, e eu lá pensando: “se o Fluminense perder o jogo, a torcida vai querer me matar”. Mas o Fluminense ganhou o jogo, com dois gols do Rafael Moura. Nós fomos para o vestiário e o que aconteceu também foi muito emblemático. A gente desceu, com o elevador lotado de jornalistas e entra o Sandrão, o vice de futebol na época, que eu tinha conhecido dois dias antes para fazer a matéria, ele dizendo que tinha combinado com o Fred de não beber. Ele entra e os jornalistas perguntaram do caso Fred e ele disse: “pergunta para o Caio, ele que armou tudo”. Eu levantei a voz, mas ele desconversou dizendo que tinha muita coisa para resolver do time. Entramos para a coletiva do Abel [Braga, técnico do time na época], que assim que chegou, pegou o microfone e falou: “eu só vou dizer duas coisas sobre o caso Fred. Primeiro que eu respeito o jornalista que fez a matéria. Segundo, que eu quero dizer que a torcida do Fluminense é soberana.” Ele me defendeu, defendeu a torcida e falou: “Neste momento, nós precisamos recuperar o nosso jogador, nosso capitão do time, jogador de seleção brasileira e nós vamos recuperá-lo porque ele é muito importante para gente. Ponto, agora vamos falar sobre o jogo.” Só o verbo já mostra qual é a questão. Ou seja, que o cara estava enchendo a cara todo dia. Ali ele resolveu o problema. O Fluminense não fez nenhuma representação contra mim e olha que o Fluminense adora fazer nota oficial na internet, mas não fizeram nenhuma porque eles não teriam coragem. O Fluminense estava junto com a matéria, ela foi feita em comunhão com a diretoria e a comissão técnica, ou seja, o Peter Siemens [presidente do Fluminense] não falou nada, o Sandrão não falou nada, ninguém no Fluminense falou absolutamente nada. O Fred só foi dar uma coletiva sobre o assunto uns quinze dias depois, porque teve que montar um discurso junto com o advogado, para falar mais cinco milhões de mentiras, mas acabou não dando em nada. Mas que o clima foi tenso foi.

Teve outra situação, do Bruno, que foi até o limite. O Bruno me ameaçou três meses antes de matar a Eliza Samúdio, ameaçou a mim e a minha filha, foi em 08/03/2010, Dia Internacional da Mulher. Ele falou uma infeliz declaração: “quem nunca saiu na mão com uma mulher?” e o Extra, botou na capa a mão do Bruno e a frase. No dia seguinte, ele chegou e disse: “quero conversar com o repórter do jornal”. Ele deu essa entrevista depois de um jogo em Volta Redonda, que eu estava de folga. Mas fomos para o vestiário, eu, Bruno, o zagueiro Álvaro e o assessor de imprensa, o Léo André. Ele começou: “quero saber que história é essa que está no jornal”. Eu me fiz de bobo e disse: “você tem toda razão, mas essas aspas não são suas? Se não for, você deve

processar o jornal”. Ele: “fui eu que disse, mas não falei bem isso.” Eu: “você fala isso, no Dia Internacional da Mulher, depois de bater na sua mulher, em um clube presidido por uma mulher e você quer que não saia no jornal?” Ele achou que eu tinha implicância com ele, eu disse que era bobagem porque eu o achava o melhor goleiro do país, mas disse que ele só fazia besteira. Ele levantou da cadeira e disse: “você tem que ver o seguinte, eu tenho filha”. Eu levantei e falei a mesma coisa, ele disse: “pois é, mas alguma coisa pode acontecer com ela”. Eu xinguei, falei que ia embora e o Álvaro dizia que ele só estava nervoso. Continuamos a bater boca, mas no final nos cumprimentamos. Eu cheguei à redação e falei com o editor que o Bruno tinha me ameaçado e ele me mandou ir para a delegacia. Eu falei que não ia e ele repetia, dizendo que a posição do jornal era que eu fosse à delegacia prestar queixa. Eu não fui, mas saiu no jornal “Bruno ameaça repórter” e três meses depois o cara mata a Eliza. Eu lembro que fiquei uns 15 dias em estado de choque. Eu não imaginava que um cara que convivia comigo todo dia fosse fazer o que fez. Esses são alguns dos dias tensos da carreira.

P: Eu vejo que você ainda é muito torcedor do Fluminense, mas você se tornou um torcedor diferente?

R: Me tornei, muito. Eu saía de casa com a roupa do corpo e ficava três dias fora para viajar pelo país, matava aula para ver jogo. Quando era adolescente minha vida toda era o Fluminense. Eu fiz UFF por causa do Fluminense, eu queria começar a carreira no Jornal O Fluminense. Era assim. Agora todo mundo tem tatuagem de clube de futebol... Eu fiz em 1999 porque achei que o Fluminense fosse acabar. Na época, todo mundo falava que eu era maluco, mas hoje virou moda.

P: Agora você é mais calmo?

R: Agora sim. Tenho que ser um cara responsável, pai de família.

P: Agora você não está mais cobrindo esporte, mas quando ainda cobria, você frequentava o estádio como torcedor?

R: Muito, eu não aguento não ir. Agora eu não tenho ido a todos os jogos, tenho ido à metade, mas não vou porque tem me irritado muito. Tudo que eu publiquei que essa gestão faria, eles fizeram. O time joga como quer. Então se ele joga como quer, ele não faz questão da minha presença na arquibancada. O que eu vou fazer lá? Eu já fui ver jogo da terceira divisão no país inteiro. O time era horrível, mas tinha raça, tinha disposição. Mas assisto pela televisão e me irrita muito. Eu sei que se eu for lá, ainda vou me irritar de gastar 40 reais. Então prefiro acompanhar atentamente, mas não da arquibancada.

P: Enquanto você cobria, teve algum momento mais marcante?

R: A volta do Fluminense nas competições internacionais, eu fiz o primeiro jogo do time na Argentina depois de 20 e tantos anos, contra o Banfields. Depois fiz toda a campanha da Libertadores, eu viajava pela América do Sul. Apesar do Fluminense não ter sido campeão, a campanha foi belíssima, os jogos foram inesquecíveis. Nossa, foi emocionante.

P: Nessas horas tinha o lado torcedor batendo?

R: Tinha sim, mas tinha o lado jornalístico bacana de estar acompanhando aquele momento. Eu estava muito feliz. Foi uma cobertura que eu estava muito entusiasmado,

porque realmente foram jogos incríveis, foram viagens muito legais, que eu nunca vou esquecer. Eu nem sei se influenciava, tanto que logo depois da final da Libertadores, eu postei uma foto com o Guerrón no Maracanã me dando um beijo. O pessoal queria me destruir. Eu gosto de botar pilha em todo mundo, eu vivo botando pilha nas pessoas. É aquilo: “acabou, perdeu, amanhã tem mais”.

P: Mas esse “amanhã tem mais” só surgiu porque você é jornalista...

R: Eu acho que se eu não fosse eu iria morrer. Eu acho que eu não morri esse dia porque eu sabia que o Fluminense ia perder para a LDU. Acho que todo mundo sabia que a gente ia perder a decisão. Várias pessoas que cobriram aquela temporada, os que eram tricolores e inclusive os que trabalhavam dentro do clube, achavam isso. Nos jogos contra o São Paulo, a gente via o encadeamento dos jogos, a gente falava: “vamos ganhar do São Paulo, do Boca Juniors e vamos perder da LDU”. Por incrível que pareça. Acho que teve dois jogos na minha vida que eu tinha certeza do resultado. O Fla-Flu do gol de barriga e Fluminense e LDU. Então, eu já estava preparado para aquela derrota, não me doeu tanto. O torcedor até hoje não entende porque o Fluminense perdeu, mas a gente entende. Mas daquela forma foi bem mais cruel. Eu passei tranquilo aquele dia, o seguinte eu acordei com aquela sensação meio de ressaca, de que acabou tudo. Eu estava sonhando com uma viagem para o Japão, apesar de já estar chegando ao meu limite, eu não aguentava mais esporte. A minha intenção era o Fluminense ganhar a Libertadores, eu ir para o Japão e acabar, encerrando com chave de ouro.

P: Na sua opinião, é melhor ser setorista fixo de um clube ou fazer um rodízio?

R: Não sei, mas tem que ficar pelo menos um ano. Eu acho que de repente o melhor seria ficar dois anos. Quando todo mundo rodar, você já vai estar ali conhecendo todo mundo e vai levar vantagem. Mas as rádios não têm rodado bastante. Eu acho que não tem muita regra não, tudo pode ser conversado com a chefia.

R: Na sua época era rodízio?

P: Eu nem lembro direito. Mas não tinha muita regra, a maioria das vezes era rodízio. Eu acho que é legal conversar, vê se o repórter está se sentindo bem ou não. Mas não é o repórter que manda. Acho que o editor vê se o repórter é maduro o suficiente, se precisa rodar para aprender nos outros clubes também. Porque é muito fácil você se acomodar em um clube. Tem que trabalhar em outros clubes para melhorar seu trabalho jornalístico, conhecer outras fontes, outras pessoas, eu acho que isso é fundamental. A partir do momento que o cara for cascudo, conversa e vê o que é melhor. Mas enquanto está no início de carreira, o importante é rodar.

P: Como você virou tricolor?

R: Eu virei tricolor porque minha família inteira é tricolor. Meu avô tinha onze irmãos, todos eram Fluminense e ele era um cara muito próximo de mim. Meu irmão mais velho é tricolor doente. Mas a família inteira é Fluminense. É uma paixão que vem de todo mundo. Tenho primos espalhados pelo país inteiro e é todo mundo Fluminense. Eu lembro quando minha filha nasceu, o pessoal falava que eu ia encher o saco dela pra ser Fluminense. Eu dizia que nem precisava, porque ela ia ser Fluminense. As primeiras palavras que ela vai ouvir na vida é Fluminense, todo mundo só sabe falar disso. É um saco inclusive, eu detesto reunião de família porque todo mundo fica me perguntando do Fluminense. Eu só falo do time no bar com os meus amigos. As

peessoas acham que eu tenho informações privilegiadas, que eu vou resolver tudo, que eu vou mudar o Fluminense, contratar jogador.

P: No início da carreira, por ser tão fanático, dava uma balançada entre o lado torcedor e o jornalista ou sempre foi tranquilo?

R: Não, porque o primeiro clube não foi o Fluminense, foi o Botafogo. Então, quando eu fui para o Fluminense eu já estava tranquilo. A primeira situação complicada foi a daquele Fla-Flu, mas eu não estava no jogo, estava dentro da redação.

P: No jogo, você demonstrava emoção?

R: Demonstro, sem nenhum constrangimento. O pessoal antigamente proibia de comemorar gol, mas como vai me proibir? Se sair gol eu vou comemorar, levantar o braço, gritar gol. Eu não estou comemorando no texto. No dia do jogo do gol de barriga estava o Juca Kfourri, e o Paulo Júnior quase deu cambalhota na tribuna e o Kfourri disse para o Paulo ter modos. E ele disse: “modos? Um dos maiores gols da história do Maracanã e você quer eu fique batendo palmas?” Depois a gente faz a matéria normal, como tem que ser, numa boa, isso não tem nenhum problema. Fiz matéria do Flamengo campeão da Copa do Brasil, do hexa, foram matérias incríveis, adorei fazer, mesmo torcendo para o Flamengo perder. Lembro do 5x4, contra o Santos, que o Ronaldinho Gaúcho acabou com o jogo e foi delicioso fazer. É sem hipocrisia, sai fácil, a gente faz numa boa.

Entrevista 3 – Diego Rodrigues

Início da carreira: 2007

Veículos que trabalhou: Lance e Globoesporte.com

Times que cobriu: Vasco e Fluminense

P: Você cobriu o Fluminense em 2010, ano do campeonato. Como foi cobrir o time durante essa fase? Quando o time foi campeão, o torcedor apareceu?

R: Eu tinha feito a cobertura de Botafogo e Vasco um pouco antes. Mas, de fato, começar a cobrir o clube de coração é uma experiência diferente. A primeira sensação foi de deslumbramento misturado com ansiedade. Porém, com o passar do tempo você vai se acostumando com o ambiente, personagens, dia a dia do clube...

Sobre o lado torcedor aparecer, eu acabei descobrindo nesses anos que você se envolve tanto com o dia a dia, que acaba sempre torcendo um pouco para o clube que cobre. Eu uma vez me peguei comemorando um gol do Vasco na luta contra o rebaixamento, em 2008. Nunca havia imaginado que faria isso. O ambiente acaba te contagiando e você torce para que tudo dê certo durante as partidas.

P: É fácil deixar de lado a paixão clubista no exercício profissional?

R: Não. Achei complicado. Acredito que cada um tenha uma reação diferente, mas deixar de lado ninguém deixa completamente. Ouço muito torcedor falar que certo repórter é contra o clube dele por fazer matérias negativas. Eu acho um absurdo, porque os problemas estão ali e só estamos apurando e publicando. Um dia parei para fazer uma autoavaliação e percebi que a mão costumava pesar mais quando estava tratando do meu clube de coração. Imagina um torcedor insatisfeito com as mazelas de uma determinada diretoria, elenco ou comissão técnica e ter o poder de apurar e tentar

buscar provas. Não que não ocorra em qualquer cobertura, mas percebi um ímpeto ainda maior quando se tratava do Fluminense.

P: Então, você era mais crítico com o Fluminense...

R: Sem dúvida, quando cobri o Fluminense acabei mais crítico.

P: Você cobriu o Vasco em que período?

R: Cobri Vasco do fim de 2007 a 2008.

P: Cobrir o Fluminense era uma sensação diferente do que a de cobrir o Vasco?

R: No começo era diferente. O Vasco foi o primeiro que cobri. Era a sensação da novidade, de conviver no meio que sempre quis como repórter. E ainda era estagiário, foi uma responsabilidade grande. No Fluminense eu tinha mais tempo de setorista e cheguei um pouco mais pronto, menos tímido, com menos medo do que me esperava. Mas deu o mesmo frio na barriga por se tratar do meu clube de coração. Com o tempo, você se acostuma e acaba ficando muito parecido um com outro.

P: Você se tornou um tricolor diferente depois de ter feito a cobertura do time?

R: Não digo nem tricolor diferente. Mas amante do futebol diferente. Antes eu assistia futebol com paixão. Qualquer jogo do Fluminense tinha nervosismo envolvido. Até para sear os rivais era mais intenso. O problema é que ver o lado obscuro do futebol bem perto mexe com sua paixão. E é uma overdose de jogos para assistir num fim de semana de rodada na redação. Enjoa. Eu, hoje, me sinto cada vez menos disposto a parar para assistir uma partida por prazer. A não ser algum jogo decisivo.

P: Qual o veículo mais difícil de fazer a cobertura, impresso ou online?

R: É difícil fazer essa comparação. Pois a logística é diferente, a necessidade de publicação também, assim como os elementos multimídia. No impresso, você tem mais tempo para aprontar o material. Digo no dia-a-dia de cobertura, pois em dia de jogo é diferente. Vamos supor que o *deadline* seja 21h para entregar todas as páginas prontas para edição e impressão. Na maioria das vezes, o treino não passava de 18h. E quando era de manhã, mais tempo ainda para fechar as páginas. A internet é velocidade. É publicação imediata do que está acontecendo, é interação entre texto, vídeo, rede social, mais dinâmico e trabalhoso. E ainda é preciso deixar gavetas, que são matérias para o dia seguinte. Cada um tem sua complexidade.

P: Você acha que o público esportivo no Brasil sabe diferenciar o lado pessoal do profissional ou declarar o time continua sendo um “problema”?

R: O torcedor não sabe diferenciar. O próprio jornalista, mais veladamente, também às vezes questiona o colega de profissão por determinadas opiniões sabendo para qual equipe ele torce. A diferença é que o jornalista guarda a opinião, comporta-se mais comedidamente. O torcedor não. Ele vai até as redes sociais, ameaça, xinga, acha que toda e qualquer opinião ou matéria publicada por um flamenguista, por exemplo, vai ser para prejudicar o Vasco. É um problema, sim, quando já sabem para que time você torce.

P: Você já teve algum problema com torcedor mais nervoso devido a algum comentário, matéria?

R: Não. Mas já vi alguns casos com colegas de profissão. Na maioria das vezes são xingamentos via *Twitter* e em comentários de matérias. O caso mais sério que vi foi no Vasco, em 2008, mas envolvia questão política. O então presidente Eurico Miranda tinha ligação com uma torcida organizada, e o *Lance* havia publicado uma denúncia de fraude na última eleição em que ele saiu vencedor. O presidente conseguiu uma liminar para que o jornal não pudesse entrar no clube para cobertura diária, exceto em jogos. E a diretoria do *Lance* se posicionou claramente a favor da oposição, que tentou anular o pleito – o que aconteceria mais tarde. Houve ameaça física. Membros da torcida organizada Força Jovem esperavam o carro da empresa, que era todo adesivado, para arremessar pedras. Por sorte, no dia os repórteres estavam de táxi e uma ligação anônima avisou do que os esperava. Agora, as agressões são na maioria via redes sociais. Mas não deixam de existir pessoalmente.

P: Você citou esse caso com o Eurico Miranda. Você já teve algum problema com dirigentes ou jogadores?

R: Já. Uma vez, isso já no *Globoesporte.com*, mas cobrindo Vasco. Eu liguei bem cedo para um dirigente para apurar. Ao informar o veículo que trabalhava, ele me xingou, disse que havíamos prejudicado a vida dele por publicar uma possível contratação, que o tal jogador não ia fechar mais, e por aí vai. Não havia sido eu o autor da matéria um dia antes. Parou de atender o telefone. Liguei para o então vice de futebol e expliquei o ocorrido. De pronto ele prometeu resolver a situação. No fim do dia, o tal jogador foi de fato contratado. Dias depois estava tudo solucionado. O Fred, atacante do Fluminense, não gostava do teor de certas matérias sobre suas lesões, e ficou um tempo sem falar com o site. Assim como o Deco. Mas, com o tempo e intervenção de gerentes da empresa, acabou tudo resolvido. Nesse caso do Eurico, por ordens dele, ninguém podia falar com o *Lance*. Nossa informação e aspas vinham exclusivamente das rádios que disponibilizavam de forma solidária.

P: Você consegue destacar um furo de reportagem que conseguiu durante seu trabalho de setorista?

R: Destacaria o de uma lesão do Fred. Ele alegou um resfriado, pois estava em via de ser convocado. Me passei por uma pessoa qualquer e pedi as informações do exame que ele havia feito e me informaram que era um problema na coxa. No ano passado, assim que a Unimed encerrou uma parceria de quase 15 anos com o Fluminense, uma das mais duradouras e de grande sucesso, eu consegui dar que o presidente Unimed, Celso Barros, viria como oposição na próxima eleição, o que se confirmou. Um conhecido, que era da Young Flu, recebia com regularidade Barros em sua casa e tinha contato com sua assessora. Ele me passou, apurei e acabou se confirmando.

P: Você considera que o furo ficou mais difícil com a internet?

R: Na verdade, eu acho que o tipo de furo é que mudou. No jornal, antigamente, quando a internet ainda engatinhava, uma contratação era furo. Uma saída de treinador era furo se descoberta antes. Agora, isso praticamente é publicado ao mesmo tempo, às vezes é questão de minutos só de diferença entre as empresas concorrentes. Acredito que o furo hoje em dia seja uma boa história, uma entrevista em que o entrevistado conte coisas novas, jamais contadas, porque aquilo torna-se exclusivo se não for feito em uma entrevista coletiva, claro. São as formas diferentes de contar as histórias. Por exemplo: em 2010 o Conca era um jogador muito procurado pela imprensa. Dava poucas entrevistas, mas quando falava, era coletiva. Um repórter foi até a Argentina e

fez diferente, falou com a família, contou a vida do jogador sem precisar falar com ele. Isso, sim, passa a ser furo mais valorizado hoje em dia.

P: Como era sua relação com o pessoal dos clubes que trabalhou, teve uma relação mais próxima com algum jogador ou dirigente?

R: Eu sempre evitei me aproximar muito do pessoal do clube. Tinha mais contato com os assessores e setoristas de outros veículos. Pelas entrevistas, pelo convívio, você acaba preferindo um ou outro, mas nunca fui próximo de nenhum deles. O que mais gostei de entrevistar foi o Rafael Sobis.

P: O pessoal dos dois clubes, eles sabiam que você era tricolor? Isso te trouxe algum benefício no Fluminense ou alguma desvantagem no Vasco?

R: Sabiam. Eles acabam sabendo o time de todo mundo que cobre o clube. Acontece uma piadinha ou outra quando você não torce para o clube, mas a relação é muito tranquila, a não ser que eles achem que você está desrespeitando o clube. O único benefício que tive no Fluminense foi ganhar camisa da *Adidas*, que enviava só para quem torcia para o time.

P: Na sua opinião, é melhor ser setorista fixo de um clube ou fazer um rodízio?

R: É sempre bom ter um rodízio. Muito tempo no mesmo lugar cansa. Mas também não pode ser troca rápida, porque leva tempo até você se adaptar ao clube, conhecer as pessoas, criar fontes, ter noção do ambiente. Quem está há mais tempo, claro, leva vantagem por ter uma relação mais próxima. Mas existe vantagem de várias maneiras. Pode ser que um setorista novo já tenha trabalhado com o atual assessor do presidente e, por isso, consegue informações quentes. Acontece. Ou conhecer um técnico de experiências passadas, um jogador. Isso depende, mas ter mais tempo de casa ajuda.

P: Existem jornalistas que declaram abertamente seu time de coração. Outros preferem manter discrição. Em qual deles você se enquadra?

R: Eu prefiro deixar claro para qual time você torce. Mas entendo a precaução de quem prefere de prevenir.

P: Como você virou tricolor? Sempre frequentou estádio?

R: Minha família é tricolor. Eu comecei a ver futebol de verdade na Copa do Mundo de 1994. E em 1995 veio o título estadual do gol de barriga e não parei de acompanhar o Fluminense. Frequento o estádio há um bom tempo.

P: Por que você decidiu ser jornalista esportivo?

R: Eu estava indeciso sobre o que fazer na faculdade. Mas eu assistia muito o *Sportv* e acompanhava os programas, achava interessante falar sobre futebol. Desde pequeno comprava o *Jornal dos Sports* e o *Lance* antes de chegar ao colégio e no pré-vestibular. Escolhi o jornalismo mais para estar mais perto do esporte.

P: Enquanto jornalista, você frequenta o estádio como torcedor? Vibra mesmo quando estava ali trabalhando?

R: Eu ia como torcedor sim. Já vibrei muito no meio de um jogo que estava cobrindo. Claro que é bom evitar, mas em alguns jogos era quase que involuntário.

Entrevista 4 – Janir Júnior

Início da carreira: 2002

Veículos que trabalhou: O Dia e Globoesporte.com

Times que cobriu: Vasco, Flamengo e Fluminense

Atualmente, é chefe de reportagem do Globoesporte.com.

P: Quando você começou a cobrir o Flamengo?

R: Eu começo minha relação com o clube no jornal O Dia, em 2002, como folguista. Em 2004, eu passo a cobrir o Flamengo. Eu tinha 25 anos e o editor do jornal me chamou e disse: “cobrir Flamengo em um jornal popular tem o mesmo peso do Ministério da Fazenda”. A partir daquele dia, eu não dormi mais. Foi muito rápida a transição, e teve um rompimento, porque eu era torcedor de arquibancada fanático, alucinado, e de uma hora para outra eu estava ali com o cara que eu gritava o nome na arquibancada. Não me deslumbrei, mas é um choque de realidade, que para mim teve efeito só positivo. Falar de imparcialidade como um todo é meio difícil, lógico que a regra é você ser imparcial. A minha parcialidade, quando existia, era fundamentada em uma visão mais crítica, nunca de passar a mão do clube porque eu sou torcedor. Esse foi o ano que o Flamengo foi campeão estadual, com o Abel Braga, com o Felipe. Depois acontece uma das perdas mais traumáticas, que é a derrota da Copa do Brasil para o Santo André, no Maracanã. Eu senti muito. Trabalhei no jogo. Não vibrava, mas a perda desse título eu senti, como torcedor. Não influenciou em nada, mas eu imaginei que eu já estivesse pronto e que não iria ligar. Fiquei mal, como torcedor, mas ao mesmo tempo, tendo que fazer o pós jogo. Foi complicado, mas me serviu muito como lição. Esse primeiro ano, a parte positiva para mim, foi que sendo torcedor do time, eu vivi muito o clube. O Flamengo treinava na Gávea e eu passava o dia no clube, independente da hora do treino. Eu fazia amizade com segurança, tomava café no bar que os jogadores também tomavam. Isso por ser torcedor, facilitava. Em São Januário, eu cobri o Vasco em 2006, eu não tive essa vontade. Eu sei que profissionalmente eu preciso. Em 2004, no Flamengo, eu fiz isso, mas era torcedor, tomava *chopp* com os caras. Em São Januário eu não fazia isso. Então, desde o início, e por sete anos, sempre o fato de eu ser torcedor foi positivo. No começo eu sentia em algumas derrotas, depois teve feito contrário. Eu assisto aos jogos, mas perdi muito o encanto.

P: Você se tornou um torcedor diferente depois de ter feito a cobertura do time?

R: Eu mudei muito. Quando eu era do colégio e o Flamengo perdia, eu fingia que estava passando mal e faltava aula. Eu nunca fui de gozação, porque eu não aceito. Só que você começa a ver que a coisa não é tão bonita quanto parece. No dia seguinte de uma derrota, os caras estavam rindo. Você via a fortuna que os jogadores ganhavam e eles forçando lesão para não jogar. Então, trabalhar naquilo ali me tirou muito o encanto como torcedor. Porque você vê a verdade, não que você não transmita a verdade, mas só quem vive aquilo sabe como o jogador não liga, que está ali por dinheiro. Hoje eu assisto, uso camisa - na época de setorista não usava -, vou ao estádio, mas a profissão me fez perder o encanto.

P: O pessoal dos do clube, eles sabiam que você era Flamengo?

R: Todo mundo sabia que eu era Flamengo, as pessoas do clube sabiam. Quando eu fui cobrir o Vasco em 2006 eles também sabiam, o Eurico era presidente.

P: Pode ser considerado mais fácil ou mais difícil cobrir o time que torce?

R: Não sei, mais talvez mais interessante ou menos interessante. De todos do Rio, eu nunca cobri o Botafogo. O time que eu tive mais vontade de cobrir, não foi facilidade, foi o Flamengo. Por ter mais vontade, talvez tenha se tornado mais fácil. Mas *a priori*, não é mais fácil ou mais difícil, todos têm suas facilidades e dificuldades. Mas eu só estou hoje onde eu estou, por ter feito essa cobertura de Flamengo. Eu não digo isso por ser flamenguista, mas todo jornalista esportivo deve cobrir o Flamengo, porque é diferente de todos. Eu falo muito que “um estalinho no Botafogo, vira uma bomba nuclear no Flamengo”. É uma coisa muito louca cobrir o Flamengo e foi potencializada por eu ser torcedor do clube, porque eu vivia intensamente o time. Foram sete anos intensos, dois pelo Globoesporte.com, cinco pelo O Dia.

P: Alguns jornalistas vascaínos, disseram que o Vasco é um clube muito difícil de cobrir. Para você também foi?

R: Eu acho o Flamengo mais difícil. A grande dificuldade do Vasco deve ser porque o Eurico fecha o clube, não deixa a gente assistir treino. Isso dificulta, mas para mim não se compara ao Flamengo. Em 2006, eu sofri fazendo a cobertura, por causa da proibição e porque eu não conseguia ter uma entrada muito boa com o Eurico. É difícil, mas ao mesmo tempo ele garante muitas manchetes.

P: Você teve problemas por ser flamenguista em São Januário?

R: Por ser flamenguista não, mas já fui proibido de entrar no clube por causa de matéria crítica que eu fiz. Em 2006, o Vasco fez a final da Copa do Brasil contra o Flamengo e perdeu, com Renato Gaúcho como técnico. Então, quando eu fui fazer o vestiário, teve um conflito de sentimentos. Porque o meu time de coração ganhou do maior rival, mas que era o time que eu cobria. Na época, os vestiários no Maracanã eram um de frente para o outro, eu lembro como se fosse hoje. Eu desço para fazer a entrevista coletiva do Renato Gaúcho e vi a festa do Flamengo a cinco metros, o vestiário festivo, todo mundo gritando, e o do Vasco em um silêncio sepulcral. Então, foi diferente cobrir o maior rival em uma final contra o Flamengo.

P: Como era sua relação com o pessoal do clube, teve uma relação mais próxima com algum jogador ou dirigente?

R: Não sei bem se posso falar em amizade. Por exemplo, o Léo Moura. Ele chegou ao Flamengo em 2005 e ficou 10 anos. A gente perguntava da família, ele sabe dos meus filhos, eu sei dos deles. Mas eu nunca saí com ele, porque eu não sou boleiro e não gosto desse universo. Nunca saí com jogador de futebol, mas tinha uma amizade com eles. Na verdade, é uma amizade, às vezes, de interesse. Não que você vá fazer troca de favor, mas se o cara precisar, ele vai pensar em quem ele confia mais. Ou do meu lado, se eu tiver uma informação de bastidores que eu preciso confirmar, vou ligar para o Léo Moura, por exemplo. Mas amizade de sair, nunca sai. Nunca prometi, nunca tive troca de favores, nunca pedi uma camisa do Flamengo, até porque, se o cara me der e eu falar mal dele no dia seguinte, ele vem cobrar. É uma questão muito delicada. Você ser setorista, você convive mais com os jogadores do que com sua família. Você escreve mal, no dia seguinte você está com o cara de novo e se criar uma amizade isso pode dificultar. Tem figuras no futebol que eu me dou bem até hoje: Léo Moura, Vanderlei Luxemburgo, Abel Braga... São caras que eu encontro, falo, mas foi uma relação construída no amor e ódio. Um exemplo que eu tenho é o Júnior.

Ele é o meu ídolo. Em 2004, ele foi gerente de futebol do time e a gente brigava muito. Hoje, ele é meu amigo, mas viramos depois do futebol. A gente sai para beber, eu frequento a casa dele, jogamos bola juntos. Foi uma relação construída na cobertura, mas com muita briga. Eu me lembro de uma matéria crítica que eu fiz, ele chegou com o jornal na mão, me chamando e falando um monte.

P: Você citou essa do Júnior e disse que teve problemas no Vasco. Tiveram outros problemas no Flamengo?

R: Tive muitos. A relação mais intensa que eu tive no Flamengo foi na gestão Patrícia Amorim, porque tinha vários personagens. O Adriano, por exemplo, eu tinha uma relação muito louca com ele, que já me enquadrrou na sala de imprensa por causa de matéria. Porque quando você cobre o Flamengo com um jogador desses, você tem que fazer duas coberturas, uma do time e outra do Adriano, uma esportiva e uma policial. Eu também peguei o Ronaldinho Gaúcho no time e a primeira exclusiva, depois de muito tempo e no Flamengo, é para mim. Todo mundo estava querendo e o Vanderlei Luxemburgo teve que dar a aprovação dele. Ele deu, mas mandou uma “falei ok, mas vê lá o que você vai fazer”, no sentido de me poupa no futuro próximo. Uma semana depois da entrevista, o Flamengo perdeu o jogo e critiquei o Luxemburgo. Ele veio para cima de mim, reclamando, dizendo que tinha me deixado na boa com o Ronaldinho e eu faço aquilo. Mas não existe troca de favores. No Flamengo eu tive muito mais problema com o Vasco. Em 2012, na pré-temporada em Londrina, o clube estava com três meses de salário atrasado e os jogadores, como Ronaldinho e Felipe ficavam levantando essa bola para gente. Então, eu liguei para o vice de finanças na época, o Michel Levy, que estava no Rio, expliquei a situação, pedi o lado do clube e ele disse: “isso é coisa de cinco ou seis marqueteiros”. Eu coloquei isso no jornal, os jogadores ficaram loucos. O que aconteceu foi o que sempre acontece: o Michel disse que foi mal interpretado e a assessora da presidência da Patrícia Amorim me ligou dizendo que uma nota ia ser colocada no site. Eu tinha uma relação muito próxima com a Patrícia, então eu liguei para ela irritado, discutindo com ela. A Patrícia tirou a nota no site, não pela relação próxima, mas pela relação de confiança. De forma geral, essa temporada foi uma besteira atrás da outra, principalmente do Ronaldinho, que é o típico “pobre menino rico”, que vive num mundo a parte. Mas ele, mesmo com todas as críticas, nunca deixou de falar comigo, sempre gente boa. Teve uma vez que a TV Globo foi fazer as fotos para escalação da televisão, o Ronaldinho foi gravar e só tinha eu, o Eric Faria e um jornalista da Rádio Globo. A gente comentando do atraso de salários, tudo em *off*, e ele disse uma frase mostrando que ele tinha o poder dentro do clube. Ele foi embora e ficou o debate entre a gente e só o repórter da rádio disse que ia dar. Eu liguei para redação, disse que não ia falar, o jornalista disse na rádio, o Ronaldinho voltou irado, xingando todo mundo.

Eu tive outro problema no Vasco, em 2006, quando eu e mais dois jornalista do O Dia fomos proibidos de cobrir o clube, recebemos até fax oficial. No primeiro jogo depois da proibição, nós fomos como torcedores, fizemos todo o jogo da arquibancada, um fotógrafo registrando a gente comprando ingresso, fomos os personagens da matéria, o que irritou o Eurico ainda mais.

P: O fato de você ser flamenguista te ajudou na cobertura do Flamengo, no sentido de ter fontes, proximidade com atletas e dirigentes?

R: Eles também sabiam que eu era mais crítico quando tinha que ser. Só ajudou porque me deu muita excitação em cobrir o clube. Atualmente, eu sou chefe de

reportagem de futebol do Globoesporte.com e eu sempre digo: “clube de futebol não é só futebol”. Você precisa conhecer o porteiro, porque ele pode ser o cara que vai comentar que o salário dele está atrasado e isso já te uma dica de que o do futebol também está. No caso do Bruno, eu conhecia o Macarrão de tomar café com ele na padaria perto da Gávea. Quando o Bruno foi preso, tudo que eu fiz no passado, me ajudou muito. Eu tive uma relação muito forte com o Bruno e o caso me afetou. Era um cara que eu conversava, voltava no avião junto. Eu me coloquei como torcedor, imaginando meu ídolo sendo um assassino. Tem casos assim, que como torcedor, você sente mais, você é mais crítico. Mas é diferente sim, você cobrir o clube que você torce, isso é um fato.

P: Você consegue destacar um furo de reportagem que conseguiu durante seu trabalho de setorista?

R: A queimadura do Adriano em 2009, só eu dei. Uns dias antes de um Flamengo e Corinthians, no Ninho do Urubu, o Adriano não treinou e não tirava uma das meias. Eu fiquei intrigado com isso... Só que eu já tinha uma relação com o Adriano, conheço o segurança, a galera da Vila Cruzeiro. O assessor disse para a gente que o Adriano não jogou porque queimou o pé em uma lâmpada de jardim. Na hora eu notei que tinha alguma errada e liguei para o cara que tinha sido segurança dele na época do São Paulo, que eu conhecia de uma barraca na praia do Leme. Perguntei sobre a queimadura e ele disse que era queimadura de moto. Só que o assessor do Adriano era muito meu amigo e estava do meu lado, então eu disse: “mas cara, foi uma moto”. Ele só fez o gesto de silêncio para eu ficar quieto, mas eu já tinha o furo. No dia seguinte foi manchete do jornal e já falando que ele poderia ficar fora do jogo. Teve coletiva com o Runco [médico do clube] e o Adriano, que obviamente desmentiu, mas foi anunciado que ele estava fora do jogo contra o Corinthians. Ele nunca confirmou que a queimadura foi da moto, mas é verdade, tanto que o Isaías Tinoco, gerente de futebol na época, perguntou para mim, no intuito de tentar provar que eu inventei a história, “como que o Adriano tinha queimado o pé esquerdo se o cano fica na direita?” Eu sabia a marca e o modelo da moto, que tem dois canos. Como ele viu que eu sabia a verdade, ele não falou mais nada. O Adriano treinava com uma chuteira cortada aonde foi a queimadura.

No entanto, o meu maior furo não é no esporte. Foi a morte de um menino em uma *rave*, em Itaboraí. Tudo começou quando o maior traficante de *ecstasy* do estado foi preso. Eu decidi ir a uma *rave* para fazer uma reportagem especial sobre “Como está a *rave* depois da prisão do maior traficante de *ecstasy* do Rio?”. Eu fui à *rave* e só fiquei observando, tirando foto. Eu tinha fotos de menor entrando sem carteira, segurança traficando droga, a galera escondendo droga no celular. Só que um menino morreu na festa, de overdose. O que era para ser uma reportagem especial virou um furo histórico, com depoimento em primeira pessoa. Foi matéria de Jornal Nacional, eu fui chamado para depor em Itaboraí. Fizemos uma série de reportagens sobre as *raves*, drogas, mortes. Foi bem legal fazer isso tudo.

No entanto, é fácil falar de furo, eu tenho uma barriga histórica. Em 2012, lá em Londrina, estava em enrolação para aonde ia o Thiago Neves. A gente dando Flamengo e o Lance dando Fluminense. O Felipe [goleiro do Flamengo], amigo do Thiago, disse para mim que o Thiago ia aparecer no dia seguinte em Londrina. Fui ao Vanderlei que desconversou, mas meio que dando a entender que era aquilo mesmo. Liguei para uma pessoa do clube, que me disse que a página do site já estava pronta para celebrar a volta do Thiago. Liguei para um colega da redação e nós não tivemos

dúvidas, “Thiago Neves acerta com o Flamengo e pode se apresentar amanhã em Londrina”. Todo mundo noticiando, dando crédito para a gente. No dia seguinte, ele não aparece, no outro também não... Vinte dias depois ele acerta com o Fluminense. Eu e o outro repórter pedimos uma errata. Fiquei mal durante alguns dias, é uma barriga história, mas serviu de lição. Só que até hoje, no dia Internacional do Jornalista, tem um usuário no *Twitter* que me manda o link da matéria.

P: Você considera que o furo ficou mais difícil com a internet?

R: Acho que a dificuldade de se conseguir um furo independe do veículo, de impresso ou de Internet. O que vai determinar uma informação em primeira mão é o faro do repórter, a manutenção das fontes. O que acontece de diferente entre o impresso e internet no caso do furo é o seguinte: o jornal tem um horário de fechamento do primeiro clichê, geralmente às 22h. A notícia que pintar depois desse horário já entrará numa segunda edição, você tem limitação de horário. Na internet, já aconteceu comigo de ter uma bomba em mãos à 1h de domingo para segunda. Abri o computador, entrei no sistema e 20 minutos depois a matéria estava no ar, o que gerou a repercussão durante a segunda-feira entre outros veículos. No caso do jornal, há alguns anos, essa notícia só saíria na terça-feira, o que tornaria o assunto velho. Com o crescimento da internet, os jornais passaram a dar notícias em tempo real. Então, nos dias atuais, seja furo de jornal ou de internet, ambos estarão na grande rede o mais rápido possível. O imediatismo não é uma dificuldade, é um facilitador. A dificuldade hoje é que você tem que dar a notícia em primeira mão e já pensar na *suit* para o dia seguinte. Jornalista apura 24 horas por dia. Apuração independe do veículo.

P: Na matéria do Adriano, ela chegou a prejudicar sua relação com ele?

R: Não, o Adriano é assim, amor e ódio. Depois ele volta para o Flamengo, fiz exclusiva com ele, mas sempre brigando. Ele briga, mas absorve bem as críticas. Foi um grande furo, com várias repercussões. Todo mundo comprou a ideia da moto, por causa da minha credibilidade. Tem outros também, mas esse é muito emblemático, por todo o contexto.

P: Como era a sua relação com os torcedores?

R: Ela ficou mais complicada quando eu fui para o *Globoesporte.com*, que tem comentários em matérias, e também quando entrei no *Twitter*, tanto que saí por um tempo. É muito ataque, muita agressão, muito palavrão, me chamavam de vascaíno toda hora. Teve uma hora que começou a me incomodar. Falavam da minha família, teve um usuário que comentou qual praia eu frequentava. Eu nunca me senti ameaçado, foi a única vez eu quase levei para o jurídico da empresa, mas eu acabei saindo da cobertura do Flamengo, então não levei adiante.

P: Você acha que eles te chamavam de vascaíno por ser mais crítico com o Flamengo?

R: Hoje em dia diminuiu muito o número de matérias críticas, são matérias para agradar torcedor, a internet faz muito isso. Na minha época, o pessoal falava que eu era um repórter de crise. Por conhecer bem o clube, eu tinha muita matéria de bastidor, muito detalhe sórdido que eu colocava. Então, isso incomodava quem era Flamengo, o pessoal não aceita que você fale mal do time, por mais que seja verdade.

P: Existem jornalistas que declaram abertamente seu time de coração. Outros preferem manter discrição. Em qual deles você se enquadra?

R: Hoje em dia eu falo que sou flamenguista, mas antes eu não usava camisa do Flamengo. Mas se você tiver um pouco de percepção você vai notar que eu sou Flamengo. Atualmente, meu *Twitter* é só sobre Flamengo, mas eu tenho que ter limite.

P: Qual o veículo mais difícil de fazer a cobertura, impresso ou online?

R: O online é muito mais trabalhoso. Mas têm os dois lados. Jornal não tem um imediatismo, tem como apurar mais um pouco, tem horário de fechamento. A internet não fecha, você trabalha 24 horas por dia. O jornal, na minha época, não era tão tranquilo porque os programas de rádio de 22h até 24h, da Globo e da Tupi, eram muito mais informativos que hoje, então eu não dormia antes de meia-noite para saber as notícias que eles davam. A internet tem a agilidade, jornal só sai no dia seguinte. Só que hoje mudou porque o jornal também tem site. A internet não tem limitação de espaço, posso fazer 30 matérias por dia. Eu nunca vou me esquecer do dia que um “peido” que um jogador do Flamengo deu na preleção virou notícia. Eu fiz essa matéria, Vanderlei soltando nota que isso era falta de respeito, Patrícia Amorim se pronunciando sobre um “peido”. Eu lembro muito bem, era um domingo, soube disso às 22h e fiquei até às 3h trabalhando. Em um jornal, não faria isso. É completamente diferente, é um ritmo alucinante.

P: Você acha que o público esportivo no Brasil sabe diferenciar o lado pessoal do profissional ou declarar o time continua sendo um “problema”?

R: Acho que depende do veículo que você trabalha. Por exemplo, o Galvão Bueno recentemente falou que era Flamengo. Só que ele já está em um *status* que pode falar que é Flamengo. Só que um narrador, que está começando, dizer qual é o time pode ser ruim. Hoje, eu como chefe de reportagem, falar que sou Flamengo, não vai mudar nada. Eu acho que beira a idiotice o cara perseguir alguém porque torce por algum time. Os que são torcedores mesmo eles sabem o time da maioria dos jornalistas esportivos. O que a gente passa para os repórteres é: não ter nada em rede social que indique seu clube. Eu sou cheio de tatuagem, eu quase fiz uma do Flamengo antes de trabalhar, hoje agradeço por nunca ter feito. Então, o que eu acho é, o cara que está em um determinado patamar, ele pode falar sim, só que eu acho muito válido se reservar. O cara que está começando, o cara que está cobrindo um clube não pode ter foto no *Facebook* com a camisa do outro. Só não que muda a cobertura se o cara torcer por determinado time, isso é invenção da cabeça de torcedor.

P: Você como jornalista, vibrava mesmo quando estava ali trabalhando?

R: Teve uma vez, em um Flamengo e Vasco, no antigo Maracanã, eu cobrindo o Flamengo. A tribuna de imprensa era diferente, a cadeira especial ficava bem do lado. A gente torce, é uma reação natural. O jogo estava bastante tenso e precavendo uma possível reação, eu e um jornalista do Extra, saímos da tribuna de imprensa e fomos assistir na especial. O Vasco começou ganhando, o Flamengo virou e no segundo gol a gente gritou enlouquecido. Só quem estava perto era o filho do Eurico, presidente do Vasco na época. Ele e uns amigos correram atrás da gente e nós fomos para a tribuna. Quase que deu briga. Mas foi uma reação espontânea, quando você percebe já é tarde.

P: É fácil deixar de lado a paixão clubista no exercício profissional?

R: Imparcialidade é regra, mas nem sempre acontece. Ele vai ser mais crítico, então

ele precisa de um fundamento para isso. Quando você torce na arquibancada é uma coisa, quando você está no estádio como profissional, é outra. Você precisa usar seu lado torcedor de forma positiva, por exemplo, em alguma matéria que necessite de uma memória, de uma lembrança. Eu sei como é, em 2006 cobri o Vasco, matérias boas, furos, mas é diferente. Para mim, é inevitável que seja diferente. Às vezes eu ainda vejo uns deslizes que precisam ser corrigidos. Teve um caso que o Vasco perdeu um jogo e o repórter, vascaíno, travou, não conseguiu escrever a crônica. No jornal, ela entra no dia seguinte, no site é na hora. Só entrou meia hora depois. Então, meu conselho é: use sempre ao seu favor. Tem que ter uma cautela maior quando você cobre o seu time, isso é fato.

P: Enquanto jornalista, você frequentava o estádio como torcedor?

R: Eu diminuí muito, primeiro porque em jogo do Flamengo, eu estava trabalhando. No O Dia, eu até ia mais, só que no Globoesporte.com tinha exposição demais, o pessoal me reconhecia pela foto do *Twitter*.

P: Na sua opinião, é melhor ser setorista fixo de um clube ou fazer um rodízio?

R: Eu sou a favor de no mínimo dois anos no clube, porque no primeiro ano você se ambienta e no segundo você brilha. Só que existem variantes. Por exemplo, o cara cobre a segunda divisão, que é interessante porque têm viagens diferentes, o time sobe para a primeira e consegue vaga na Libertadores, como se tira o repórter? Não tem como. Então, é uma exceção, quando o time vai para a Libertadores, o repórter que está cobrindo fica. Mas acho que dois anos no mínimo. Eu fiquei sete no Flamengo, mas não de forma contínua, ficava dois, saía e voltava depois. Então, seria no máximo três... Porque senão vira setorista de um clube só.

P: Mas um tempo maior não garante mais fonte?

R: Em um ano você também pode conseguir fontes boas. Em um ano de Flamengo, eu já estava bem ambientado, o Vanderlei era treinador. Quando eu voltei depois de um tempo, o Vanderlei voltava também. Eu trabalhei com o Isaías Tinoco no Vasco e no Flamengo. Rodrigo Caetano no Vasco, Fluminense e Flamengo. Então, muda muito, é muito cíclico. Tem jornalista que está há 15 anos no Flamengo, que deveria ter a chave da Gávea, mas não tem. Chega um repórter novo e faz mais coisa que ele. Então, depende muito da pessoa. O mais importante de tudo, é estar na rua, é aonde o repórter faz fonte. A rua me ajudou muito durante toda a minha carreira.

P: Como você virou flamenguista? Seguiu a carreira de jornalismo esportivo por causa do Flamengo?

R: Eu virei Flamengo pela família. Minha mãe é torcedora de estádio, viu vários títulos do Flamengo. Meus irmãos mais velhos me levavam para o Maracanã. Toda minha família é, meus avós vieram de Recife, eram Sport lá e viraram flamenguistas aqui. Eu tenho um irmão, o único da família toda que não é Flamengo, que é botafoguense. Meu pai é jornalista, então sempre acompanhei. Acho que foi por causa disso, mas a carreira esportiva foi algo natural, não escolhi jornalismo para fazer isso.

Entrevista 5 – Marcos Malafaia

Início da carreira: 1988

Veículos que trabalhou: Jornal do Brasil, O Globo, Folha de São Paulo e TV Globo

Times que cobriu: Botafogo, Fluminense, Flamengo e Vasco

Também fez a cobertura de Olimpíadas, Paralimpíadas e Copa do Mundo.

P: Você trabalhou em quais veículos?

R: Eu cobri pelo Jornal do Brasil, O Globo, Folha de São Paulo e TV Globo. Comecei a carreira no esporte em 1988. Eu cobri todos os times do Rio, de São Paulo, Seleção Brasileira, Seleção Francesa, Seleção Alemã. Cobri Copa do Mundo, Olimpíadas e Paralimpíadas.

P: Quais são as principais diferenças entre cobrir pelo impresso e pela TV?

R: O impresso tem uma briga maior pelo furo, pela notícia mais detalhada. A televisão tem uma briga maior pela estética, pela imagem. É mais complicado um repórter de televisão dar um furo.

P: Qual furo você destacaria como o mais marcante da carreira?

R: Meus melhores furos foram no Vasco. Meu maior furo foi também minha maior barriga. O pior e o melhor dia. Mas não foi no Flamengo. Foi no Vasco, quando eu dei, de acordo com uma denúncia do Sérgio Cabral [deputado estadual na época] de que o Eurico Miranda não pagava imposto de renda há cinco anos. O Jornal O Globo chegou a dar na primeira página a possibilidade da prisão dele. Eu estava no comando do processo dessa reportagem. Mas eu descobri que era uma barriga, uma informação errada no dossiê do Sérgio Cabral, e o Eurico tinha pagado sim o imposto de renda, estava comprovado. Infelizmente o jornal não quis publicar o desmentido, a nova versão, com o mesmo peso da notícia. Eu pedi demissão do jornal. Isso foi em 1994.

P: Esse caso marcou sua relação com o Eurico?

R: Não só com ele. Eu dei um furo da venda do Edmundo para o Palmeiras, e o Eurico não estava no Brasil, não sabia da venda. Eu descobri a venda através de um grupo rival, do Calçada [Antônio Soares Calçada], presidente do Vasco na época [o Eurico era vice]. Quando o Eurico voltou ao Brasil teve uma confusão muito grande entre eles. Eu fiz um artigo no Jornal do Brasil, no domingo dia de um Vasco e Bangu que abria o Campeonato Carioca, falando que o presidente tinha mentido. Ele tentou desmentir a venda e ela foi confirmada. Teve uma confusão enorme no vestiário, sendo transmitida ao vivo pelas rádios. O Eurico me defendeu, dizendo que eu estava falando a verdade, que para ele interessava. Esse episódio também foi muito marcante. Não coincidentemente, em 1998, eu como editor chefe na TV Globo, o Eurico me chamou para escrever o livro do centenário do Vasco. Eu sou um flamenguista com uma história muito rica no Vasco.

P: Como foi cobrir o Flamengo e também o maior rival do seu time?

R: Eu não sinto absolutamente nada por clubismo. Eu sou Flamengo porque quando criança eu gostava, acho legal, acho bonito quando ganha. Eu nunca fui de ir à arquibancada torcer por time de futebol. Na verdade, para mim foi muito fácil atuar como jornalista esportivo. Eu gostava do Flamengo, mas gostava de todos os outros times.

P: Você teve algum tipo de problema com jogador ou dirigente?

R: Tive, várias vezes. No Vasco o Eurico e o Calçada já me barraram de entrar no clube. A torcida do Vasco já me impediu de entrar no clube, já tentaram me bater duas ou três vezes. Já teve faixa na arquibanca "Fora Malafaia, traidor de São Januário".

P: A torcida sabia que você era flamenguista?

R: Eu sempre fui muito transparente nisso. Eu não ficava vestindo a camisa do Flamengo, mas eu nunca escondi meu time de ninguém. Não acho isso legal.

P: Você teve alguma facilidade no Flamengo, por ser torcedor do time?

R: Não nunca. Isso não leva a nada. Nem eu nem ninguém, isso é uma grande bobagem. Eu nunca vi alguém sério, relativamente respeitado no trabalho, ser um cara clubista e fazer disto um problema.

P: Como era sua relação com o pessoal dos clubes? Era amigo de alguém?

R: Eu não vejo nenhum problema em ser amigo das pessoas, desde que as verdades sejam colocadas. Eu sempre fui amigo do Romário, a vida inteira, nós fomos criados no mesmo bairro. Temos muitos amigos em comum. Mas eu sempre dei notícias positivas e negativas sobre o Romário. Nunca tive problemas com ele em relação a isso. Eu já dei coisas muito negativas.

P: A crítica que você fazia ao Romário, não te trouxe problemas com ele?

R: Várias vezes, o Romário odeia ser criticado. Quando eu dava alguma matéria que mostrava alguma coisa que ele não gostasse ele sempre vinha tirar satisfação. Mas é aquilo se você está falando a verdade, não está inventando história, é difícil demais o cara ficar sustentando uma briga com você.

P: Por que você entrou no jornalismo esportivo?

R: Eu era atleta, joguei handebol pelo Flamengo e pelo Vasco, enquanto também era jornalista. Eu entrei nessa área porque eu fui escolhido. Eu fazia geral na Rádio do Jornal do Brasil. Saiu uma reportagem grande sobre mim no Jornal O Dia, quando a Marluci (Martins) fez matéria comigo, sobre um atleta de alto rendimento que estava começando na carreira de jornalista. Então o editor chefe do Jornal do Brasil viu a matéria, me tirou da geral e me colocou no esporte.

P: Como você vê o jornalismo esportivo na atualidade?

R: Eu sou muito crítico. Hoje só não, desde o meu tempo. Acho que é um jornalismo muito pouco aprofundado, muito pouco preparado no ponto de vista do profissional de comunicação.

Entrevista 6 – Marcos Penido

Início da carreira: 1979

Veículos que trabalhou: principais jornais do país, como O Globo e Folha de São Paulo

Times que cobriu: Botafogo, Fluminense e Flamengo

Atualmente, é presidente da ACERJ (Associação dos Cronistas Esportivos do Rio de Janeiro).

P: O senhor cobriu o Botafogo por quanto tempo?

R: Eu cobri várias vezes, mas o que me marcou foi o de 95, quando o Botafogo foi campeão Brasileiro. Na época eu trabalhava para o O Globo.

P: Como foi cobrir o título nacional do time e separar o lado torcedor do jornalista?

R: Nesse ano foi bem difícil, mas normalmente é fácil de separar e eu não gosto de misturar as coisas, porque eu acho que não cabe ao jornalista agir como torcedor. O jornalista tem que procurar fazer o seu trabalho de maneira imparcial e informar, em primeiro lugar. Mas, eu confesso que esse ano em particular, lá na final, eu tive uma atitude que nunca tinha tido na minha vida. No final do jogo, estava um desespero, o Vagner estava defendendo tudo. Eu lembro que a gente desceu, porque nessa época ainda dava para ir ao campo, o repórter de jornal descia para o campo, olha como mudou. Então, nos minutos finais, eu pensei: “eu não vou ver, vou ficar de costas”. Naquele final já estava falando o coração. Foi uma das poucas vezes em 36 anos de profissão que eu perdi a cabeça. Eu olho com simpatia, mas eu me torno, talvez, um pouco mais exigente em relação à cobrança. Justamente para a pessoa não achar que está tudo bem, só porque o cara é do clube. Não me agrada isso.

P: Em 1995, o senhor ficou de costas e não viu o final do jogo. Na Copa do Brasil em 1999, você cobria?

R: No Botafogo e Juventude eu tinha a seguinte missão, seguir o Gilson Nunes, ganhando ou perdendo. Quando perdeu, seguir o Gilson naquela saída, foi uma tragédia, foi um verdadeiro inferno.

P: O senhor teve os dois lados: o Botafogo ganhando e o Botafogo perdendo. Qual foi o mais difícil de segurar seu lado torcedor?

R: Foi igual. A alegria de você ganhar é maior, mas é tristeza é bem dura. Mas botafoguense está acostumado, o sofrimento acho que até já faz parte do torcedor. Nesse sentido, eu gosto. Quando o Botafogo desceu, ninguém queria cobrir, porque série B não é série A, o tratamento na redação, por mais que o cara te dê espaço, não vai ser o grande e o igual de uma série A. Quando o Botafogo caiu, ninguém queria, e eu levantei o braço e pedi, porque pensei que seria legal fazer a volta. Acabou que fazer a cobertura dele voltando foi bacana e um sofrimento também. Foi um verdadeiro sofrimento lá no Paraná, contra o Atlético, em que empatamos o jogo. O Botafogo se classificou graças ao Coritiba que ganhou fora. Ali o coração também ficou brabo, mas valeu à pena.

P: É fácil deixar de lado a paixão clubista no exercício profissional?

R: Não, nada é fácil. É difícil, mas você tem que separar. Tem coisas que você precisa racionalizar, senão você vai se entregar a paixão e uma hora ela vai te cegar. Não dá, tem que ter uma lógica, um raciocínio, uma coisa para te guiar. O que não impede de

você ficar feliz ou triste com o resultado do seu time.

P: Normalmente, o senhor era mais crítico em relação ao Botafogo?

R: Eu acho que eu me cobro mais, me policio mais.

P: O senhor se tornou um torcedor diferente depois de ter feito a cobertura do clube?

R: Não, de jeito nenhum. João Saldanha dizia: “Penido, o Botafogo é calça de veludo e bunda de fora. Esquece, não tem meio termo”. O Botafogo é isso mesmo, o João Saldanha estava certo.

P: O pessoal de forma geral, funcionários, atletas, dirigentes e até outros jornalistas, eles sabiam que o senhor era botafoguense?

R: Eles sabiam e eles sempre sabem. Qualquer clube que você vá o cara sabe. É porque é a primeira pergunta que faz. “Para qual time você torce?” e sempre, se você torce pelo time que está cobrindo, é sempre visto com mais simpatia. Isso é tradicional, não tem como. Os caras do clube gostam que você torça pelo clube. Mas isso é até hoje. Se alguém for lá, cobrir um clube, vão perguntar para ele que time torce. Ele vai dizer que torce pelo Vasco, e lá no Vasco vai ser legal.

P: Quando o senhor cobria o Botafogo, como era sua relação com os torcedores, eles sabiam que você era botafoguense?

R: Alguns sabem, outros não. Eu não gostava, eu não gosto que saibam, porque é difícil essa relação, porque o torcedor sempre acha que você está criando um problema. Até hoje, todo mundo sofre um pouco, porque qualquer coisa que você fale, o torcedor já vai em cima. Ainda mais quando descobre que você não é do clube, não escolheu aquele clube. É complicado, é uma relação difícil, mas sempre tem os muito educados, os muito gentis, que entendem perfeitamente as coisas. Mas aquela ala mais xiita é bem complicada.

P: Quando o senhor cobria outros times, você teve algum problema por você ser botafoguense?

R: Não. A pessoa pergunta qual time você torce, óbvio. Você é visto com mais simpatia, mas não quer dizer que isso vai te trazer grandes benefícios. O pessoal do clube em si, de qualquer clube, os dirigentes, eles gostam. Os caras torcem pelo clube, então eles sentem mais carinho, eu acho.

P: Como era sua relação com os dirigentes e atletas? O senhor tinha uma relação próxima com eles ou era estritamente profissional?

R: No Brasil isso mudou. Eu comecei em 1979. Você ia ao clube, você entrava em qualquer lugar, a matéria era feita no vestiário. Após o jogo, todo mundo entrava no vestiário. Então, tudo isso tem nuances diferentes. Eu até acho uma boa terem proibido esse negócio de vestiário, porque era muito esquisito. Um cara tomando banho, você lá perguntando... Bem desagradável. Então isso foi uma coisa boa, uma das poucas. Porque você poder transitar facilita as coisas e sempre tem alguém que é mais receptivo, que você se dá melhor, que você tem um entendimento melhor. Eu cobri muito o Fluminense nos anos 80, o Fluminense foi campeão Brasileiro, eu estava lá e na final eu já conhecia muito alguns jogadores, e isso em matéria de informação, te facilita muito. Porque com essa proximidade, você conseguia fazer o contato com o

cara. O cara sabia que aquele cara é tal de lugar. Assim, ou saía uma grande discussão, porque o cara não gostava do que você publicou ou ele gostou do que você colocou e começa a achar que você é confiável, dá para falar algumas coisas. Você vai conquistando a confiança do cara e consegue a informação que você quer. Você tem que pensar em como vai dar a informação, mas você precisa dá a informação. Se o cara depois ficar bravo é problema dele, ele passou porque quis, ninguém obrigou.

P: O senhor já teve algum problema com dirigentes ou jogadores?

R: Eu já tive um problema com o Zico. No tempo do Sarney, teve a conversão de moeda, passou de uma para outra. Então, o Zico tinha um contrato de propaganda, como hoje é o direito de imagem. Ele tinha esse contrato com a empresa de um grande amigo meu, que eu tenho uma enorme confiança. O Zico assinou contrato com uma moeda, só que a moeda ia desvalorizando com a nova moeda, uma hora ele não gostou e teve uma reunião com o Rogério, o dono da empresa, e disse que queria receber pelo o que era na antiga moeda, só que ele tinha assinado o contrato e não tinha como. O Rogério me avisou e eu contei a história, porque ele também estava interessado. O Zico ficou uma fera, me chamou no treino e começou a falar alto e disse que ia parar comigo, que não ia mais falar comigo. Naquele ano, eu tive que fazer a cobertura dele com as entrevistas que ele dava para os outros jornalistas. Alguns anos depois nós voltamos a nos falar, o próprio Zico veio falar comigo e nos entendemos. Mas acontece, e olha com quem, no O Globo, que é um jornal que gosta do Flamengo e o Zico, que era o maior ídolo. E eu louco, pensando em como ia chegar ao fim do ano. Acho que foi 85/86.

P: Teve alguma notícia que você deu que prejudicou o Botafogo ou e prejudicou seu relacionamento com alguém de dentro do clube?

R: Notícia de salário atrasado prejudica? Notícia de briga interna prejudica? Não importa qual seja, o repórter precisa fazer o seu trabalho, independente de ser o Botafogo ou outro clube.

P: Na época que o senhor cobriu, era setorista fixo ou fazia rodízio?

R: A gente rodava de ano em ano. Mas, às vezes, por exemplo, no Fluminense eu fiquei três seguidos.

P: O senhor preferia ficar rodando de ano em ano ou ficar um período de tempo maior?

R: Eu acho que nessa questão tem dois pontos de vista. Eu gosto que mude, porque, às vezes, você pode ficar muito amigo e confundir. O cara pode chegar e falar: “vou te falar, mas não dá isso porque pode me prejudicar”. Então, é uma maneira de evitar esse tipo de coisa. Mas por outro ângulo, se você parar para pensar, se você roda, você não cria raiz no clube a ponto da galera te conhecer, do porteiro ao grande dirigente. E você tem que conhecer do presidente ao porteiro. Então, nesse sentido, se você ficar um período maior, você tem mais chance de arrumar fontes.

P: No Fluminense o senhor ficou três anos, considera que foi melhor ficar mais tempo do que o normal?

R: Eu me diverti ali, mas também o Fluminense ganhava tudo na época. Então, é meio um paradoxo, porque você vai na onda. Ganhar é muito bom. O cara não fica bravo, acha que você dá sorte, é pé quente, então é uma coisa que facilita.

P: Foi mais fácil cobrir esses times do que o Botafogo?

R: Não, é igual. Jornalista tem que apurar e trazer a notícia. Ele não pode ficar limitado porque ele torce por determinado time e tal notícia vai prejudicar o clube.

P: Como que o senhor virou botafoguense?

R: Eu vi o jogo do Botafogo e gostei, foi assim que virei. A estrela brilha forte. A minha família é clássico Vovô, ou é Fluminense ou é Botafogo. A ala da minha casa é tricolor.

P: Quando o senhor era pequeno, assistia aos jogos, ia ao estádio?

R: O futebol no Brasil é paixão. Ver jogo é um programa.

P: O senhor escolheu ser jornalista esportivo por causa do Botafogo?

R: Não. Eu escolhi ser jornalista esportivo por causa do esporte e acabei cobrindo muito mais o Flamengo e Fluminense que o próprio Botafogo.

P: Como senhor vê a cobertura do jornalismo esportivo atualmente?

R: Eu não tenho muito problema em relação ao velho e ao novo. Cada tempo tem uma dificuldade e uma maneira diferente de você cobrir. Então, hoje em dia, eu acho que é até muito mais difícil, em minha opinião, do que antes. Porque uma coisa é você ter um contato com o cara, no dia a dia, outra coisa é você cobrir e precisar ficar atento à internet, ao *Facebook* e ao *Twitter* do cara, acompanhar o que está acontecendo, porque está todo mundo se falando. Você tem que ficar ali, ao mesmo tempo em que precisa criar uma ponte em que você entre nessa comunicação. Eu acho muito difícil. Eu admiro muito as pessoas que conseguem. Hoje em dia, os clubes são muito mais blindados, não tem bobo de nenhum lado. Então, eu acho que quem cobre hoje merece muito mérito, de cobrir bem e dar um furo, porque é difícil.

Entrevista 7 – Mario Jorge Guimarães

Início da carreira: 1969

Veículos que trabalhou: grandes veículos como Jornal dos Sports, O Globo e TV Globo

Times que cobriu: Botafogo, Fluminense, Flamengo e Vasco

Atualmente, é gerente de eventos do Sportv.

P: Cobriu o Fluminense por qual veículo?

R: Cobri pelo Jornal dos Sports e pelo O Globo.

P: Como separar o lado torcedor do lado profissional?

R: Se o jornalista é Flamengo e vai cobrir o time, ele tem o Zico como ídolo, mas tem que passar da relação de torcedor e virar uma relação profissional. A admiração fica, o respeito fica, mas aos poucos você consegue separar isso. Eu era Fluminense, cobria o Fluminense, mas nem por isso eu me comportava como torcedor, tem que ser profissional. Você chega no clube com a cabeça de torcedor, mas em um curto espaço de tempo, ela muda, porque você tem a sua cabeça jornalística, você tem que ter seu poder de isenção, tem que ter uma ética profissional.

P: Como foi cobrir o Fluminense, time que é torcedor?

R: Cobrir o Fluminense não era algo confortável para mim, eu era sócio do Fluminense, tinha amigos lá. Então, quando você está fazendo a cobertura, o dirigente acha que você está lá para falar obrigatoriamente bem e não a verdade.

P: Já teve algum tipo de problema no Fluminense?

R: Eu já fui proibido de entrar no Fluminense por causa de reportagem. Eu fiz uma matéria nos anos 90 que era "No supermercado Laranjeiras, a especialidade é o mau negócio", com acusações de má administração e desvios de dinheiro em contratações, em compra de jogadores. O Fluminense proibiu a minha entrada como jornalista e me suspendeu como sócio, por cerca de seis meses. O Globo respeito a decisão do clube, mas fez editoriais pedindo que o Fluminense respondesse às denúncias que eu fiz, sob pena de considerar uma diretoria inidônea. Depois o clube reconheceu, tanto que as pessoas que foram acusadas não fazem mais parte do Fluminense, foram banidos. Mas isso não aconteceu por eu ser Fluminense, isso aconteceu por eu ser profissional fazendo a cobertura de um clube.

P: O pessoal dos clubes, eles sabiam que você era tricolor?

R: Não é que eu não falava, todo mundo sabia, é algo natural. Eu cobria Flamengo, as pessoas sabiam que eu era Fluminense. Mas você pelo seu trabalho profissional, você tinha que adquirir um respeito das pessoas.

P: Qual furo você destacaria?

R: O maior furo da minha carreira foi na Seleção Brasileira. Eu e o Marcos Penido, no Globo, em 1990. Houve uma briga entre os jogadores e o patrocinador. Na foto oficial, os jogadores posaram com a mão no peito, aonde ficava a logo da marca. Todos os jornais colocaram que os jogadores eram patriotas. Só nós demos sobre a briga, e a manchete do jornal era: "Seleção joga na retranca e barra patrocínio".

P: E no Fluminense?

R: Acho que foi essa do "No supermercado Laranjeiras, a especialidade é o mau negócio".

P: Como era sua relação com dirigentes, funcionários, atletas e torcedores?

R: Eu tinha uma proximidade com os jogadores, você está ali todo dia, tem uma pseudo-intimidade. Mas isso não faz com que você não critique um jogador se ele atuou mal.

P: Você prefere fazer rodízio ou ser setorista fixo?

R: O Globo mudava de setorista todo ano, eu passei por todos os clubes. Eu preferia mudar, era bom rodar. Você tem fontes em todos os clubes.

P: Você acha que o público esportivo no Brasil sabe diferenciar o lado pessoal do profissional ou declarar o time continua sendo um "problema"?

R: Eu acho que é um problema principalmente para quem trabalha em vídeo. O cara não pode ficar falando que é Flamengo. Imagina em um Vasco e Flamengo? Com essas torcidas organizadas? Tem estádio que é difícil de colocar equipe por causa da segurança.

P: Enquanto você era setorista, ia ao estádio ver os jogos do Fluminense?

R: Eu não torcia, não botava camisa. Não usava a camisa do Fluminense. Hoje eu acho uma deformação um jornalista botar a camisa de um clube e ir ao *Facebook* mostrar. Ele não pode. Mas isso vai muito da cabeça de cada um. Você pode declarar seu time numa mesa de bar com seus amigos, não na internet.

P: O que você vê como diferente na cobertura de um time na sua época e atualmente?

R: Eu acredito que hoje não exista uma intimidade tão grande entre os jogadores e os jornalistas como era no passado. Antigamente eu falava com qualquer jogador, tinha o telefone deles. Hoje tem toda uma barreira de assessor de imprensa.

P: Como virou Fluminense?

R: Isso é família, meu pai é Fluminense.

P: Por que você escolheu o jornalismo esportivo?

R: Eu sempre gostei de esporte. Eu sou formado em Direito, entrei lá por questão de cultura geral. Mas tinha que trabalhar, e comecei no Jornal dos Sports. Sempre trabalhei com esporte.

Entrevista 8 - Marluci Martins

Início da carreira: 1988

Veículos que trabalhou: O Dia e Extra

Times que cobriu: Botafogo, Fluminense, Flamengo e Vasco
Atualmente, é cronista do Extra.

P: Você cobriu quanto tempo o Vasco?

R: Não sei ao certo, mas foi o clube que eu mais cobri. Eu cobri no auge, 1996, 1997. Não sei porque, mas o Vasco foi sempre um clube muito difícil de cobrir. Principalmente na época do Eurico Miranda. Então, eu acho que nenhum repórter queria cobrir Vasco. Eles preferiam cobrir outros clubes, até mesmo o Botafogo, clube que tem menos repercussão na mídia. Eu adorava cobrir Vasco, porque eu era Vasco. Eu morava no bairro do clube, em São Cristóvão. Por ser torcedora, talvez conhecesse mais, me envolvesse mais.

P: Você teve a chance de cobrir outros times?

R: Eu cobri todos. A ideia era que se fizesse um rodízio anual, só que ninguém queria o Vasco, então eu ficava no Vasco. Adorava cobrir, era perto da minha casa, era tudo fácil.

P: Você achava mais fácil cobrir o Vasco por ser torcedora do time?

R: Não sei. Eu gostava e talvez se eu cobrisse hoje eu também iria gostar, mesmo que você não consiga fazer quase nada lá. Por exemplo, eu tentei falar com o fisiologista do clube para saber como o time que tinha jogado a partida anterior se prepararia para o jogo contra o Flamengo. Eu não consegui falar, o assessor disse que ninguém podia falar. Então, você quase não consegue fazer matéria lá dentro.

P: Mas por causa do Eurico?

R: Com o Eurico. O Roberto não era assim não. Na maior parte do tempo da minha carreira foi gestão do Eurico, como vice de futebol, presidente... Foi difícil de cobrir. Eu estava começando a cobrir futebol, foi o primeiro clube que eu cobri. Quando eu falo de facilidade é que eu dominava mais, conhecia mais a história. Não tenho uma memória muito boa de futebol porque a minha geração não ia ao estádio, você não tinha facilidade de ver os jogos pela TV. Mas eu gostava tanto de futebol que eu ouvia pelo rádio. Por muito tempo eu não podia ir ao estádio porque meu pai não deixava, até que comecei ir com os amigos, quebrei essa resistência. Mas era o clube que eu conhecia melhor, a história, os times, isso facilitava. Não era porque eu ia lá torcer, não ia. Mas é bacana quando você está cobrindo o seu clube e ele vence. Isso é muito legal. Você estar participando de uma coisa que faz parte da sua infância e estar naquele momento.

P: Como saber lidar com uma derrota ou uma vitória muito importante, por exemplo, contra o Flamengo em uma final?

R: Eu estava no Japão quando o Vasco perdeu para o Real Madri em 1998. Foi horrível. Mesmo se fosse o Flamengo, você cria uma empatia e aquele é um momento histórico. Para você é importante que dê certo, que vença. Porque aquilo ali vai se perder caso o time seja derrotado. Se o time ganha, aquilo entra para a história, você vai sempre lembrar, você estava participando daquele momento. Tem aquela coisa de você estar naquele grupo um ano, dois anos, sei lá quanto tempo você está cobrindo o clube. É difícil torcer contra. Mesmo se fosse o Flamengo. Eu estava ali vivendo o dia a dia com aquelas pessoas, era uma final contra um clube que não é do Brasil. A tendência é que você torça por aquele clube, mesmo que não seja o seu.

P: Na sua opinião, é melhor ser setorista fixo de um clube ou fazer rodízio?

P: Prefiro, eu acho fundamental. Na minha vida foi importantíssimo, embora eu tenha ficado muito tempo no Vasco, eu rodei por todos os clubes, todos mais de uma vez. A possibilidade de fazer fonte é muito maior. Se eu estou no Vasco, vou viver aquele universo da política, do elenco... O elenco gira, o jogador foi para o Flamengo e passei a cobrir o time, eu já tenho o contato dele. É importante. Hoje eu chego numa posição no jornal que eu não cubro mais clube, não sou setorista, sou colunista. Então, eu tenho uma visão diferente que não se restringe aquele clube. Eu sou conhecida por todos os dirigentes.

P: Você é mais crítica com o Vasco?

R: Eu acho que depende muito. Eu acho que você acaba cobrando mais sim. Acho que a indignação é maior, a revolta é maior. Eu não sei. Eu tenho 27 anos de carreira, a coisa vai mudando. O seu modo de ver as coisas mudam. Por exemplo, eu não sei qual foi a última vez que eu fui para uma torcida, que eu fui para uma arquibancada. Eu não tenho vontade de ir. Eu assisto pela TV, na tribuna de imprensa, é outra tensão. Eu mesmo falo “eu preciso tirar férias para assistir um jogo sem anotar, sem sofrimento jornalístico”. Têm umas coisas que chama a atenção, por exemplo, o Flamengo de 1995. Eu cobria Flamengo, eu briguei com o Romário. Hoje eu me dou super bem com ele, fui a jornalista que anunciou a aposentadoria dele. Mas eu tinha um problema com o Romário que ele não me atendia, ele era totalmente diferente do que ele é hoje. Era marrento, chegou da Copa de 1994 campeão, era o cara, melhor jogador. A gente não deu certo, a química ali não bateu. Ele me prejudicou muito porque ele não falava

comigo. Ele dava entrevista para todo mundo, menos para mim. Ele era o cara, mas o jornal me bancou, mesmo ele querendo que eu saísse da cobertura. Chegou ao ponto dele tentar fazer um grupo de jogadores dentro do Flamengo para pedir que eu saísse, mas acho que não foi a frente. Eu ouvi isso e me sentia muito mal ali. Então, eu torci desesperadamente contra o Flamengo na final do estadual contra o Fluminense, que teve o gol de barriga do Renato Gaúcho. Quando ele fez o gol, para mim parecia que era o Vasco, dos tempos de arquibancada.

P: Se fosse o Romário no Vasco, teria torcido contra?

R: Se o Romário fosse do Vasco naquele ano, eu teria torcido contra, eu acho que sim. Tem jornalista que sofre muito, tem sofrimento de torcedor. O meu não é não. Porque você começa a ver o entorno do futebol e vê o quanto ele é podre. Dá pena até do torcedor ter aquela paixão. Incomoda você chegar ao clube e o pessoal falar que o time está caindo, mas é muito mais pela pilha. Eu vi tanta podridão que não tenho mais essa coisa de torcer desesperadamente.

P: Então, pode-se dizer que você se tornou menos vascaína?

R: Eu me tornei mais profissional e com o tempo fui colocando isso muito à frente da paixão pelo clube. Não sofro. O rebaixamento emociona, você lembra tudo que já viveu com o time.

P: Você comentou dessa relação que você tinha com o Romário. Na época do Vasco, como era sua relação com a diretoria, com os jogadores?

R: No futebol eu fiz pouquíssimos amigos. Não era de dar muito papo. Era uma relação estreitamente profissional.

P: Você já teve algum problema com a diretoria do Vasco?

R: Eu me dava muito bem com o Eurico. Acho que por saber que eu era Vasco, me dava muito bem com ele. Teve uma matéria que eu fiz, não lembro qual, que ele disse que eu não poderia entrar no clube, coisa de um dia. Ele fazia muito isso, retaliação a quem escreve algo ruim. Mas ficou tudo bem. Depois, eu já não era mais setorista, já tinha coluna no Dia, o Roberto era presidente e eu escrevi uma nota na minha coluna, sobre a escola do Vasco, que durante a gestão do Eurico, não era reconhecida pela Secretaria de Educação, algo assim, e que o Roberto que tinha legalizado as coisas. O Eurico ficou muito magoado com essa nota. Ele escreveu um texto no site Casaca, dizendo que eu era uma pessoa que ele gostava muito, mas que tinha se decepcionado. Ali deu uma estremecida. Ele voltou agora e eu precisei fazer um perfil dele e do presidente do Flamengo, para um clássico. Ele aceitou fazer, mas do jeito dele, gritando. Esse ano, eu escrevi outra nota falando que um dos problemas da situação do Vasco, era a presença do filho dele dentro do clube, mandando em tudo, esvaziando os outros gestores. Eu soube que ele ficou muito chateado. Mas enfim, depois eu fiz um guia de viagem para Sibéria, o ironizando e ele ficou mais chateado ainda. Eu sei porque os repórteres falam comigo.

P: Mas faz parte da profissão, não tem como não noticiar algo...

R: Não tem como, principalmente aqui, que tem bastante repercussão e também é um jornal crítico. Como eu também tenho estado muito na televisão, faço com o Renato [Maurício Prado] na Fox, os caras não gostam dessa superexposição.

P: Na época que você cobria, o pessoal de forma geral, sabia que você era vascaína?

R: Eu acho que sim. Eu nunca escondi. Mas eu gostaria que as pessoas não soubessem, o leitor que eu digo. Eu fui a um programa de rádio e falaram: “E o seu Vasco, Marluci?”. Foi assim que as pessoas souberam. Eu ria muito quando eu fazia uma matéria contra o Vasco, falando mal do Eurico, por exemplo, ou falando que o Vasco não estava jogando nada. Eu recebia email na época e nas redes sociais agora, dizendo: “sua rubro-negra, mulamba.” Eu escrevia contra o Flamengo, me chamavam de vascaína. Eu acho bacana, porque me mostra o quanto eu sou imparcial no que eu escrevo. Eu nunca deixei de fazer uma matéria porque eu sou Vasco, nem favorável nem contra. Eu posso ter pesado mais a mão sim, por ser vascaína para falar do Vasco. Isso eu posso ter feito. Mas com o tempo de profissão, você consegue se distanciar.

P: Você consegue destacar um furo de reportagem que conseguiu durante seu trabalho de setorista?

R: Na aposentadoria do Romário, eu não cobria o Vasco, não era setorista. Tem a entrevista do Ricardo Gomes, depois do AVC. Tinha muito boas entrevistas, mas furos.... Os dois grandes furos da minha carreira são esses. A aposentadoria do Romário, que foi maior, porque teve uma repercussão mundial, e, não chega a ser um furo, mas foi bem legal, que foi a entrevista do Ricardo Gomes logo depois do AVC, quando ele não queria falar com ninguém. Eu fiquei muito emocionada, porque eu não conseguia entender o que ele falava. Eu liguei muito para ele, tentando a entrevista. Até que um dia ele me retornou e eu quase caí para trás. Teve uma também, não foi bem um furo meu. Um programa da Record, sobre esporte, fez uma matéria com o Muller [campeão da Copa do Mundo de 1994], mostrando a casa dele, bem humilde, ele bem constrangido. Eu vi isso, fiquei pensando e decidi ligar para o Muller, que conheço desde a Copa. Ele abriu o coração para mim. Embora não tenha sido um furo meu, a matéria ficou melhor que a da TV. Eu claro, citei o programa, dei crédito. Ele falou que perdeu tudo, milhões, perdeu a casa e acho até que se arrependeu depois de ter falado.

P: Você acha que o público esportivo no Brasil sabe diferenciar o lado pessoal do profissional ou declarar o time continua sendo um “problema”?

R: Assim, eu não sei. O meu leitor vê a minha independência. Eu não sei se o cara da arquibanca é necessariamente o cara que lê, que acompanha o meu trabalho, e também não é uma voz que me interessa muito. A gente vê o que acontece nas redes sociais, no *Twitter* principalmente. A rede social dá voz às pessoas que não têm o mínimo de condições de viver em sociedade, na minha opinião. Tem um problema, que eu estou processando um cara, poderia processar 100 caras, mas esse tinha nome, endereço, foto e, ainda por cima, era advogado.

P: É fácil deixar de lado a paixão clubista no exercício profissional?

R: Para mim é, sempre foi. Foi ficando cada vez mais fácil. Você batalha para caramba para chegar nessa posição dentro da sua profissão, então isso tem que ser mais importante do que o sentimento que você tem em relação ao clube. É o meu ganha pão, faço com um orgulho danado. Já me falaram: “jornalista não deve ter time”, eu falo que é impossível, porque o jornalista esportivo gosta de futebol, não importa qual é o seu time. É que nem você exigir que o jornalista de política não tenha um partido para votar. O ideal é que ele não proteja o candidato, mas ele vai ter uma posição

política. Acho que para algumas pessoas talvez seja mais difícil separar, para mim não. Meu compromisso é com o leitor, com a credibilidade, eu vivo disso.

P: Como manter a objetividade e a imparcialidade? Você acha que elas existem?

R: Nem todos são imparciais. Se fosse 100% a gente seria perfeito, o jornalismo seria perfeito. Eu vejo um comentário às vezes de uma rádio, por exemplo, e eu sei que o cara tá falando isso porque não gosta do outro, talvez até por uma questão pessoal. Assim, quando eu briguei com o Romário, eu era bem nova, em 1995, minha vontade era de sair falando mal dele todo dia no jornal, e eu tinha facilidade de dar porque ele não treinava, ele desmaiou em treino, ele aprontava para caramba. Mas quando eu ia dar nota para ele, dez é dez. A minha profissão está na frente daquilo ali. Eu tinha vontade de dar zero para ele, mas eu não podia ser influenciada por uma questão, que até era profissional, mas era pessoal, direcionada a mim. Mas eu acho que tem gente que mistura sim.

P: Desde que você começou, cobrir ficou mais fácil ou mais difícil?

R: Agora é mais difícil, o acesso ao jogador você não tem mais. Todo jogador tem um assessor, mas tem jogador que tem assessor para não fazer as coisas, então para que tem assessor?

P: Você sempre trabalhou em jornal?

R: Sempre. De 2004 a 2010, eu era comentarista do Redação Sportv, eu ia uma vez por semana. A carga horária que a gente tem em jornal não dá para fazer outra coisa. Eu estou exausta fazendo o programa com o Renato, não aguento mais.

P: Você escolheu seguir esse caminho do esporte por causa do Vasco?

R: Não. Adorava futebol, adorava esporte de modo geral. Não comecei cobrindo futebol. Comecei no atletismo, vôlei... Em 1992, comecei a fazer algumas coisas sobre futebol, 93 comecei a cobrir clube, 94 foi a Copa. Depois não voltei mais para os outros esportes. Eu fiquei um ano fora de esportes, com o Brizola, não lembro o ano, fazendo especiais para o jornal, fiquei setorista do Palácio Guanabara, mas eu queria voltar para o esporte.

P: Porque você virou Vasco? Pela proximidade?

R: Eu não morava ali perto, eu morava no Andaraí quando era criança, quando me tornei Vasco. Mas eu não sei direito... Eu tinha uma avó vascaína, meu padrinho era Vasco, meu pai era tricolor, então eu acho que tinha um pouco aquela coisa de querer contestar. Eu gostava muito do Roberto. Eu tinha um ídolo ali. Mas eu poderia ter sido Flamengo também, que tinha o Zico. Eu não sei explicar. Eu gostava do Roberto, gostava da história do clube, e tinha duas pessoas na família que eram vascaínas. Acho que foi isso.

Entrevista 9 – Maurício Loro

Início da carreira: 1992

Veículos que trabalhou: O Globo, EsportePress e Lance

Times que cobriu: Botafogo, Fluminense e Flamengo

P: Como foi a sua carreira?

R: Eu comecei em um jornalzinho lá em Niterói chamado Sete Dias, era um jornal semanal, foi bem legal. A minha segunda matéria foi um escândalo que não pode ser publicado. Os políticos estavam roubando um fundo para jovens carentes. Eu fiquei decepcionado, fiz um material e foi descaradamente descartado. Depois fui trabalhar na Maldita, uma época muito boa da rádio, em 1984. Um tempo depois fui para o O Globo, voltei para uma rádio chamada RBC. Quando eu saí, eu caí no jornalismo esportivo. Fui para uma agência de notícias chamada EsportePress. Era muito grande, muito respeitada e a gente abastecia os jornais. Dos times do Rio, eu só não cobri o Vasco e o que eu mais cobri foi o Botafogo. Depois vim para o Lance.

P: Era muito diferente cobrir por jornal e pelo EsportePress?

R: Era muito diferente. Na agência de notícias eu ia três vezes na semana no clube. No jornal é todo dia. Fora que depende do jornal que você trabalha. O Globo consegue marcar entrevista para o dia seguinte, outros não conseguem nunca. O problema são os assessores dos jogadores. São uns cara que dá vontade de falar: “você sabe o que você está fazendo?”. Mas eu peguei o início disso, hoje deve estar muito mais difícil. Eu admiro os caras que ralam hoje muito mais do que ralei. A gente ficava na beira do gramado. No Caio Martins, a gente ficava do lado da parada de Gatorade, a gente bebia aquilo com os caras, trocava uma ideia, jogava bola. Teve uma vez que eu segurei o Vágner [goleiro do Botafogo em 1995], estava tendo confusão, um cara partiu para cima dele e o segurei para não bater no torcedor. Mas voltando ao assunto, a minha redação era o estacionamento. Acabou o treino, rolava resenha e eu ia ao estacionamento, para conversar com outros jogadores, outras pessoas, saber de informações.

P: Você cobriu o Botafogo em 1995?

R: Nossa, foi muito louco. Cobria pelo EsportePress. Na semifinal, Fluminense e Santos, os últimos minutos do segundo tempo lá no Pacaembu foram muito tensos, o Santos precisava de um resultado bom, tinha perdido de 4 a 1 no Maracanã. Eu não suporto tricolor. Quando o Santos fez 5 a 2 lá e tiraram o Fluminense, eu enlouqueci. O Fluminense tinha ficado numa soberba no 4 a 1. O Renato [Gaúcho] deu uma entrevista ridícula, menosprezando o Santos, como se eles estivessem por cima da carne seca. Eu, particularmente, estava engasgado com o Renato. Porque eu cobri aquele churrasco que o Renato, jogando pelo Botafogo, apostou com o Gaúcho, do Flamengo, em 1992, quando ele foi dispensado da partida e o Flamengo foi campeão em cima do Botafogo. Desde então, estava engasgado com ele. Então, em 1995, ele era titular do Fluminense e o Gaúcho era reserva. Para mim, numa final Botafogo e Fluminense, a gente iria perder. Eu sabia que a gente ia perder se pegasse o Fluminense na final. Então, quando eles fizeram 4 a 1 no Maracanã eu quase morri. Mas no Pacaembu, foi uma festa. Eu fiquei muito nervoso, eu sabia que a gente ia ser campeão contra o Santos. Na final, quando o Botafogo meteu aquela vitória magra, 2 a 1, eu sabia que a gente ia vencer, suado, mas que ia vencer. Mesmo assim, durante boa

parte do segundo tempo, o Vágner agarrou muito.

P: Na hora que foi campeão, você vibrou?

R: Eu vibro mesmo, não estou na frente das câmeras. Cada gol que o Botafogo fez eu vibrei. Não é antiético, eu não estou exposto. Quando os cara erravam, eu xingava, gritava. Ninguém ouve. Acho que não deve ter jornalista que não vibre.

P: O momento mais marcante que você cobriu pelo Botafogo foi 1995? E o mais frustrante?

R: O título de 1995 é o mais marcante, sem sombras de dúvidas, assim como a Copa do Brasil de 1999 é o mais frustrante. Acho que essa é unânime para qualquer torcedor.

P: Como manter a compostura nessa derrota tão marcante?

R: Nós fomos muito duros com o time. O Botafogo jogou mal, se acovardou e ninguém gosta de ver um time se acovardar dentro de casa. O Juventude sendo campeão dentro do Maracanã me marcou muito negativamente. Eu torci muito, fiquei muito triste. Nós fomos muito duros com o Gilson Nunes, porque ele estava se sentindo em por cima da carne seca antes do jogo.

P: Existem jornalistas que declaram abertamente seu time de coração. Outros preferem manter discrição. Em qual deles você se enquadra?

R: Eu digo que eu sou botafoguense, sem problemas.

P: O pessoal dos clubes que você cobriu, eles sabiam que você era botafoguense?

R: Todos os jornalistas sabem quem é o que. Os caras do clube também. Mas nós somos profissionais, na hora que você vai trabalhar, isso nem passa pela sua cabeça. Você vai fazer a coisa que tem que ser feita. Na verdade, às vezes você faz até melhor, com medo de ser passional. Você é até mais duro com seu time.

P: Então, você tende a ser mais crítico com o Botafogo?

R: Sim, certamente, por ser botafoguense. Eu estou preocupadíssimo com 2016.

P: Nos outros times, você teve algum problema por ser botafoguense? E ao contrário, você acha que você foi facilitado no Botafogo por ser botafoguense?

R: Eu nunca tive nenhum problema e sim, eu acho que fui facilitado sim. Era botafoguense, morava em Niterói, estava perfeito.

P: Você acha que foi mais fácil para você cobrir o Botafogo?

R: Não, acho que não. Para mim isso não tem parâmetro. Eu nunca fui amigo de dirigente nenhum, nunca fui amigo de supervisor nenhum. O que eu desenvolvi foi proximidade com alguns jogadores. Eu tenho uma história muito forte, acho que foi em 1998 ou 1999, o Botafogo ia contratar um jogador lá de Goiás, o Goiano. Eu estava no Lance, fui para Goiás, falei com um amigo meu, que me deu uma lista dos caras e consegui apurar que tinha uma parada com um lateral esquerdo, o Romildo. Conversei com ele, mas todo mundo meio que já sabia que o Botafogo estava procurando um lateral esquerdo, então eu precisava ir além. Procurei saber através do Romildo, que disse que o Botafogo estava conversando com outro jogador, o Reidner. Eu decidi arriscar o cara e consegui o telefone da mãe dele, que me passou o contado

do cara. Conversar com a mãe dele foi fundamental e eu só percebi isso tempos depois. Liguei para ele, que foi bem solícito, disse que havia interesse de ambas as partes. Eu fiz a matéria, ele me ligou, agradeceu. Passou, saí do Botafogo, cobri o Fluminense e voltei para General Severiano. Depois de um tempo, o Reidner sumiu. Eu comecei a procurar, o Botafogo estava em crise financeira, com três meses de salário atrasado e depois desse tempo, você pode pedir a rescisão do contrato. Eu precisava falar com ele, só me sobrou a mãe dele, com quem deixei um recado pedindo um retorno por parte do Reidner. Ele me ligou alguns dias depois, dizendo que não podia falar comigo, mas assim que pudesse ele me retornava. O que aconteceu alguns dias depois. Ele pediu rescisão e se afastou do clube como a advogada pediu, e ela que tinha o autorizado a falar com os jornalistas. Dali, ele foi para o Atlético Mineiro. Eu fiz a matéria, a capa foi linda, e o mais legal foi que eu ganhei o cara na conversa, na humildade. Ele falou comigo, não com o O Globo.

P: Você disse que não tinha uma relação muito próxima com os jogadores e dirigentes. Por quê?

R: Porque não deve. Compromete o resultado. Eu já vi isso acontecer e me deixa irritado. Eu tenho uma responsabilidade muito grande, eu mexo com a paixão dos outros.

P: Tem alguns torcedores que não conseguem entender que os jornalistas têm um time. Você, que lida com as mídias sociais do jornal, acha que os torcedores estão melhorando e passando a compreender isso?

R: Não. Eles jogam a frustração deles toda em cima da gente. Não só a frustração com o time, mas a frustração do dia a dia também.

P: Você já teve problemas com algum torcedor mais exaltado? Já foi chamado de flamenguista, por exemplo?

R: Nunca tive problema porque eu não confronto, pelo contrário. Às vezes você bota um texto e uma foto e o cara já vem te xingando. O flamenguista vai dizer que o Lance é vascaíno e vice-versa. Então, você lida com isso. Mas isso eu curto fazer. No *Facebook*, o que a gente mais vê é gente intolerante. As pessoas perdem a noção, xingam pesado. Tem gente que tem pavio curto, não pode ficar lidando com isso. Mas eu gosto.

P: Você não teve problemas com torcedor, mas já teve com dirigentes ou atletas?

R: Já. Com o dirigente foi o presidente do Atlético Paranaense que me processou. Eu estava cobrindo os times do Paraná pelo EsportePress, acho que em 1997. O time estava com salário atrasado. Eu recebi uma notificação e o presidente me ligou, me xingou. Mas não deu em nada. Com jogador, tive problema com o Bebeto, no Botafogo, e o Branco, no Fluminense e na seleção. Na verdade, com o Bebeto foi uma parada engraçada, porque ele me confundiu com outro jornalista, e não queria mais falar comigo, me dar entrevista. Com o Branco, eu fiz uma matéria dizendo que o Fluminense estava rendendo menos com ele em campo, apresentei números. Em um embarque da seleção brasileira, em 1994, ele estava com a esposa, levantou e me xingou. Só que eu sou muito nervoso, mas na hora, eu respirei, levantei as mãos, disse “beleza” e virei às costas. Dei uns dez, quinze passos, ele ficou me chamando e eu ignorei. Acho que o momento que eu cheguei foi ruim, ele parecia ter brigado com a esposa, além de estar meio irritado por toda a imprensa estar batendo nele,

questionando a presença dele na Copa. Teve um caso com o Julio César Imperador, que encerrou a carreira no Botafogo. Uma vez eu perguntei sobre a aposentaria, ele disse que ia ficar mais dois anos e encerrar a carreira. Eu escrevi isso e ele me acusou de estar o desvalorizando, não quis mais falar comigo.

P: Você consegue destacar um furo de reportagem que conseguiu durante seu trabalho de setorista?

R: Acho que a história do Reidner, pela história, pela humildade, como tudo aconteceu. Teve um jogo que eu me lembro, Botafogo e Santa Cruz, que eu dormi, de tão ruim que estava o jogo. O Botafogo tinha um time horrível, tinha o lateral Galego que era horroroso. Mas tem histórias muito boas. Nunca vou me esquecer da vez que tive a honra de conversar com o Nilton Santos e com o Didi. Me arrependo de não ter tirado foto.

P: Por que você virou jornalista?

R: Eu sempre gostei de escrever, fazia história em quadrinhos, desenhava. Quando eu fiz jornalismo, eu estava mais interessado em arte, música, eu tocava, era músico. Comecei trabalhando com isso, na Maldita.

P: Você não pensava em seguir a carreira esportiva?

R: Eu joguei no Fluminense, joguei no Botafogo, no Olaria, surfava. Eu gostava muito de futebol. Quando trabalhava na rádio, durante um papo com uns colegas sobre futebol, um deles me chamou para trabalhar na EsportePress. Em 1992, eu já estava no esporte para valer.

P: Você já trabalhou em outras editorias?

R: Sim, já fiz cidade, já fiz política Rio, cobri a época do Brizola.

P: Como você virou botafoguense?

R: De sangue. Eu sou botafoguense mesmo, cheio de contradição, superstição. Meu pai era botafoguense, meu irmão também, mas o outro é vascaíno. Quando eu era pequeno virei botafoguense por causa do meu pai, mas depois evoluiu para uma paixão muito forte. Eu me identifico muito com o time, com algumas personalidades. O botafoguense é muito louco, muito passional. Não tem vida sem sofrimento.

P: Você se tornou um torcedor diferente depois que cobriu o time?

R: Nada, a mesma coisa. Mesma paixão. O mesmo botafoguense que eu era quando criança eu sou hoje. Isso não muda não.

P: Na época que você cobria, você ia aos jogos? Continua indo?

R: Sempre fui, quando me tornei jornalista ia de tribuna, mesmo que não estivesse trabalhando. Eu sempre acompanhei o Botafogo.

P: Como você vê a questão da objetividade dentro da área do jornalismo esportivo?

R: A objetividade é fundamental. Mas as pessoas estão tendo cada vez menos tempo, menos paciência, então o nosso contato com o leitor, no nosso dia a dia, tem que ser o mais prático possível. E a praticidade para gente é a objetividade. Então, quanto mais objetivo você for na informação, mas chance você tem, nem de fidelizar, mas de ficar

na memória daquele cara, para ele voltar. Sobre imparcialidade, eu jamais acreditei que o jornalismo fosse imparcial. A partir do momento que você está escrevendo alguma coisa, é você que está escrevendo. Então, jamais acreditei. O que existe em um bom jornalista, é ele dar a chance, no seu conteúdo, da pessoa pensar sobre aquilo e até aprender com isso. Se você for imparcial, acho que você vai passar um ‘jornalismo chapa branca’. Se você for imparcial, você é vazio. Eu acho que quando a coisa tem alma, ela funciona melhor. É a forma que ela passou que vai te prender na notícia. O furo, por exemplo, é uma notícia inédita. Mas todo mundo dá furo. A forma como você dá o furo que vai fazer com que você seja repercutido. Repercussão para gente é tudo. Quando você tem uma adesão naquilo que você faz, o seu trabalho passa a ter um valor.

P: Você cobriu a seleção, durante uma Copa do Mundo. É um sentimento igual ao cobrir o time de coração?

R: Não, de forma alguma. A seleção era um ambiente pesado, em que você estava lidando com estrelas. Hoje deve ser pior ainda. Era outro ambiente, com muito mais respeito.

P: Como separar o lado torcedor do lado jornalista? É fácil?

R: Para mim é natural. Assim, na primeira vez que você chega ao campo você fica deslumbrado, depois vai passando.

Entrevista 10 – Milton Costa Carvalho

Início da carreira: década de 1960

Veículos que trabalhou: Jornal do Brasil, O Globo e Revista Placar

Times que cobriu: Botafogo, Fluminense, Flamengo, Vasco e Bangu

P: O senhor cobriu o Fluminense quanto tempo?

R: Eu cobri todos os times do Rio, quando comecei, cobri Bangu, e logo depois fui para o Fluminense, que cobri durante vários anos, em diversas épocas. O que eu menos cobri foi o Botafogo. Eu cobri o Fluminense em 1966, durante uns meses. Nos anos 70 eu não me lembro, mas sei que nos anos 80 eu cobri, depois voltei nos anos 90. Em dois momentos eu trabalhei na Placar e lá não tem isso de ser setorista.

P: O senhor cobriu o Fluminense por quais veículos?

R: Jornal do Brasil e O Globo, mas também fiz matéria do Fluminense pela Placar. Comecei no Jornal do Brasil.

P: Enquanto o senhor cobria o Fluminense, como ficava o seu lado torcedor?

R: Olha, na minha época a gente torcia mais discretamente, mais interiormente, sem demonstrações. Não gritava gol, não xingava o juiz ou o jogador. Eu, particularmente, tinha um comportamento muito sóbrio e discreto. Embora, internamente, torcesse que nem um louco. Eu me repremia. Eu acho que não se pode ter comportamento de torcedor na tribuna de imprensa. Porque você tem que ser imparcial. Então, você vivia um conflito. Emocionalmente, você vivia intensamente o jogo, mas ao mesmo tempo, você não pode externar o que você está sentindo, porque você está em um local de trabalho, com colegas de profissão, e você precisa manter a racionalidade para fazer a

análise do que está acontecendo em campo, sem o envolvimento emocional. Você precisa de uma isenção total, absoluta, porque os leitores de ambos os times vão ler a matéria, então você tem que ser isento, o leitor não tem que saber para que time você torce. Podia um ou outro torcer um pouco mais, porém nunca vi alguém distorcer nada.

P: Como era a cobertura diária do clube?

R: Você precisa ser isento também. Você está ali como repórter de um jornal, não está ali nem por você, nem pelo clube. Agora, há um envolvimento. Você cria uma intimidade, uma proximidade com jogadores, fica mais a vontade que é o seu clube. Mas tem um detalhe que eu percebia em mim: em todos os clubes que eu cobria, eu era mais crítico na cobertura com o Fluminense, do que com os outros. Eu tenho a impressão de que é a história de que quando alguma coisa está errada, e tem um pouco a ver com você, você quer corrigir.

Na época em que eu cobria, a gente tinha mais notícias, a gente tinha acesso ao vestiário, ao campo de treinamento. Você tinha acesso aos telefones dos jogadores, do técnico... Hoje está muito diferente, só funciona através de assessoria, o repórter não pode transitar por todas as dependências do clube, fica restrito a uma área de imprensa. Na minha época, a gente fuçava tudo.

P: O senhor consegue destacar um furo de reportagem que conseguiu durante seu trabalho de setorista?

R: Eu sempre quis ter uma notícia diferente dos outros. São sei se por competição ou por vontade de dar ao leitor alguma coisa diferente. Eu tenho um furo muito forte, em 1984, cobrindo o Fluminense. O presidente do time, Manoel Schwartz, tinha ido para Nova York, contratar o Romerito, que era jogador do New York Cosmos. Eu dei esse furo, na manchete do Jornal do Brasil. O time foi campeão com ele em 1984. Acho que foi o mais marcante. Mas também já dei barriga. A principal foi com um supervisor do Bangu, ele me passava muita informação. Ele ligou para mim um dia, falando que o Jorge Vieira ia ser contratado para ser técnico da seleção e era tudo mentira. Dei a manchete no Jornal do Brasil, sem ligar para o cara. Foi um erro meu, eu confiei demais nele. Depois eu fiquei mais com pé atrás. O jornalista tem que confiar desconfiando.

P: O senhor já teve algum problema com dirigente ou atleta do clube?

R: Teve uma notícia que eu dei no Fluminense e a diretoria não gostou, então tentaram forçar uma situação em que eu desmentisse. Como eu me recusei a desmentir, porque tinha absoluta confiança na minha fonte, eles me ameaçaram, dizendo que eu seria proibido de cobrir o clube, de frequentar o clube. Eu mantive minha posição. Eles mandaram uma carta para o Jornal do Brasil, aonde eu trabalhava, falando que eu não poderia entrar no clube, que eu era *persona non grata*. Então, o jornal me apoiou e retirou a cobertura diária do Fluminense, deixando só notícias sobre as partidas do time, como o pré e o pós jogo, porque envolvia outro clube. O jornal ficou um tempão sem a cobertura do Fluminense, que depois recuou e reabriram a porta para o jornal e eu fiz questão de voltar. Também já tive problemas com jornalistas que cobriam o Fluminense. O Ricardo Gomes e o Deley, jogadores da época, vieram me contar, que os jornalistas estavam querendo me boicotar, pedindo para os jogadores não falarem mais comigo. Eu fuçava muito, tinha um contato legal com os jogadores e eles me contavam as coisas. Então, eles tentaram me boicotar. Já tive rixa com jogador, com o

Edinho, quase brigamos no campo, discutimos feio, por conflitos de notícia. Na verdade, ele até tinha um pouco de razão. Eu fiz uma entrevista muito grande com ele, mas na edição ela teve que ser reduzida e ficou uma parte em que ele criticava muito o clube, a diretoria, então ela saiu do contexto. Mas depois voltamos a nos falar.

P: O senhor comentou do Deley e do Ricardo Gomes. Como era o seu relacionamento com o pessoal do clube?

R: Amigo íntimo eu não era não, me dava bem no relacionamento profissional. Mas de ser amigo, de frequentar casa, sair junto, não, nunca.

P: O senhor acha que essa proximidade pode prejudicar?

R: Claro que prejudica. Porque se você cria uma amizade muito grande com um jogador e você descobre algo sobre ele que pode prejudicá-lo, como você vai dar a matéria? Eu acho que não pode ter.

P: Ao mesmo tempo, um relacionamento íntimo não seria melhor para obter informações?

R: Eu acho que isso você pode conseguir no convívio diário, depois de um treino, por exemplo. Eu nunca fui calculista ao ponto de querer me tornar muito íntimo de um jogador para conseguir notícias exclusivas, nunca pensei nisso. Eu gostava muito de alguns, mas mantive sempre uma posição profissional.

P: O pessoal do clube, eles sabiam que o senhor era tricolor?

R: Eles sabiam. Alguns conselheiros mais jovens do Fluminense, já nos anos 90, me questionavam quando eu dava alguma notícia negativa, crítica. Eles não aceitavam, só queriam notícia boa. Inclusive, como eu te falei, eu acho que eu era mais crítico na cobertura do Fluminense do que dos outros clubes. Quando eu via um erro, eu achava que ao criticar eu poderia ajudar a reparar o erro mais rapidamente.

P: O senhor considera mais fácil cobrir o time que torce do que os outros?

R: Não sei se mais fácil ou mais difícil, mas eu me sentia mais em casa. Isso não tinha uma influência forte não.

P: O senhor preferia fazer rodízio ou ser fixo?

R: Eu acho interessante o rodízio, porque você não cria laços muito duradouros. Você muda de clube, tem uma visão nova. Eu acho que tem que mudar. Eu preferia sempre cobrir o Fluminense, me sentia mais a vontade.

P: Na época em que o senhor começou, tinha problema em falar sobre qual time você torcia?

R: Eu nunca tive esse problema. Eu nunca perguntava e não dizia, mas as pessoas sempre sabiam. O Eurico Miranda, na época vice-presidente, sempre me gozava quando o Vasco ganhava do Fluminense, porque ele sabia que eu era tricolor. Eu nunca tive problema em cobrir nenhum clube por torcer por outro. O editor, os colegas e o próprio pessoal do clube, sabendo para qual time você torce, faz com que você preze pela imparcialidade, por isso, como eu disse, acho que era mais crítico com o Fluminense.

P: Como o senhor separava o torcedor do jornalista?

R: Falar de algo que mexe com a paixão é muito difícil. Você ser racional e passional ao mesmo tempo é muito complicado. Mas você separava porque você tinha a consciência de que era um repórter. No entanto, eu acho que sempre tem um algum tipo de envolvimento quando você cobre o time que torce. Na verdade, é um envolvimento que eu acho que não chega a interferir negativamente no trabalho, é mais emocional. Agora, racionalmente, você sabe que tem que trabalhar.

P: O senhor deixou de ser menos tricolor depois de cobrir o clube?

R: Não, de jeito nenhum. Eu separava muito as coisas. Eu nunca deixei de ser Fluminense, sempre torci muito.

P: O senhor acredita em imparcialidade e objetividade no jornalismo esportivo?

R: Depende. As matérias hoje são superficiais. O repórter hoje não tem acesso às fontes de informação que nós tínhamos, não podem entrar no vestiário, não podem entrar no campo. Tem que ficar restrito a sala de imprensa, escolhem um jogador para falar. O técnico só fala quando quer. Na minha época, se falava com eles todos os dias. Então, eu acho que a cobertura hoje é mais vazia não por culpa dos repórteres, é pelo sistema europeu que foi importado. O repórter com isso ficou muito prejudicado.

P: Como o senhor se tornou tricolor?

R: Acho que foi influência do meu pai. Desde que eu morava no interior, meu pai ouvia os jogos do Fluminense, anos 40 e anos 50. Eu ouvia também, me lembro do Castilho (goleiro do Fluminense no final da década de 40). Eu cresci assim e quando me vi já torcia pelo Fluminense.

P: O senhor frequentava estádio?

R: Quando eu já era rapaz, porque sou do interior do estado. Eu ia aos jogos do Fluminense e do Santos.

P: Como o senhor virou jornalista esportivo? Foi por causa do Fluminense?

R: Eu não tinha uma vocação muito definida, achei jornalismo interessante e fui fazer na PUC. Fiz um curso de verão no Jornal do Brasil e apresentei um projeto "O Caminho do Tri", em 1966. Com esse projeto consegui a vaga de estágio e a editoria que tinha vaga era a de esportes. Eu tentei o departamento de pesquisa, mas não tinha vaga. Três meses depois fui contratado e logo comecei a cobrir o Bangu, que foi campeão carioca em cima do Flamengo, em 1966. A minha vida toda foi repórter esportivo, sempre com futebol. Cobri sete Copas do Mundo.

P: Enquanto jornalista, o senhor frequentava o estádio como torcedor?

R: Era muito difícil, porque eu sempre estava a trabalho. Mas eu cheguei a ir sim, levei até meus pais em um Fluminense e América, em um Fla-Flu. Depois que eu fui para o Jornal dos Sports como colunista, eu não trabalhava domingo, então eu ia ao estádio ver o Fluminense. Mas atualmente, sou torcedor de poltrona. Eu guardo a memória do Maracanã, esse estádio não é o Maracanã que não conheci, não tem nada a ver.

Entrevista 11 – Ricardo Napolitano

Início da carreira: 2006

Veículos que trabalhou: Lance e O Dia

Times que cobriu: Botafogo, Fluminense e Vasco

P: Quando você começou a cobrir futebol?

R: No Lance, eu cobri um tempo o Botafogo e o Fluminense, e vim para O Dia cobrindo o time das Laranjeiras. Em 2012, teve o rodízio, eu fui para o Vasco.

P: Na sua opinião, é melhor ser setorista fixo de um clube ou fazer um rodízio?

R: O rodízio existe para o jornalista não ficar muito tempo no clube, não criar um vínculo, se acostumar. Aqui no O Dia não é padrão que todo ano mude, depende do que o editor vai decidir, a gente conversa com ele. Eu, particularmente, acho que chega um ponto que é legal mudar de clube, mas não precisa ser todo ano.

P: Como é cobrir o Vasco com o Eurico Miranda como presidente?

R: Eu cobri com o Roberto Dinamite e agora com o Eurico. O que eu percebo, conversando com outros jornalistas, é que ele voltou um pouco mais *light*. Ele continua fazendo o mesmo personagem, só que sem o poder de antigamente. Acho que agora ele já nem é tão levado a sério como era antes. Na rotina de trabalho, acho que foi um dos piores anos que eu tive como jornalista. É um presidente que não te dá acesso a nada, é ditadura, é o que ele quer, sem conversa. Ele faz o que quer com a imprensa e a torcida compra briga. Ele instala o pensamento de que a imprensa é contra e o torcedor compra a ideia, porque o Eurico diz que ele é o defensor do Vasco. A gente precisa se virar para conseguir as coisas, cada vez menos acesso a informação, não tem acesso à atleta fora do clube para fazer uma matéria especial. Esse ano não teve praticamente nada, a única vez que teve um mínimo de acesso, mas ainda de forma restrita, foi na final do Carioca, mesmo assim foram duas semanas de treino fechado. No tratamento com ele, nunca tive problema. Ele já está entrando na parte do folclore e, particularmente, ele não me intimida.

P: Foi mais fácil cobrir o Vasco do que os outros times?

R: A lição que a gente aprende quando cobre o clube que torce é que você se fiscaliza muito mais do que se estivesse cobrindo outro clube. Você sente, como qualquer torcedor, mas quando você escreve, procura ter um cuidado muito maior, para não deixar entrar o sentimento. Em 2013, eu cobri o rebaixamento do Vasco. Estava lá em Joinville fazendo o jogo. É uma hora que você está destruído como torcedor, mas no papel tenta ser o mais profissional possível. Isso eu senti. Em relação à cobertura, no dia a dia, foi normal. Lógico que de acesso, de estrutura, eu sinto o Vasco muito mais difícil de lidar que os outros clubes que eu trabalhei. Era difícil de conseguir acesso, mas na rotina, no lado torcedor, era igual aos outros.

P: Você citou o rebaixamento do time em 2013. Qual foi o momento mais marcante ao cobrir o Vasco?

R: Eu vivi momentos difíceis, que vou lembrar sempre, com carinho e com tristeza. Com tristeza é a Libertadores, em 2012. Eu precisei entrevistar o Diego Souza para uma matéria especial de domingo e o entrevistei uns dois dias depois do jogo que ele perdeu o gol, contra o Corinthians. Eu perguntei do lance, ele disse “eu não fui dormir

com a cabeça pesada, tentei acertar, mas não consegui”. Eu por dentro dei uma travada. Foi complicado. É nessa hora que você percebe que o jogador não leva o problema para casa. Tem outros momentos marcantes, como a queda, em 2013. Apesar do rebaixamento, o que me marcou mesmo foi a briga, que nunca vai sair da minha cabeça, porque eu vi tudo aquilo pessoalmente. Em 2014, foi uma decepção, quando o Vasco perdeu para o Flamengo, para mim o Vasco já era campeão. Já em 2015, teve o título estadual, que foi o primeiro título que cobri pelo Vasco. É um sentimento diferente.

P: Como é sua relação com o pessoal dos clubes que trabalhou, tem uma relação mais próxima com algum jogador ou dirigente?

R: Relação próxima eu nunca tive. Não pode confundir o tratar bem com o querer ser amigo, boleiro. Isso eu repudio.

P: Você já teve algum problema com dirigentes ou jogadores?

R: Já teve caso de uma matéria que eu fiz em 2012, que irritou o clube, ao ponto de eles barrarem nossa entrada por uma semana. O fotógrafo flagrou o Carlos Alberto fazendo xixi na estátua do Romário no dia que São Januário fazia 85 anos. Eu tinha a matéria, liguei para o assessor do clube, pedindo um pronunciamento do clube e ele me disse: “mas você é vascaíno e vai dar uma matéria dessas no dia do aniversário de São Januário?” Eles confundem as coisas, usa isso para te persuadir. Eu dei a matéria, fiquei proibido de entrar no clube por três dias, teve nota oficial no site do Vasco falando que aquilo era um absurdo. Mas é aquilo, tem que ser profissional, acima de tudo.

P: Você consegue destacar um furo de reportagem que conseguiu durante seu trabalho de setorista?

R: O caso que eu falei do Carlos Alberto fazendo xixi na estátua do Romário. Todos os méritos vão para o fotógrafo que fez a imagem do jogador. Teve uma matéria especial, uma exclusiva com o Juninho Pernambuco, em que ele falou tudo, botou a boca no trombone, falou de brigas com o Felipe, a vida pessoal dele. Recente, teve a história da agressão do Bernardo na esposa. Fora do Vasco, tem a matéria do Thiago Neves, mas que é um pouco fora do âmbito do esporte. Ele estava na Arábia e estava devendo pensão para filha. Nós começamos a investigar, descobrimos que ele foi disfarçado a um jogo do Fluminense e o oficial de justiça o achou. Descobrimos que a menina era menor de idade quando engravidou. Começamos a ver conversas dele com ela pela internet, combinando de como iam engravidar. Descobrimos do calote que ele deu no pedágio da Ponte Rio-Niterói. Foi uma matéria bastante grande, que rendeu bastantes dias.

P: Enquanto jornalista, você frequenta o estádio como torcedor? Vibra mesmo quando está ali trabalhando?

R: Eu já fui muito torcedor de ir para São Januário em quase todos os jogos. Com o tempo, eu fui diminuindo. Eu assisto pela TV. Nas campanhas do Vasco em 2013, fugindo do rebaixamento, e em 2011, eu ia sempre. Mas não vibro, acho que ali, como jornalista, não é o momento.

P: Você se tornou um torcedor diferente depois de ter feito a cobertura do time?

R: Com certeza. Não consigo discutir futebol. Torcedor normal não tem ideia do que

acontece nos bastidores. Os jogadores não tem preocupação com a torcida. O seu ânimo acaba esfriando. A vontade de torcer eu sempre tenho.

P: Você acha que o público esportivo no Brasil sabe diferenciar o lado pessoal do profissional ou declarar o time continua sendo um “problema”?

R: Uma coisa é eu ser vascaíno, cobrir Flamengo e ser respeitoso com time. Quando você consegue ganhar uma credibilidade e um respeito, independe o time que você torce. Muitos torcedores respeitam o profissional.

P: Existem jornalistas que declaram abertamente seu time de coração. Outros preferem manter discrição. Em qual deles você se enquadra?

R: Se você entrar no meu *Facebook* ou *Twitter* você nunca vai encontrar nada meu com camisa de clube, declaração como torcedor. O máximo que você vai ver é um comentário analisando a situação. O jornalista precisa saber se preservar. Eu nunca postei foto com camisa do Vasco, peço para os meus amigos não colocarem. Porque depois, eu cobrindo o Flamengo, por exemplo, vai surgir uma foto minha com a camisa do Vasco e pode me prejudicar.

P: Como você virou vascaíno? Sempre frequentou estádio?

R: Meu pai falhou nessa missão. Meu pai é flamenguista, com dois filhos vascaínos. Eu sofri influência direta do meu irmão mais velho. Comecei a frequentar a partir de 1993, quando o Vasco foi bicampeão estadual.

P: Por que você decidiu ser jornalista esportivo?

R: Eu sempre gostei do esporte, mas o que me fez escolher jornalismo foi uma aula de matemática, pois foi ali que eu decidi que iria escolher uma profissão que não tivesse nada a ver com número. O Lance surgiu e eu falei que ia trabalhar na empresa. Quis o destino que meu primeiro estágio fosse lá, depois vim para O Dia. Sempre trabalhei com esporte.

Entrevista 12 – Sergio Du Bocage

Início da carreira: 1981

Veículos que trabalhou: Jornal dos Sports, Rádio Globo e Rádio Nacional

Times que cobriu: Flamengo

P: Cobriu o Flamengo por qual veículo durante quanto tempo? Como foi?

R: Cobri pelo Jornal dos Sports, de 1982 a 1984, mas já tinha sido folguista. Foi bem legal cobrir o Flamengo, mas eu peguei umas crises do clube... Entre elas a venda do Zico. Tem a história do Dunshee [presidente do Flamengo na época] chorar com a saída do Zico, e isso nunca existiu. Eu estava na sala e foi a TV que pediu para ele fazer aquela imagem dele chorando na camisa do Zico.

P: Como deixar a paixão de lado?

R: É bem problemático não sermos Flamengo na cobertura, é difícil. A vantagem que eu tinha é que o jornal sempre queria valorizar o jogo, o craque, então as notícias, de forma geral, eram sempre positivas. A gente não escondia o negativo, mas dificilmente virava uma manchete. O objetivo era atingir o torcedor, jogar o futebol para cima. Por

isso, o lado torcedor não podia aparecer e não só porque eu torcia pelo Flamengo. Se eu cobrisse o Fluminense, eu iria tentar ver com os olhos de torcedor. O jornal não me impedia de ser torcedor em algumas coisas, mas eu não omitia coisas, não exagerava, no sentido de deixar a paixão falar mais alto. Acaba que a gente se cobra mais, pelo menos eu me cobrava. Tem também o fato de você conhecer seus ídolos, eu nunca deixei de ser torcedor e sempre deixei isso bem claro. O cara que escolhe o jornalismo esportivo tem que gostar de futebol e se ele gosta de futebol, então ele já teve um clube na vida. Dizer que não torce para ninguém é mentira. Se havia uma época em que eu pensava em não comentar meu clube foi quando comecei a trabalhar na TV. Até que três torcedores do Flamengo me chamaram e me perguntaram por que eu não revelava meu clube, já que vários jornalistas diziam seus clubes e não perdiam a credibilidade por causa disso. Eu recebia muitas cartas de torcedores... Eu acho que é legal você identificar o time pelo qual torce porque cria uma aproximação maior. Claro que futebol envolve paixão, a gente precisa ter um cuidado.

P: Como era fazer a cobertura dos jogos do Flamengo?

R: Eu não torcia, porque eu ficava na tribuna de imprensa. Só que, por exemplo, no gol do Petkovic, não teve como não torcer, eu saí pulando, não deu para conter. Mas o curioso é que você sempre acaba torcendo pelo clube que cobre. É legal que o clube que você cobre chegue a final, ganhe o campeonato, isso te dá mais espaço. É normal que durante o jogo você fique tenso, mas o cuidado tem que existir mesmo na hora de escrever. Por exemplo, o Zico jogou mal, só que mesmo você sendo torcedor e ele sendo seu maior ídolo, você tem que escrever que ele jogou mal. Teve um caso que aconteceu, em 1983, eu fui para Seul com o time de base do Flamengo, para um campeonato. Naquela época era tudo por telefone. Eu mandei uma matéria falando que o time tinha jogado mal. Quando a matéria saiu aqui no Brasil, as famílias dos jogadores ligaram para Seul e os caras fizeram uma greve contra mim. Eu sozinho, foi uma confusão, o diretor teve que intervir.

P: Você chegou a cobrir outros clubes?

R: Na época que eu fui folguista, eu ia a outros clubes. A dificuldade é chegar ao clube e apurar tudo sem ter uma relação com o clube. Na época do Flamengo, eu passava o dia inteiro lá, mas eu adorava.

P: O fato de você ser Flamengo, te ajudou na cobertura?

R: Sinceramente, não. Não sei se o editor do jornal na época, que também era flamenguista, me botou para cobrir o time por causa disso. Na TV não faz diferença, mas foi bom na Rádio Globo, que tinha o espaço para um jornalista que era Flamengo. Eu fazia um programa que tinha um jornalista identificado com cada clube: o Penido apresentava, o Eraldo Leite no Botafogo, eu no Flamengo, o Felipe Cardoso no Fluminense e o Dé no Vasco, antes dele foi o Gilmar Ferreira e o Loureiro Neto. Eu falava muito mais de Flamengo e rolava uma identificação Rádio Globo e Flamengo.

P: Você virou menos torcedor depois de cobrir o Flamengo?

R: Muito menos. Quando eu estou em casa eu grito, torço. Mas eu sou muito menos. Eu virei amigo dos caras. No passado eu chorava, minha mãe achava que eu ia morrer.

P: Qual furo mais te marcou?

R: Num sábado a noite, eu me arrumando para sair, me bateu um *feeling*. Eu liguei

para o Marcelo Matte, amigo meu e que cobria o Flamengo pelo O Globo. O Marcelo é gaúcho e tinha um amigo no Grêmio, que ligou para ele dizendo ia ter uma troca de jogadores, o Baltazar indo para o Flamengo e o Tita indo para o Grêmio. O Marcelo me passou isso, fui para o jornal, pedi para pararem a impressão do jornal e a troca virou manchete. Vários jornalistas de outros veículos me ligaram, disseram que iam me furar. Na quarta-feira seguinte, o Flamengo fez uma troca com o Fluminense, Robertinho foi para Gávea e o Lúcio para Laranjeiras. Era uma troca menos impactante que a anterior, mas mesmo assim, eu como setorista do Flamengo, tinha que saber. Todo mundo deu, menos eu e o Marcelo. Só que para nossa sorte, infelizmente, o Garrincha morreu no mesmo dia. Então, a notícia da troca ficou completamente em segundo plano. Eles me furaram, mas o Garrincha me salvou com a morte dele.

P: Você teve problema com os jogadores da base, teve outros problemas?

R: Eu sempre fui muito compreensivo. Nunca passei dos limites. Eu acho horrível análise de jogador. Eu nunca tive problemas. Já teve um empresário que quis me bater, me ameaçou porque eu disse que ele ganhava dinheiro por fora. Mas foi isso, nunca apareceu.

P: Como era sua relação com atletas e dirigentes?

R: Muito boa. Antes de eu virar setorista do Flamengo, eu cobria campeonatos de juniores para todos os times. Isso fez com que eu conhecesse gente, de dirigentes a jogadores, de todos os clubes. Eu tenho muita gente amiga até hoje, a galera do passado. Eu conhecia muitos jogadores na base, como o Bebeto, Romário, Edmundo. Isso é bem legal.

P: Você tinha proximidade, mas era amigo?

R: Não, porque eu acho que não se deve ser. Virei amigo mesmo depois. Com o Zico, Júnior, Bebeto, Romerito, Renato Gaúcho. Mas também sou amigo de ligar, perguntar da família, nunca frequentei casa de ninguém.

P: O pessoal que trabalhava com você, os dirigentes e atletas, eles sabiam que você era flamenguista?

R: Claro, assim como eu sei o time dos outros jornalistas. É tudo uma questão de identificação. Nunca tive nenhum problema. Se você entrar no meu *Twitter*, eu tenho quinze mil seguidores, doze são flamenguistas, porque eles se identificam.

P: Como é a sua relação com os torcedores? Já teve problemas?

R: O *Twitter* é difícil, violento, os caras são ignorantes, grosseiros, xingam. É difícil, mas eu vou levando. Tem uma torcida então, que se acha a dona da informação, eu já tive problemas.

P: Você acredita que os torcedores ainda são um problema?

R: Os torcedores mudaram desde a minha época, porque a educação do cidadão mudou. Antigamente, você não via briga. As torcidas entravam juntas, hoje é inadmissível, as torcidas são rivais. Neste aspecto mudou. Acho que por isso a gente vê um comportamento mais agressivo nas redes sociais. Acho ainda que não faz diferença a identificação do jornalista como torcedor, acho que isso não mudou.

P: Você prefere ser setorista fixo ou fazer rodízio?

R: Fixo é melhor, porque você tem as fontes todas. A resposta a isso são algumas rádios, que deixa os repórteres durante bastante tempo. Eu acho fundamental ser fixo no clube.

P: Mas ao mesmo tempo, não tem um desgaste?

P: O desgaste cabe ao repórter saber administrar. O cara que tem uma notícia quente vai dar para você, que está lá já tem bastante tempo. Você trabalhar em um veículo maior também ajuda.

P: Você escolheu ser jornalista esportivo por causa do Flamengo?

R: Eu amava matemática, continuo gostando. Eu passei para o ITA em engenharia aeronáutica e desisti, fui fazer jornalismo. Isso aconteceu porque um dia eu estava lendo a Revista da TV, do O Globo, e tinha uma entrevista com o Luciano do Valle, a foto era ele em uma mesa de futebol de botão. O Luciano falava que desde a juventude ele já narrava jogo de futebol de botão. Eu olhei aquilo e pensei: “eu faço isso também, vou ser jornalista”. Eu falei isso para o Luciano e ele não acreditou. Na época, minha mãe ficou desesperada.

P: Desde pequeno frequenta estádio?

R: Eu ia com a minha mãe desde pequeno ao estádio. Fui ficando mais fanático enquanto crescia, mas nunca viajei com o Flamengo, por exemplo. Eu sempre fui torcedor de Maracanã.

R: Você virou Flamenguista por causa da sua mãe?

P: Minha família toda era Flamengo, só uma tia era vascaína, o que me levou a também gostar do Vasco, por incrível que pareça. Quando eu comecei no Jornal dos Sports o primeiro clube que cobri foi o Vasco.

R: Como que você vê atualmente o jornalismo esportivo?

P: Acho que o jornal é isento, mas é necessário distinguir o noticiário do colunista, que não precisa ser isento. Acho que as pessoas leem mais as colunas, por isso as pessoas identificam cada jornal com cada clube. O que eu acho da imprensa hoje é que se valoriza muito a crise, só tem notícia ruim. Por exemplo, o noticiário do Flamengo é sobre os jogadores que foram para uma festa depois do treino. Se valoriza muito algumas coisas desnecessárias. Mas existe uma dificuldade que na minha época não tinha, que é o assessor de imprensa. Era muito mais fácil, nós tínhamos uma relação muito mais próxima com os jogadores.

P: Você já trabalhou com assessoria de clube?

R: Clube não, mas eu tenho uma empresa de assessoria, atualmente voltada para construção civil e pediatria. Mas eu já fiz eventos esportivos, nunca futebol, justamente por trabalhar com isso. O Alexandre Bittencourt, que foi assessor do Fluminense, antes era meu funcionário. Ele me chamou para fazer a assessoria do Fluminense. Eu topei, mas fazíamos para o administrativo e esportes amadores. Eu emitia a nota, o dinheiro que entrava eu descontava o imposto e dividia com o Alexandre e a Márcia, que cobriam o Fluminense. Depois disso, o Alexandre saiu e virou assessor do clube. Eu fiz isso com o Botafogo, Bangu e América. Eu nunca fui ao clube pessoalmente fazer assessoria. Algumas pessoas falavam para eu aproveitar e

pegar jogador para entrevistar, mas eu nunca quis misturar isso. Eu fui assessor de imprensa do Rexona, time de vôlei do Bernardinho por três anos. Se um dia eu fosse assessor de clube de futebol, eu ia levar minha experiência. Como que funcionava lá: a maioria das jogadoras tinha um assessor próprio, só que nenhum deles respondia por pauta, quem respondia por pauta era eu, porque elas são do time. Jogador de futebol tem que cumprir o que o assessor do clube determinar. O cara não vai falar porque não quer? Isso prejudica o clube.

Entrevista 13 – Vinícius Perazzini

Início da carreira: 2010

Veículos que trabalhou: Lance

Times que cobriu: Botafogo

Atualmente, é editor do site do Lance.

P: Quanto tempo cobriu o Botafogo?

R: Cobri o Botafogo do início de 2010 até agosto de 2013. Foi minha primeira experiência.

P: Como separar o lado torcedor do lado profissional? É fácil?

R: Não vou dizer que foi fácil, mas foi viável. É essencial saber separar o lado torcedor do lado profissional. Quando algum dirigente ou um atleta tem algum tipo de falha, ou não joga bem, a gente tem que falar. O fato de eu ser botafoguense nunca me impediu de falar bem ou mal do clube. Teve um caso na Copa do Brasil, em 2012, quando o Lucas (lateral direito) foi expulso contra o Fluminense e depois contra o Vitória. Eu dei meio ponto para o Lucas, justificando o quanto ele prejudicou o time. Fui bem criticado pelo clube na época, porque falaram que eu deixei a paixão falar mais alto, mas eu justifiquei, a crítica teve fundamento.

P: Em alguns momentos foi difícil de separar o lado torcedor?

R: A hora do jogo é realmente o ponto alto, talvez seja o momento em que você fica mais nervoso, ansioso para escrever. Mas na escrita, você revisa, tem tempo, por mais que seja para site. Então, o bom profissional ele separa. A emoção, ela existe, por exemplo: a primeira viagem de avião na minha vida foi com o Botafogo, para um jogo em Presidente Prudente. Eu senti uma emoção muito grande, por estar viajando com o meu time. Mas isso não influenciou em nada, se alguém fizesse uma besteira no jogo eu ia dar a notícia. Eu nunca pensei em não dar determinada notícia, porque eu me boto em primeiro lugar. O Jobson é um grande exemplo, fez coisas que o meu lado torcedor não daria, mas eu nem pensei nisso, eu tenho que pensar em mim.

P: Você já teve algum problema com alguém do clube, como os dirigentes ou atletas?

R: Eu fiz uma coluna, com análise do jogo entre Botafogo e Atlético-MG, em 2012, em que eu escrevi que, depois da derrota, o ano tinha acabado para o clube. Era minha opinião, era um texto opinativo. Eu sei que deixou muita gente do clube chateada, porque vieram conversar comigo. Alguns jogadores também falaram comigo, se sentiram desrespeitados, porque eu critiquei alguns nominalmente. Mas aquela análise eu faria com qualquer time, com o meu ou com o Flamengo, por exemplo. Acabou que

os jogadores que eu citei na coluna foram dispensados no final do ano. Em 2013, a zaga melhorou e eu elogiei. Não tem isso de falar mal por falar. A gente vê todos os treinos, vê todos os jogos, a gente acompanha, sabe o que acontece.

P: Essa crônica chegou a prejudicar sua relação com os jogadores?

R: Ficou abalado sim, ficou um clima pesado. Eles sabem que você não está aprovando o trabalho deles, então o clima fica estranho.

P: Existem jornalistas que declaram abertamente seu time de coração. Outros preferem manter discrição. Em qual deles você se enquadra?

R: Eu sempre disse que sou Botafogo. Cobrir o Botafogo me trouxe um alívio para poder falar, eu não via nenhum tipo de barreira. Para mim foi natural, todo mundo sabia, os jogadores e os dirigentes. Eles sabiam e a gente brincava, mas quando tinha que ser profissional eu era. Na hora de fazer as matérias, era o profissional que aparecia, porque em primeiro lugar, eu torço por mim. O fato de eles saberem nunca trouxe nenhum tipo de problema mim, principalmente pelo fato de eu cobrir o Botafogo.

P: Os torcedores sabiam que você era botafoguense? Como era sua relação com eles?

R: Sabiam. Nunca nenhum torcedor me acusou de nada, já recebi muitos elogios pelo o que escrevi. Eu percebi que estava indo no caminho certo, porque era a visão que o torcedor tinha. Eu não passava a minha visão de torcedor, mas eles sabem o que acontece no campo. É uma análise fria, mas relata o que acontece em campo, que tanto eu como os torcedores veem. Geralmente, os torcedores me mostravam que eu estava com a razão. Eu nunca tive nenhum tipo de problema com torcedor.

P: Qual furo você destacaria?

R: A contratação do Seedorf. Desde que ele começou a negociar com o Botafogo, a gente deu todos os passos na frente dos concorrentes. Demos o acerto salarial, demos a contratação em primeira mão, inclusive na frente do Botafogo. Foi, talvez, a grande cobertura minha. Foi um furo de repercussão internacional. Teve também o caso do Jobson, em uma daquelas idas e vindas dele. Ele estava afastado do time, em Conceição do Araguaia, no Pará, e o Botafogo estava sem atacantes, porque o Loco Abreu tinha acabado de sair e o Rafael Marques não fazia gol de forma nenhuma. Eu liguei para o Jobson, expliquei a situação, falei que ia ser bom para a imagem dele junto à torcida. Ele me deu uma entrevista, falando que se o Botafogo aceitasse ele de volta, ele moraria na concentração. A pressão foi tão grande que o Botafogo inscreveu ele no Campeonato Brasileiro. Ele não chegou a jogar, porque teve alguma desavença com alguém.

P: Como era sua relação com os profissionais do clube? Você acredita que maior proximidade facilite na hora de conseguir informações?

R: Facilita sim, mas eu não era amigo, alguns jornalistas eram amigos de dirigentes. Facilita porque jornalismo é fonte, é só não dar o nome da pessoa.

P: Os dirigentes te cobravam por ser botafoguense?

R: Não, mas já teve momentos, como o caso do Lucas, que eles disseram que a paixão falou mais alto. Eu nunca tive problemas com os dirigentes. Eles, à vezes, pediam para

divulgar algumas matérias, como um evento do clube, ou fazer uma reportagem com um jogador que é reserva. Isso também melhora sua vida no clube, porque se você fizer uma matéria com um jogador dos juniores, mas para frente eles podem facilitar o acesso a jogadores de mais renome. É uma vida de mão dupla.

P: Você acha que o público esportivo no Brasil sabe diferenciar o lado pessoal do profissional ou declarar o time continua sendo um “problema”?

R: É um problema sério, principalmente os jornalistas de TV, que têm o rosto exposto. No Brasil, a cultura do torcedor ainda não está preparada para os jornalistas falarem abertamente seus times, apesar de muitos já falarem. É legal quando o programa se dispõe a identificar os comentaristas com seus clubes. Mas o jornalista que tem uma abordagem mais ampla, falar abertamente sobre seu time, não é muito legal. No caso do setorista, como eu era setorista do Botafogo, eu me sentia a vontade de falar.

P: Você acredita que é melhor, no momento que você vira setorista, você cobrir o seu time do que o clube adversário?

R: Sinceramente, eu acho que é melhor. Na emoção, não tem diferença, porque você não deixa ela tomar conta de você. Eu cheguei a cobrir o Flamengo em algumas ocasiões e sentia a emoção do torcedor. Mas você sendo setorista do seu time, você sabe alguns feitos históricos, dados, referências, que só o torcedor sabe. Isso é uma grande vantagem, você estar habituado com aquilo que a torcida acredita. Principalmente a torcida do Botafogo, que é supersticiosa, tradicional, cultua os ídolos do passado. Esse tipo de coisa você tem que saber identificar, é mais difícil você ter esse tipo de sensibilidade com outras torcidas, de saber dialogar com as torcidas que você não conhece.

P: Você acha melhor ser setorista fixo de um clube ou fazer um rodízio?

R: Beneficia ser setorista fixo, porque você acaba conhecendo de tudo no clube. Do esquema tático que é usado no treino, do assessor que ajuda na entrevista, as fontes de diretoria que te dão boas notícias.

P: Mas ao mesmo tempo, isso não traz um desgaste?

R: Traz, mas é um ciclo. Eu cumpri esse ciclo, já fui novato, fiquei no alto, senti o desgaste e por opção minha eu sai. Eu acho que eu fiz um ciclo correto. Passar um tempo no clube, que não é um ano nem a vida inteira.

P: No início você tinha dificuldade?

R: Não, nenhuma. Apesar de ser meu primeiro emprego. Eu comecei no Lance, isso ajuda, traz credibilidade.

P: Como virou botafoguense? Frequentava estádio?

R: Meu pai é botafoguense, eu sou botafoguense desde que me entendo por gente. Sempre fui para o estádio, frequentei Caio Martins, estive em todos os momentos, sempre gostei.

P: Escolheu esse caminho por causa do Botafogo?

R: Eu não sei dizer se sou jornalista esportivo por causa do Botafogo, mas com certeza escolhi esse caminho por causa do futebol. Para mim o futebol é muito mais amplo que o Botafogo.

P: Você continuou frequentando o estádio mesmo cobrindo o time?

R: Eu tentei fazer essa loucura, mas por um curto momento. Eu ia para ficar por dentro, mas você começa a pirar. Porque é seu momento de lazer, só que você fica com vontade de entrar nos bastidores, você vê o jogo com cabeça de jornalista. Quando eu deixei de ser setorista, eu passei a frequentar os jogos por lazer, por entretenimento.

Entrevista 14 – Vitor Machado

Início da carreira: 2007

Veículos que trabalhou: O Globo, Extra e O Dia

Times que cobriu: Botafogo, Flamengo e Fluminense

P: Quando você começou a cobrir futebol?

R: No Extra, eu fiz Fluminense e Botafogo, mas foi no O Dia que eu comecei a cobrir o Flamengo. Foi em 2010, no meio da Copa do Mundo, e estou no clube até hoje. Teve rodízio, mas eu não mudei.

P: Você está há cinco anos no Flamengo. Na sua opinião, é melhor ser setorista fixo de um clube ou fazer um rodízio?

R: Tem lugar que faz rodízio todo ano. Por um lado é bom porque evita certos vícios, como uma amizade com algum jogador, por exemplo. Mas ao mesmo tempo é ruim, porque um ano é muito pouco para criar vínculos de fontes, de convívio. Tem dois lados, é bom mudar, só que não precisa ser rígido e mudar todo ano. Falando por mim, eu estou a cinco anos cobrindo Flamengo, eu sairia tranquilamente, mas não gostaria de cobrir o Vasco, por exemplo, por conta do Eurico, da série B, ou o Botafogo, porque tem menos exposição. Então, voluntariamente, eu iria para o Fluminense.

P: Como é cobrir o Flamengo sendo torcedor do time?

R: No texto, eu trabalho em um jornal popular, então tem que ter uma carga emotiva, independente sobre qual time estou escrevendo. O que eu acho que facilita você ser torcedor é porque você tem uma memória muito melhor do clube e você sente muito mais o que o torcedor pensa, isso te ajuda a criar diferentes tipos de pauta, por exemplo. Até para escrever um texto mais emotivo é mais fácil, não por você estar emocionado, mas por você saber o que toca aquele torcedor. Na questão de isenção, você tem que se preocupar com tudo, não só com o texto, mas até com um dirigente ou um jogador que você se dá bem, porque se acontece alguma coisa ruim, você precisa escrever sobre. Isso, às vezes, é mais difícil que falar do clube em si, porque, no dia a dia, você vai encontrar o cara que criticou. Então, eu acho que facilita a questão da memória, o fato de você saber o que mexe com o torcedor, ter uma memória afetiva. Ser torcedor do clube facilita esse tipo de coisa.

P: O pessoal dos clubes, eles sabem que você é flamenguista?

R: Eles sabem sim, porque na hora da conversa acaba descobrindo. Às vezes você vai ao estádio como torcedor e encontra alguém. Acaba sabendo. O que acontece é que, eu cobrindo o Flamengo, se vem o vice-presidente perguntar qual é o meu time, eu falo de boa que sou flamenguista, porque para eles faz diferença. Eles confundem e usam isso para tentar te intimidar. No Fluminense, por exemplo, eu nunca falei que era, mas

eles acabam sabendo de alguma forma.

P: Qual foi o momento mais marcante ao cobrir o Flamengo?

R: O ano de 2011 me marcou muito, principalmente pelo Ronaldinho Gaúcho, desde a chegada até a despedida, passando por todas as turbulências e crises. Jornalisticamente falando, foi uma fase muito boa de cobrir. Como torcedor e amante do esporte, mesmo o Ronaldinho não sendo o mesmo, é muito legal vê-lo jogar. O título da Copa do Brasil de 2013 foi bem marcante, pelo Jaime. O título de 2014 teve a história do “roubado é mais gostoso”, que surgiu por uma pergunta minha.

P: Você consegue destacar um furo de reportagem que conseguiu durante seu trabalho de setorista?

R: Tem a matéria especial que eu fiz com o Léo Moura, falando da religiosidade dele. Ele disse que ia se batizar e nós fomos os únicos que fizemos. Foi uma matéria exclusiva, bem legal. Teve a briga do Vanderlei com o Runco (médico do Flamengo), a saída do Elias. Mas esses são furos do dia a dia, que você dá e leva. Tem também a matéria de quando o Eduardo Bandeira de Mello se tornou presidente do Flamengo. Eu falei com a família dele, para fazer um perfil. O assessor deixou escapar o dia que iria sair a matéria no Extra, então a gente se antecipou e demos um dia antes do nosso principal concorrente. Só que tem furos que eu dei quando não cobria o Flamengo. Tem o *dopping* do Jobson, pelo Botafogo, e a contratação do Parreira, pelo Fluminense, ninguém dava o nome dele, eu fui manchete do jornal sozinho.

P: Você se tornou um torcedor diferente depois de ter feito a cobertura do time?

R: Quando vou à arquibancada continuo gritando, xingando, torcendo. Continuo falando muito de futebol, discutindo. Mas eu comecei a ver o jogo de outra forma. Passei a não cobrar tanto dos jogadores. Eu não me acho menos Flamengo do que antigamente. Eu acho que as pessoas amadurecem. Minha vida era Flamengo, quando o Fluminense caiu em 1996, eu só pensava: “se o Flamengo cair eu morro”. Só que surgiram responsabilidades. Se o Flamengo cair, lógico que eu vou sentir, mas vou seguir minha vida normalmente.

P: Enquanto jornalista, você frequenta o estádio como torcedor? Vibra mesmo quando está ali trabalhando?

R: Atualmente eu frequento pouco porque tenho duas filhas, uma não gosta, minha esposa e minha filha menor sim. Mas acabamos não indo por causa da maior. Eu sempre curti ir ao estádio, era meu programa favorito quando adolescente. Quando eu posso eu vou. Sempre assisto jogo em casa, evito tentar marcar alguma coisa na hora. Mas como eu sempre estou no estádio cobrindo, na minha folga eu acabo não indo. Se eu cobrisse outro time, talvez fosse mais ao estádio. Quando estou trabalhando, eu não sou de torcer no estádio, mas tem gente que comemora. Mas é aquilo, cada um faz o que quer da vida, só que eu acho que têm comportamentos mais adequados. É de cada um. Acho que deve ter uma postura profissional. Acho feio alguém comemorar gol na tribuna de imprensa. É falta de respeito, porque você não está ali como torcedor. Torcedor todo mundo é, mas você, como jornalista, tem que adotar uma postura profissional.

P: Existem jornalistas que declaram abertamente seu time de coração. Outros preferem manter discrição. Em qual deles você se enquadra?

R: Eu não tenho foto em nenhum lugar. Porque depois pode me prejudicar quando eu for cobrir outro time. Todos sabem que você torce por algum time, mas quanto mais você se mostra é pior, os torcedores acabam confundindo, acham que você está falando mal porque torce pelo adversário.

P: Você acha que o público esportivo no Brasil sabe diferenciar o lado pessoal do profissional ou declarar o time continua sendo um “problema”?

R: Eu cansei de receber email de torcedor me chamando de vascaíno. Já recebi um que falava “é um absurdo O Dia ter um jornalista que é anti-flamengo”. Eles não admitem que você fale mal.

P: Como você virou flamenguista? Sempre frequentou estádio?

R: Eu fui criado para ser Flamengo. Meu pai é flamenguista. Ele me leva ao estádio desde os dois anos de idade. Minha memória de Maracanã é de 1992 para cá. Eu me lembro de todos os jogos do título brasileiro. Depois disso virei fanático.

P: Por que você decidiu ser jornalista esportivo?

R: Foi uma escolha imatura, mas eu dei sorte de gostar. Eu escolhi ser jornalista porque eu ouvia todos os programas de esportes da Rádio Globo. Eu acompanhava tudo, até contagem de voto do Conselho Deliberativo do Flamengo. Eu ficava sonhando com o dia que iria trabalhar na Rádio Globo. Quando eu entrei na faculdade, ampliei o horizonte. No estágio do O Globo, que passa por todas as editorias, eu vi que tem muito mais, trabalhei em Geral e gostei bastante. Abriu uma vaga no Extra e acabou que fui para o esporte. O destino me empurrou para o esporte de novo.

Anexo B - Reportagens

Matéria: “Xixi no lugar errado”

Jornalista: Ricardo Napolitano

Fonte: Jornal O Dia

Data: 21/04/2012



Xixi no lugar errado

Durante treino de ontem, Carlos Alberto fez um pit stop próximo à estátua de Romário

Carlos Alberto treinava com empenho até que Cristóvão Borges resolveu paralisar o treino tático. O apoiador, então, surpreendeu ao rapidamente se deslocar em direção à estátua do Romário, posicionou-se em um dos pilares do novo placar e urinou tranquilamente. A cena, que ilustra descaso com as instalações do clube, foi motivo de risadas entre os seus companheiros, o que mostra o bom momento entre o camisa 84 e o restante do grupo.

O técnico Cristóvão Borges não foi informado do ocorrido, mas encarou o episódio com bom humor. Ao ser perguntado se realmente é difícil segurar a vontade dentro de campo, o treinador lembrou de um caso recente que aconteceu com um atleta do Vasco.

Acho que ele foi lá para não ficar com o short molhado (risos). Isso não é comum, mas acontece. A gente mesmo, na Libertadores, tem o exemplo de que quando a vontade vem é difícil controlar. O Felipe Bastos teve problemas estomacais em campo e quase o tirei, revelou.

Cristóvão Borges está feliz com o desempenho de Carlos Alberto e não poupa elogios. Segundo ele, o apoiador tem se dedicado muito durante os treinamentos.

Carlos Alberto foi bem contra o Nova Iguaçu e, se tudo der certo, terá oportunidade contra o Flamengo. É um rapaz que está se dedicando muito para ter seu espaço novamente. Não tenho do que reclamar, disse Cristóvão.

Procurada para se pronunciar sobre o assunto, a diretoria do Vasco minimizou o caso e não quis comentar o fato de Carlos Alberto ter urinado na área de treinamento da equipe. Vale lembrar que, no Rio, urinar nas ruas atualmente é considerado delito e quem é pego em flagrante acaba detido pela polícia.

CAMPANHA - Combate e até marchinha contra os mijões

Há dois anos a Prefeitura do Rio declarou guerra aos mijões e considerou delito o ato de urinar nas ruas da cidade. O cerco fechou e, no Carnaval deste ano, 887 pessoas foram flagradas cometendo a infração. O número vem crescendo a cada ano, já que, em 2011, 671 e, em 2010, 360 foliões foram detidos.

Enquanto tentava equipar as ruas com banheiros químicos, a Prefeitura do Rio divulgava campanha contra os mijões. No fim do ano passado, até uma marchinha de Carnaval educativa foi veiculada em vários tipos de mídia. O refrão era claro e mandava recado aos foliões. Tá com vontade de fazer xixi, não faz aqui, não faz aqui, diz a letra de João Roberto Kelly.

85 ANOS - Estádio pode ter visita guiada

Um dos maiores orgulhos dos vascaínos, o estádio de São Januário, construído com o dinheiro dos comerciantes locais em 1927 para que o Vasco disputasse competições oficiais, passou por reformas recentemente e hoje completa 85 anos. Uma das ideias da diretoria atualmente é levantar recursos com o local. O vice-presidente de patrimônio do Gigante da Colina, Frederico Lopes, afirmou que já estuda a possibilidade de permitir o acesso de visitantes.

A gente está estudando essa possibilidade. Queremos abrir os portões de São Januário para uma visita guiada. Mas ainda não tem data. Estamos conversando com algumas empresas interessadas para avaliarmos melhor o caso, disse o dirigente.

Hoje, por volta das 11h30, o presidente do Vasco, Roberto Dinamite, para comemorar a data, estará na loja oficial do clube em São Januário para uma manhã de autógrafos.

Ficamos muito felizes por estarmos presenciando uma data tão especial para os vascaínos. São Januário é um grande patrimônio nosso, onde a torcida se sente em casa. Por isso queremos cuidar com carinho, afirmou Frederico Lopes.

Matéria: “No supermercado Laranjeiras, a especialidade é o mau negócio”

Jornalista: Mário Jorge Guimarães

Fonte: Jornal O Globo

Data: 21/08/1990

No Supermercado Laranjeiras, a especialidade é o mau negócio

Heleno chegou ao Fluminense com pinta de galã e promessa de craque. Pelo menos era o que dizia o empresário Tadeu Sérgio, que foi buscá-lo no Inter. O então Vice-Presidente de Futebol Alexandre Fogaça não hesitou em contratá-lo, pagando NCZ\$ 10 mil por seu passe. Heleno assinou por um ano, mas três meses depois abandonou o futebol, voltando para Porto Alegre. O Fluminense ficou com o prejuízo, mas Tadeu, sem perder o crédito junto aos dirigentes, ainda tem trânsito fácil no Departamento de Futebol.

O caso de Heleno, cujo contrato foi suspenso em junho de 1989, é apenas um exemplo do que ainda hoje acontece no Fluminense. Se no portão da sede tivesse uma placa, anunciando que ali funciona um verdadeiro mercado persa, onde a atividade principal é a compra, venda e troca de jogadores, não seria exagero.

Os jogadores chegam e saem com tanta freqüência que muita gente sequer lembra que no ano passado, por decisão de Alexandre Fogaça, foram contratados Pereira, Cocada, Vagner, Márcio Luís, Vãnder Luís, Marquinho (ponta-esquerda), Vitor, João Carlos, Alemão, Hélio e Rinaldo, este, o único ainda no elenco. Sem contar outros que foram negociados para que os “reforços” pudessem chegar: Paulo Victor, Aldo, Ricardo, Eduardo, Edinho, Jandir, Romerito, Washington, Tato, Vica e Zé Maria. Fogaça só não comprou mais jogadores porque dois deles — o nigeriano

Benjy e o goiano Péricles — foram reprovados nos exames médicos.

Depois de tantos fracassos, a torcida jogou todas as suas esperanças no então candidato à Presidência, Angelo Chaves. Eleito, nem mesmo ele conseguiu, ainda, dar novo rumo ao futebol do clube. Se na gestão anterior, a de Fábio Egypto, Fogaça dava as cartas, auxiliado por Francisco Aguiar e Tadeu Sérgio, hoje Francisco Aguiar, o novo homem forte do futebol tricolor, mantém o mesmo Tadeu como assessor, sem deixar de ouvir os conselhos de Fogaça. Daí a continuidade da política de contratações equivocadas.

O curioso é que Tadeu acumula funções incompatíveis, pelo menos na questão ética: conselheiro do clube, empresário e procurador de jogadores do Fluminense. Já Francisco Aguiar, além de assessor do Presidente Angelo Chaves, é o braço direito do Presidente Eduardo Vianna, na Federação, onde exerce o cargo de Diretor de Operações Externas.

A falta de critério nas contratações, além de gerar verdadeira crise financeira, a ponto de Angelo Chaves dizer que o clube só formará um grande time no ano 2000, levou o Fluminense a praticamente se desfazer do time tricampeão de 83/84/85. Até hoje o Fluminense não encontrou substitutos para Assis e companhia. Ou melhor: quando os encontrou nas divisões de base, vendeu-os. Casos de Donizete e Eduardo.

A maior prova de que vem inexistindo critério na hora de empregar o

dinheiro do clube são as transações feitas com os próprios contratados. O lateral Marquinhos, por exemplo, foi trocado por três jogadores, sendo que dois deles haviam chegado como soluções para suas posições: Vãnder Luís e Cocada. Sem contar o caso de Vitor, que Fogaça contratou por CZ\$ 300 mil e Aguiar liberou com passe livre. Na compra do lateral Luciano, por Cr\$ 1,2 milhão, outra curiosidade: o intermediário da transação, o empresário Léo Rabelo, foi o primeiro a admitir que o jogador estava com seu preço acima do mercado.

Com a venda de Donizete, pode ser que haja mais compra, venda e troca. Além de algum dinheiro em caixa, os dirigentes também demonstram descontentamento com uma série de jogadores, que devem ser incluídos em novas transações. Se o lateral Marquinho for mesmo um deles, será difícil montar o quebra-cabeças. Afinal ele chegou em troca de três.

Diante de tantas negociações, os treinadores das divisões inferiores temem que a próxima safra possa ser sacrificada, a exemplo da anterior. Afinal, sem que haja uma base nos profissionais, os garotos não podem ser lançados. Segundo o técnico Zé Roberto, responsável pelos juniores, existem na categoria jogadores de gabarito. São eles: Mário, Mário Xavier, Nilberto, Renato, Marcelinho, Wallace, Valdinei e Marcelo Barreto, este com 20 anos.

Matéria: "Eurico sonega Imposto de Renda desde 1990"

Jornalista: Marcos Malafaia

Fonte: Jornal O Globo

Data: 24/02/1994

Quinta-feira, 24 de fevereiro de 1994

O GLOBO

Eurico sonega Imposto de Renda desde 1990*Dirigente poderá ser condenado de 2 a 6 anos de prisão*

O vice-presidente de Futebol do Vasco, Eurico Miranda, não declara o Imposto de Renda (IR) desde 1990. A informação chegou ao delegado Matheus Casado Martins, da Polícia Federal (PF), por meio de ofício do dia 11, da Delegacia da Receita Federal no Rio.

Ontem de manhã, o delegado Casado se reuniu com o deputado estadual Sérgio Cabral Filho (PSDB). O delegado disse ao deputado que poderá abrir novo inquérito, indiciando Eurico por desrespeito à Lei 4.729/65 do Código Penal (sobre a omissão de declaração do IR) e também à Lei 8.137/90 (sobre omissão perante o Fisco). O dirigente poderá ser condenado a um mínimo de dois anos e a um máximo de seis anos de prisão.

Ouvindo pelo GLOBO, Eurico disse que falará sobre o assunto somente em juízo. Com mais oito pessoas, ele já foi indiciado pelo delegado Casado por estelionato e formação de quadrilha no inquérito sobre manipulação de resultados de jogos de futebol do Rio. O dirigente também é alvo de investigações sobre sonegação de IR e evasão de divisas na negociação de passes de jogadores.

O novo indiciamento de Eurico deverá basear-se no ofício DRF/RJ 120/94, da Receita Federal, assinado pelo delegado da Receita Youmans Duque Estrada e enviado a Matheus Casado. Sobre Eurico (CPF 339.697.797-15), o documento cita as declarações dos exercícios de 1989 (anos-base 88) e 90 (ano-base 89), as únicas apresentadas no último quinquênio. No mesmo ofício, há a ressalva de que a Federação de Futebol do Rio (Ferj), CGC 33.651.308/0001-56, apresentou



Eurico Miranda, dirigente do Vasco: sonegador do Imposto de Renda

declarações em 89, 90, 91, e 93.

A PF reuniu um verdadeiro "Dossiê Eurico Miranda", com as cópias das declarações de 89 e 90. Da declaração de bens, constavam um apartamento na Rua Coelho Neto, em Laranjeiras — Eurico mora numa cobertura na mesma rua; um terreno em Cabo Frio; jóias; quatro títulos de sócio do Ginástico Português; 120 mil ações da Bacal; 1.600 ações do grupo Monteiro Aranha; e bens de sua mulher.

Sérgio Cabral Filho disse que a PF está investigando denúncia da existência de contabilidade paralela (caixa 2) na Ferj.

Caso isso se confirme, os dirigentes da Ferj poderão ser indiciados por desrespeito à Lei 7.492/86 (Colarinho Branco).

●FARAH — A Receita Federal investigará o crescimento do patrimônio do presidente da Federação Paulista, Eduardo José Farah, acusado de acumular fortuna de US\$ 2 milhões nos últimos seis anos. A informação foi dada pelos deputados José Dirceu, José Cicote e Lucas Buzato, que apresentaram a Osiris Lopes Filho, secretário da Receita, lista dos imóveis e automóveis comprados por Farah desde 88.

Alerj decide hoje sobre instalação da CPI do Apito

Deverá ser votada hoje, às 16h30m, na Assembleia Legislativa (Alerj), a proposta do deputado Sérgio Cabral Filho (PSDB) de instalação da CPI do Apito, que, com sete integrantes, apurará irregularidades no futebol do Rio.

Otimista, o deputado disse que a CPI quebrará o sigilo bancário dos suspeitos e investigará as ligas do interior — com base nas denúncias de José Sérgio da Costa Niedo, presidente da Liga de Friburgo, e de Vitor Lourenço, presidente da Liga de Bom Jardim. Sérgio Cabral Filho entregará cópias do inquérito da PF aos deputados, para informá-los sobre as denúncias de manipulação de resultados; enriquecimento ilícito de dirigentes; sonegação de impostos nas vendas de jogadores; e fraude nas blhetérias.

Após se reunir com o delegado Matheus Casado, na PF, o deputado conversou com Reginaldo Mathias, ex-presidente do Sindicato dos Arbitros. Mathias quer lutar por uma associação independente de arbitros, com base na Lei Zico, cujos juizes-membros prestariam serviços à Ferj e à CBF. Mathias acrescentou que os arbitros são instrumentos nas mãos de dirigentes desonestos e pediu que sejam investigadas irregularidades na Comissão Nacional de Arbitragem de Futebol (Conaf), da CBF.

O deputado lamentou que Flamengo e Fluminense tenham assinado a moção de desagravo a Eduardo Viana, presidente da Ferj, e disse que a CPI do Apito vai não só descobrir os culpados, mas apontar novos rumos para o futebol.

Matéria: “Torcida Organizada do Fluminense coloca Fred para correr de bar no Arpoador”

Jornalista: Caio Barbosa

Fonte: Jornal Extra

Data: 04/08/2011

Torcida Organizada do Fluminense coloca Fred para correr de bar no Arpoador

A desregrada vida noturna do atacante Fred está de volta à pauta tricolor. Na madrugada de ontem, o jogador foi flagrado por torcedores bebendo no Astor, famoso bar no Arpoador, ao lado de Rafael Moura, dois amigos, e quatro lindas acompanhantes, sendo duas louras e duas morenas.

O jogador, que prometeu fazer 60 gols pelo Fluminense na última temporada (fez apenas 18) e passou a maior parte do ano no departamento médico, consumiu com seus amigos, em pouco mais de 90 minutos — entre meia-noite e duas da manhã —, mais de 60 caipisquês (R\$ 16,50 cada), picadinhos (R\$ 36), espaguete (R\$ 36) e o tradicional tira-gosto do bar: besteiras à milanesa (R\$ 31).

O consumo frenético chamou a atenção dos frequentadores do bar e, em pouco tempo, diretores da Young Flu, principal torcida organizada do clube, apareceram para reclamar.

— Não entendemos nada, porque no domingo a gente tinha conversado com ele, e o papo foi ótimo. Ele reconheceu que, nos primeiros seis meses no Fluminense, se dedicou mais à putaria do que ao clube, mas disse que estava tranquilo, que tinha amadurecido e estava focado — disse Leandro Carvalho, presidente da torcida.

PERSEGUIÇÃO NA VIEIRA SOUTO

Ao avistar os torcedores na porta do bar, Fred tratou de fechar a conta e ir para sua casa, a alguns metros dali. Mas era apenas uma tentativa de despistar a galera. Fred, em sua BMW X6 preta, e Rafael Moura, num Land Rover preto, fingiram uma volta para casa e saíram em disparada pelas ruas de Ipanema, em altíssima velocidade, em direção à Barra da Tijuca, deixando o Fiesta ocupado pelos torcedores, literalmente, na pista.

A atitude dos atacantes Fred e Rafael Moura deixou o técnico Abel Braga e o vice de futebol Sandro Lima estarrecidos, já que horas antes da bebedeira o treinador havia conversado com os mesmos torcedores, garantindo a eles que o comportamento do atacante havia mudado. O treinador chegou a levar as mãos à cabeça ao tomar conhecimento do ocorrido.

Abel e Sandrão preferiram não se pronunciar a respeito, e ontem se limitaram a dizer que vão conversar com os atletas para resolver o problema internamente. Enquanto isso, a vigília será mantida.

— Ele trocou ideia com a gente e, dois dias depois, fugiu. Se não estivesse fazendo nada de errado, era só chegar e falar. Parece que os seis meses de putaria ainda continuam. Acho que ele está devendo, vivendo da boa fase de 2009 quando

ajudou o Fluminense a escapar do rebaixamento. Foi importante, mas vamos combinar que isso é muito pouco — criticou Leandro Carvalho.

Matéria: “Queimadura em moto pode tirar Adriano de jogo decisivo”

Jornalista: Janir Júnior

Fonte: Jornal O Dia

Data: 27/11/2009

Queimadura em moto pode tirar Adriano de jogo decisivo

Adriano não treinou na quinta-feira. No seu pé esquerdo, a marca de mais uma travessura: uma queimadura, consequência de um passeio na carona de uma moto, que causa muitas dores no camisa 10, fez com que ele concedesse entrevista de meias para não chamar atenção, caminhasse com dificuldades do vestiário até o ônibus da delegação e deixasse aceso o sinal de alerta no Flamengo para o jogo com o Corinthians, domingo. A informação passada pelo clube foi a de que o atacante teria se machucado em casa, versão derrubada na roda de amigos do jogador.

“Não foi nada, problema normal”, limitou-se a dizer Adriano, pouco depois da entrevista concedida na quinta, no Ninho do Urubu, sem mencionar a queimadura. O problema foi minimizado e os médicos não se pronunciaram sobre o assunto. O clube fez o comunicado do problema quando o atacante já estava no ônibus da delegação.

Nesta sexta, ele será reavaliado para saber como está o local afetado, na parte de dentro do tornozelo, em uma parte essencial, pois é muito exigida desde uma simples corrida até o chute, ainda mais sendo a perna esquerda, o forte de Adriano. Geralmente, o segundo dia depois da queimadura é que se tem noção exata da gravidade.

Na quinta, o jogador não demonstrava o mesmo bom humor das últimas entrevistas. Depois de conversar com os amigos, ele foi ao departamento médico e fez alguns poucos exercícios na sala de musculação. O atacante chegou a relutar em falar com a imprensa, como fora agendado na véspera, mas acabou aceitando responder às perguntas dos jornalistas e até esboçou alguns sorrisos.

Entre os amigos presentes ao Ninho do Urubu para acompanhar o jogador - como acontece diariamente - um dos parceiros mais desavisados deixou escapar. “Pô, a queimadura tá feia. Deu vacilo na moto”, comentou um amigo.